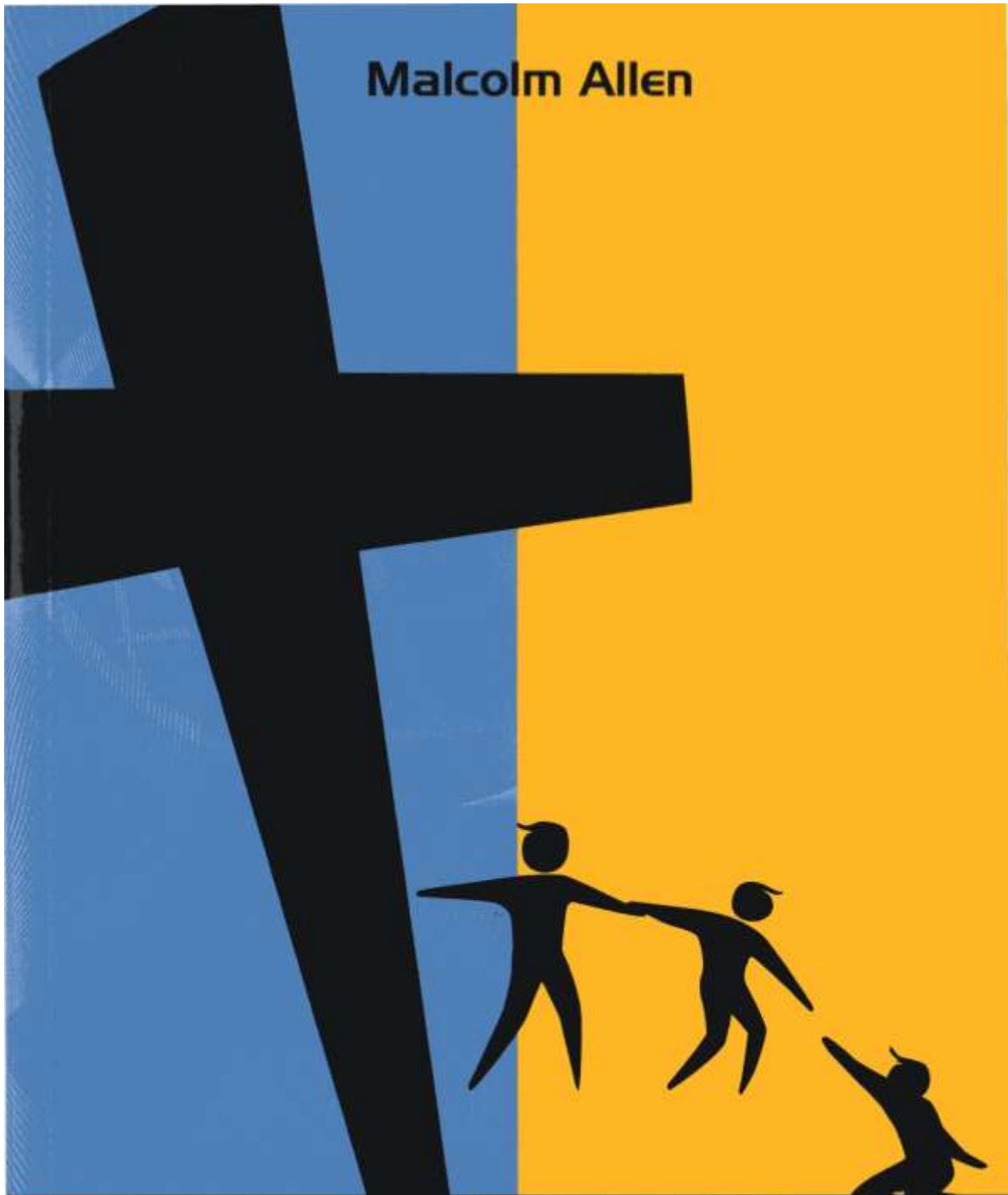


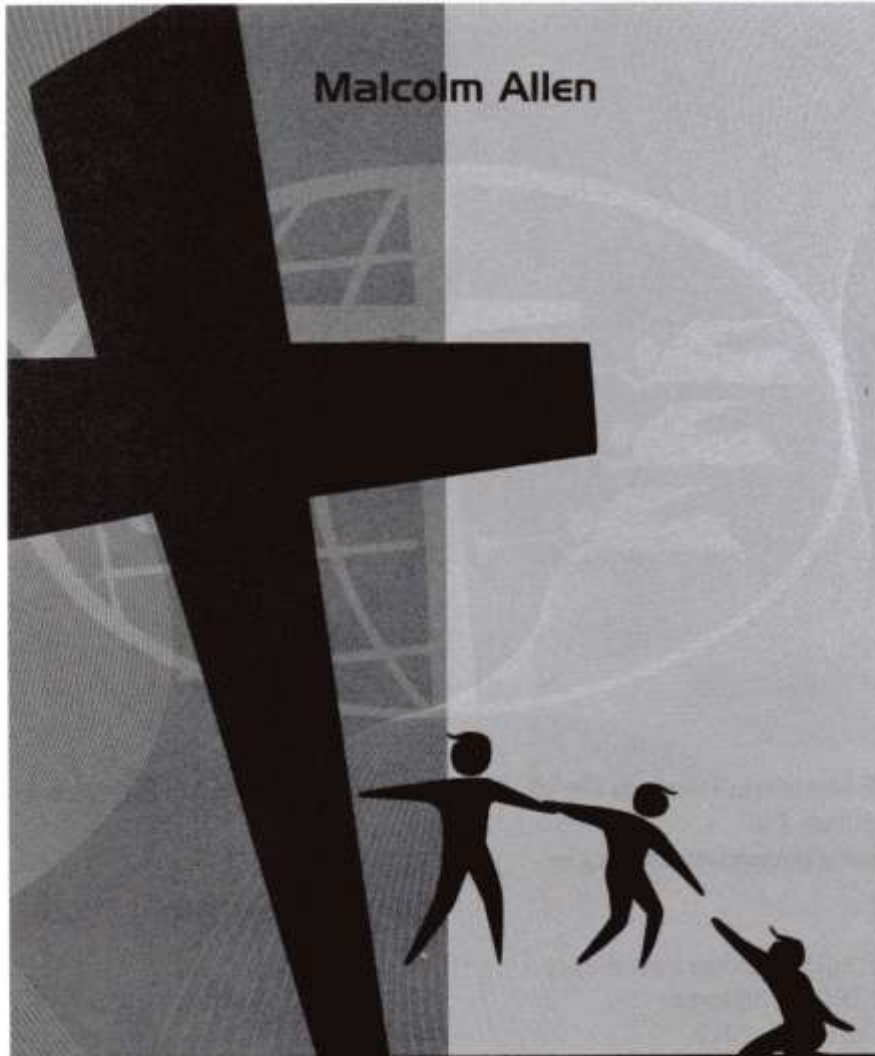
Malcolm Allen



Salvação e Serviço

O DESAFIO DO MINISTÉRIO JOVEM

Malcolm Allen



Salvação e Serviço

O DESAFIO DO MINISTÉRIO JOVEM

© Ministério Jovem da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do
Sétimo Dia
www.igrejaadventista.org.br

3ª edição revista e atualizada
2.000 exemplares
Dezembro 2012

Tradução: Divisão Sul-Americana

Capa, projeto gráfico e editoração: Editora Sobre Tudo Ltda.
Site: www.editorasobretudo.com.br
Tel.: 11 5687-4704

Impresso no Brasil

Sumário

Declaração de missão do Ministério Jovem Adventista.....	7
1. Mensagem de Elias.....	9
2. Fundamento bíblico.....	13
3. Ministério jovem da IASD - uma análise.....	27
4. Nas igrejas populares.....	38
5. Motivação histórica.....	46
6. Escola sabatina e departamento dos jovens.....	54
7. Jovens adventistas.....	65
8. Departamento separado.....	79
9. Funções do ministério jovem.....	86
10. Ministério jovem e outros departamentos.....	94
11. Passado e presente.....	109
12. Orientação divina ou pressão secular?.....	114
13. Tendências inquietantes.....	131
14. Reestruturação e reedificação.....	137
15. Comissão para tratar dos jovens.....	146
16. Presente e futuro.....	152
17. Nossa missão.....	157

introdução

DECLARAÇÃO DE MISSÃO DO MINISTÉRIO JOVEM ADVENTISTA

O objetivo primordial do ministério jovem é a salvação dos jovens por meio de Jesus Cristo.

Entendemos que o ministério jovem é a parte da obra da igreja que é realizada para os jovens, com os jovens e pelos jovens.

Nossa tarefa consiste em:

- Levar os jovens a se conscientizar de seu próprio valor e a descobrir e desenvolver seus dons e habilidades espirituais.
- Capacitar os jovens a uma vida de serviço na igreja de Deus e na comunidade.
- Assegurar a integração dos jovens em todos os aspectos da vida e da liderança da igreja, de maneira que possam participar plenamente de sua missão.

Para cumprir nossa tarefa:

- Levaremos a cabo um ministério equilibrado mediante a incorporação da dinâmica bíblica de companheirismo, ensinamento, adoração e missão.
- Comprometemo-nos a assegurar a importância e eficácia desse ministério mediante a adequação permanente dele com as necessidades dos jovens. É imperativo estarmos atentos às reações dos jovens, suas preocupações e sugestões, e que nos mantenhamos informados quanto às mesmas. O ministério eficaz é possível numa atmosfera de amor, aceitação e perdão.

Desafio do Ministério Jovem

- Empreenderemos estudos aprofundados com a intenção de descobrir outros aspectos que demandem nossa atenção. Estaremos dispostos a reavaliar nossos projetos e introduzir modificações nos mesmos, porque reconhecemos a natureza instável da juventude atual.
- Buscaremos fonte de inspiração na Palavra de Deus e em nossa história, e manteremos a fé no Senhor quanto ao nosso futuro. Nossa filosofia encontrará expressão em uma grande variedade de estilos e programas de serviço ordenados por Deus.
- Realizaremos avaliações periódicas para nos assegurarmos de que estamos alcançando nossos objetivos.

- Adotado pelos diretores de jovens da Associação Geral e Divisões em julho de 1993.

capítulo 1

MENSAGEM DE ELIAS

“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição” (Malaquias 4:5, 6).

A expressão *mensagem de Elias* é bem conhecida dos adventistas. Cresci ouvindo essa frase. Os pioneiros dessa mensagem pregavam-na. Mas, hoje em dia não a ouvimos muito.

Em que consiste a mensagem de Elias? Se levarmos em conta o contexto dessa mensagem e sua história profética, compreenderemos quão importante e fundamental ela é para a igreja.

Em primeiro lugar, a mensagem de Elias é uma mensagem profética. É a mensagem para um tempo específico. É a mensagem de advertência destinada a ser proclamada exatamente antes da vinda do Senhor, a mensagem de que Jesus está para voltar e juízos estão por cair. Destina-se a edificar e unir a igreja. A mensagem de Elias é a mensagem de esperança e de advertência que precisa ser apresentada. É o mesmo evangelho eterno de Apocalipse 14.

Em segundo lugar, é uma mensagem completa. Não é parcial, mas integral. Restaurará as verdades de Deus. Doutrinas como o sábado, o santuário, o batismo, a expiação e o juízo, são temas que pertencem ao evangelho eterno, são mensagens que podemos pregar com confiança. Muitas outras coisas, entretanto, incluem-se na mensagem de Elias, além de *o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus*. Por exemplo, essa proclamação também abrange a mensagem de saúde. Se aceitarmos a mensagem de Elias, simplesmente não

Desafio do Ministério Jovem

poderemos eliminar uma parte dela. Precisaremos pregar essa mensagem em sua totalidade, ou então estaremos fazendo injustiça à verdade de Deus.

Em terceiro lugar, para ser completa e eficaz, essa mensagem deve se destinar também aos jovens. Nos próprios versos de onde vem a expressão mensagem de Elias, está escrito: “Para que eu não venha...” Esse *Eu* se refere ao próprio Deus. Ele mesmo, o Senhor, converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos pais. Será uma mensagem centralizada na juventude.

Esta igreja encontra-se na linha profética do povo remanescente de Deus. É a esse povo remanescente, que guarda os mandamentos de Deus e tem o testemunho de Jesus, que a mensagem diz respeito. Precisa ser tanto uma mensagem quanto uma missão. A posse dessa mensagem ocupa um lugar de destaque no ministério jovem. Uma igreja remanescente que tem a mensagem de Elias deve dar importância aos seus jovens. E uma prova do caráter genuíno da igreja é que seu ministério junto aos jovens tenha êxito.

Existe uma base bíblica para o ministério jovem. A filosofia adventista desse ministério abrange a salvação de nossa juventude e a aceitação, por parte da igreja, de sua responsabilidade para com os jovens.

Uma coisa é nos darmos conta de que temos jovens na igreja, outra é aceitar a responsabilidade por eles e lhes oferecer uma mensagem de esperança que traga paz à alma. A igreja tem a responsabilidade de incentivar os jovens a participar, em razão da iminente volta do Senhor.

Nossa juventude precisa ser desafiada hoje com uma mensagem que lhe seja relevante, que lhe supra as necessidades. Precisa ver essa mensagem vivida pela igreja e seus membros. Precisa ser levada, por preceito e exemplo, a adotar um estilo de vida que lhe permita apreciar a presença de Deus neste planeta, a fim de que esse apreço e comunhão possam ter prosseguimento nas cortes celestiais. É essa a mensagem e a missão da igreja aos jovens.

Como diretor dos jovens da Associação Geral, como pastor e pai, preocupo-me com o fato de que muitos não compreendem

a natureza singular da mensagem de Elias para os jovens. Muitos líderes de jovens buscam incentivos para seu ministério nos costumes e práticas do mundo e também no ministério jovem das igrejas populares ou na comunidade. Bebem das cisternas rotas do mundo e consideram isso como sendo ministério jovem adventista. Nada pode estar mais distante da verdade. Assim como temos uma mensagem doutrinária distinta, temos um ministério jovem distinto. Precisamos ser diferentes. Temos uma mensagem e um movimento ordenados por Deus para salvar os Seus jovens. Essa é justamente a razão pela qual devemos examinar nosso ministério jovem adventista.

Não tenho nenhum desejo de apresentar minha filosofia ou meus objetivos, desafios e programas. Estou mais interessado em apresentar o alicerce bíblico para o ministério jovem. Podemos adquirir um manual nas Associações ou Missões de nossa igreja e ler acerca do funcionamento da obra entre os jovens, mas para compreender esse ministério precisamos falar acerca de coisas espirituais de valor eterno. A mensagem de Elias deve estar implícita no ministério jovem. A prova de que esse ministério é genuíno reside na sua eficácia. Contamos com uma base bíblica e histórica para nosso ministério.

O ministério jovem adventista não é um programa de entretenimento, uma instituição para atender crianças ou outro órgão de serviços comunitários. É ordenado por Deus para salvar Sua juventude. É o veículo que deve transportar nossos jovens em segurança da terra para o céu, a fim de que não se percam pelo caminho. Todos os programas e atividades deveriam captar e estimular a atenção dos jovens. O interesse e envolvimento deles deveriam aprofundar o relacionamento com Deus e focalizar a atenção no rumo e no alvo do adventismo.

O ministério jovem, em sua totalidade, foi designado por Deus com um único propósito - salvar nossa juventude. Os programas e atividades que oferecemos devem estimular-lhe o interesse, para que não se sinta entediada ao longo do caminho ou seja levada a sucumbir diante das tentações e prazeres do mundo.

Quando nos concentramos na mecânica dos programas ou

Desafio do Ministério Jovem

atribuímos uma importância excessiva às atividades, perdemos de vista nosso ministério e daí pode resultar apostasia e perda de muitos de nossos jovens.

O verdadeiro ministério jovem adventista não perderá de vista os seus objetivos. Oferecerá recreação e alegria, atividades envolvendo a participação dos jovens. Contudo, seu enfoque básico será a espiritualidade e o serviço, de maneira que a juventude mantenha seu compromisso e interesse.

A filosofia adventista do ministério jovem deve centralizar-se na salvação de nossa juventude. É esse o nosso alvo e desafio.

capítulo 2

FUNDAMENTO BÍBLICO

Em II Pedro 1:16, o apóstolo diz que os líderes da igreja cristã primitiva não seguiam “fábulas engenhosamente inventadas”. Como membro da igreja de Deus, fico muito feliz por isso! Não seguimos as fábulas de Esopo (escravo grego contador de fábulas - nota dos tradutores) ou um conto de fadas. Não temos nos dirigido às escolas ou bibliotecas públicas a fim de buscar os contos de Andersen (autor e compilador de contos de fadas - nota dos tradutores). Pedro nos diz que temos aqui a Palavra de Deus, escrita por homens inspirados. Inspirados por quem? Pelo Espírito Santo. Encontramos na Palavra de Deus a fundamentação para o que estamos fazendo no ministério jovem. A base de nossa ação não é a palavra de um homem na Associação Geral ou de um diretor de jovens de Associação ou Missão, ou quem sabe a palavra de alguém que tenha escrito um livro sobre jovens, o qual podemos adquirir numa livraria qualquer. Temos a Palavra de Deus, que nos diz: “Eis o que pretendo fazer com os jovens desta igreja”. Sou grato porque isso me dá confiança no fato de que temos raízes às quais recorrer e fê à qual nos apegar nesse aspecto.

Pedro assegura que não seguimos fábulas engenhosamente inventadas. Quando Paulo escreveu aos coríntios, também afirmou algo semelhante: “...assim luto, não como desferindo golpes no ar”(I Cor. 9:26), ou seja: “...não estou lutando com minha sombra”. Temos confiança que nosso ministério em favor dos jovens se baseia em um “assim diz o Senhor”, e que não estamos pelejando com a nossa própria sombra. Apresentamo-nos com nossas luvas a postos,

com a Palavra de Deus em nosso coração, prontos para combater de verdade. Estamos lutando pelas almas de nossos jovens. É isso o que conta. Partiremos para o último assalto, lutando pelos jovens com base em nossa compreensão da Palavra de Deus. Qual é, então, nossa base bíblica?

Isaías 54:13 diz: “Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e será grande a paz de teus filhos.” A época de Isaías foi de terrível corrupção, caracterizada pela ausência de moralidade. Os juízes julgavam para obter recompensas, e não em nome da justiça. Foi um período de grande imoralidade e profunda idolatria, uma época de cativo, vergonha e abandono de Deus e de Sua verdade, um momento na experiência e triste história dos filhos de Israel, quando chegaram a um de seus níveis mais baixos. Naquele tempo de terrível corrupção, parecia que ninguém mais acreditava no Deus do céu. Poucos ainda se lembravam da época em que a glória do *Shekinah* (a presença visível do Senhor) resplandecia no lugar santíssimo do templo, ou quando o fogo de Deus havia ardido pela última vez sobre o altar. Então surgiu em cena Isaías. Ele acreditava em Deus e em Seu poder para salvar, apesar das lamentáveis circunstâncias, e por isso deu a um de seus filhos o nome de “Salvação no Remanescente”. A tradução literal desse nome seria: “Haverá salvação nos remanescentes” (no hebraico: *Shear-jashub* e na versão bíblica em português, edição revista e atualizada: “Um-Resto-Volverá” - nota dos tradutores). Isaías trazia uma mensagem de esperança para o remanescente: “Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e será grande a paz de teus filhos”. No entanto, essa mensagem não se destinava apenas ao remanescente daquela época, mas, através dos olhos da profecia, apontava o momento impreciso e distante em que estamos vivendo hoje. Isaías viu esta igreja e seu povo em pé, na longa linha profética dos remanescentes. “Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e será grande a paz de teus filhos.” Esse texto é para a igreja de hoje. Aplica-se a nós, o Israel espiritual. Isaías aguardava um tempo de restauração e redenção. Nós aguardamos um tempo de restauração e redenção que está às portas. Eu creio que esse tempo está muito próximo!

Analisemos detalhadamente esse versículo. Esse texto é para nós! Não é destinado a outros! Nós somos pais e mães espirituais dos jovens de nossa igreja; e esses são os nossos filhos. O texto não fala dos filhos do vizinho do lado ou da frente. Não trata dos jovens que moram no outro lado do hemisfério ou além das fronteiras de qualquer reino. É de *teus filhos* que ele está falando! Dos jovens que se encontram na igreja de Deus. Isaías afirma que “teus filhos serão ensinados”! Hoje em dia se ensina aos jovens de muitas maneiras. Os meios de comunicação são penetrantes e exercem grande influência em todas as formas. Ensina-se aos jovens por meio de um bombardeio de sensações visuais, táteis, auditivas, olfativas e também através da leitura. Enviamos nossos jovens à escola da igreja ou mesmo a uma instituição pública de ensino e lá eles aprendem, não somente com os mestres, mas também com os amigos. Por vezes aprendem com os colegas de rua. Mas não é isso o que o texto está dizendo. Ele diz: “Teus filhos serão ensinados do Senhor”. Há uma enorme diferença entre esse ensino e a filosofia do mundo. Nossos jovens serão ensinados pelo Senhor! É esse o ponto que desejo destacar. Essa é a base de nossa confiança como igreja e o porquê de nossa mensagem ser diferente.

Em primeiro lugar, observemos que a obra do Senhor, na mensagem de Elias, implica no fato de que o coração dos filhos se volte aos pais. E de que o coração dos pais se volte para os filhos. E de que ambos se voltem para Deus. Em segundo lugar, quando o Senhor proceder a esse ensino, “será grande a paz de teus filhos”. Isso abrange os domínios completos do coração, da mente, do corpo e do ambiente.

Quando viajo ao redor do mundo, tenho visitado muitos países que não conhecem a paz. Têm estado em guerra por três ou quatro gerações. Ao deixar minha esposa em casa, ambos temos consciência da gravidade de viajar no mundo de hoje, convulsionado pelos conflitos. Não conversamos muito sobre isso, mas nos damos conta do perigo que implica visitar certos países, e sabemos que a paz e a segurança são apenas o resultado da intervenção e da proteção de Deus. Em muitos lugares, observo jovens que não conhecem a paz. Recentemente fomos bloqueados num cruzamento de estradas

Desafio do Ministério Jovem

por um grupo de soldados armados de metralhadoras. A idade dos jovens guerrilheiros oscilava entre 9 e 14 anos. As metralhadoras eram do mesmo tamanho dos garotos, e eles as apoiavam nas janelas do carro. Mas nosso texto diz: “e será grande a paz de teus filhos”. Nosso mundo anseia por paz física. A mensagem que possuímos trará uma paz completa para a mente, o corpo e a alma. Pode haver guerra lá fora, mas a paz de espírito que não pode ser tirada de nossos filhos é aquela que somente Deus pode dar. Essa é a segurança que desejamos proporcionar aos nossos jovens por meio de nosso ministério em seu favor. A filosofia adventista do ministério jovem é a salvação dos nossos jovens e a aceitação por parte da igreja, de sua responsabilidade para com eles. Não é suficiente perceber que temos jovens na igreja. É necessário assumir que somos responsáveis por esses jovens e oferecer-lhes uma mensagem que traga paz à alma.

Um dos melhores capítulos com instruções para o ministério jovem, na Palavra de Deus, é Deuteronômio 6. Se desejamos servir aos jovens, precisamos entender esse capítulo. Os versículos 4 a 7 dizem: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos” (em algumas versões inglesas, “...tu as inculcarás diligentemente aos teus filhos...” - nota dos tradutores). A quem está se dirigindo Deus aqui? A igreja é o Israel espiritual. Israel somos nós. Israel é o povo remanescente de Deus. Quando Deus fala a Israel, está falando com toda a igreja. E o Senhor nunca disse: “Ouçam, pais, tenho que lhes dizer uma ou duas palavras”. Nem disse, tampouco: “Pastores, aqui estão dois conselhos que vocês podem anotar”. Ele não se dirige exclusivamente à comissão da Associação Geral para dizer: “Tenho duas recomendações para ser votadas pela comissão”. A mensagem de Deus em Deuteronômio 6 é: “Ouve, Israel; quero falar com a igreja toda”. Isso significa que Ele está falando a todos nós que fazemos parte da igreja hoje.

Observemos o versículo 5: “Amarás, pois, o Senhor teu Deus...”. A quem fala Deus agora? Aos jovens? Não, ele ainda está falando

com Israel, a Sua igreja. Ele diz: - Ouçam todos os membros, a igreja como um todo, ouçam isto: “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração”. É necessário um compromisso individual por parte de cada membro da igreja. E Ele diz mais: “Quando aceitarem esse compromisso como indivíduos, estarão assumindo uma responsabilidade individual e coletiva.

A instrução continua no versículo 6: “Estas palavras... estarão no teu coração”, o que nos remete a: “Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti” (Salmo 119:11), e “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos” (Salmo 119:105). Foi isso o que Deus disse. Essa é a palavra que temos que pôr em nosso coração. Ela deve dirigir nossos pensamentos e ações, inspirar nossas motivações e exercer influência sobre os princípios que regulam nossa vida. A responsabilidade da igreja para com seus jovens deve estar de acordo com as palavras de Deus. Isso é bíblico.

Leiamos agora o versículo 7. “E tu as inculcarás a teus filhos”. Quem seria esse *tu*? Ainda é a igreja em seu conjunto, e cada um dos membros que compõem seu corpo. Gosto de parafrasear a Palavra de Deus, dizendo: “Minha igreja, igreja adventista do sétimo dia, igreja remanescente de Deus, tu amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. E ensinarás diligentemente estas coisas a teus filhos”.

A mensagem de Elias, que converte o coração dos pais aos filhos, dos filhos a seus pais, e dos filhos a seu Deus, é a mensagem na qual precisamos acreditar e ensinar diligentemente em nossa igreja.

O advérbio *diligentemente* (relembrando: palavra que aparece em algumas versões inglesas da Bíblia, na frase “...tu as inculcarás diligentemente a teus filhos”, em Deut. 6:7 - nota dos tradutores) não aparece na maioria das traduções da Bíblia para o espanhol. Uma delas, *Dios habla hoy* (Deus Fala Hoje- nota dos tradutores), diz *continuamente* (no português, em várias versões, não se vê nenhum dos dois termos - nota dos tradutores). Diligentemente significa colocar empenho e dedicação no que se faz. Diz Paulo: “Para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim” (Colossenses 1:29).

Desafio do Ministério Jovem

Parafraseando, Paulo nos diz: “Com essa finalidade eu trabalho diligentemente, com toda a energia e o poder que Cristo me tem concedido”.

Ao ensinar diligentemente, você o faz com toda a eficácia de Deus, que opera em você exigindo o máximo de todos os nervos e fibras de seu corpo, até que esses peçam clemência. Não podemos ter uma igreja vacilante quanto à mensagem de Elias e seu ministério em favor dos jovens. Esse ministério é um dos mais difíceis na igreja. Ele vai exigir do motor de nossos veículos, vai gastar o carpete de nosso assoalho e as solas dos nossos sapatos. Vai consumir nossa energia e a conta bancária. Vai pôr tudo em tensão até o último limite, porque quando se lida com jovens, é necessário trabalhar com diligência e esforço. É a mais difícil, porém a mais bela obra que Deus nos tem confiado.

A Bíblia fala a verdade quando dá essa ideia de diligência. Deuteronômio 6:7-9 declara: “Tu as inculcarás diligentemente a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por frontal entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas” (conforme algumas versões inglesas - nota dos tradutores). A cada momento do dia, em cada aspecto de seu trabalho, você deve recordar a Palavra de Deus com seus filhos, nossos filhos. Quando Deus Se dirige aqui à igreja, Ele está dizendo que em todas as ocasiões, seja no trabalho, seja no lazer, assentados em casa, conversando, recebendo visitas ou visitando amigos, nos momentos de recreação ou ainda na escola, devemos ensinar aos jovens diligentemente. Esse é o ministério jovem. Não existe um aspecto da vida dos jovens que esteja isento da mensagem de Elias. Quando promovemos uma reunião social na igreja, as atividades devem ser de tal caráter, que os jovens sintam-se atraídos para Cristo. Arthur Spalding denominou esses encontros de “reuniões sociais para salvar”. Quando as crianças ou os jovens estão no colégio, a instituição deve atuar para salvá-los. Quando permanecem conosco em família, nós exercemos influência para salvá-los. Quando assentados nos bancos da igreja, a igreja contribui

para sua salvação. Quando permitimos que joguem futebol, o jogo deve desenrolar-se de tal maneira que também colabore para a salvação deles. O texto está abordando todos esses aspectos. A igreja deve envolver-se em todas as esferas da vida dos jovens, com o objetivo constante de promover sua salvação.

Então, o que devemos fazer? O verso 7 nos diz: “Tu as inculcarás a teus filhos”. Outra possível tradução seria: “tu as ensinarás a teus filhos”. Ele segue aconselhando: “O Senhor teu Deus temerás” (verso 13). É isso que precisamos ensinar. Devemos ensinar aos jovens o real significado do temor de Deus. Necessitamos ensiná-los a servir ao Senhor. O verso 17 diz: “Diligentemente guardarás os mandamentos do Senhor teu Deus”. E no verso 18: “Farás o que é reto e bom aos olhos do Senhor”. Essa mensagem, esse conjunto de instruções e verdades que Deus deseja que a igreja ensine aos jovens, deve se manifestar também na vida dos demais membros. A ideia é que o ministério jovem receba o apoio de adultos moldados por um estilo de vida cristão e viável. Não deve ser apresentado como uma teoria inerte, mas como uma religião significativa que os jovens possam verificar como algo prático que satisfaça as necessidades da vida diária. Os jovens podem ser mais facilmente convencidos a adotar um estilo de vida se esse funcionar e apresentar resultados, do que tentar convencê-los através de uma teoria estéril, cheia de proibições e de restrições.

Observemos os versos 20 e 21: “Quando teu filho de futuro te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos e estatutos e juízos que o Senhor nosso Deus vos ordenou? Então dirás a teu filho...” Lembremo-nos de que essa ainda é a instrução para a igreja. Como vamos respondê-la? Existem três coisas que Deus pede para a igreja fazer:

1. Devemos ensinar nossos filhos nos mandamentos, nos estatutos e na Palavra de Deus (Deut. 6:6-7).
2. Devemos recordar-lhes como Deus conduziu as coisas no passado (Deut. 6:20-23).
3. Devemos desafiá-los a viver daqui em diante de acordo com a Palavra do Altíssimo (Deut. 6:24).

Desafio do Ministério Jovem

Esses são os três princípios bíblicos do ministério em favor dos jovens. Instruir, fazer lembrar e desafiar. Quando deixamos de compreender esses princípios, o resultado é a apostasia de muitos de nossos jovens.

Sou adventista de terceira geração. Meus filhos já pertencem à quarta. Muitos dos leitores, possivelmente, são adventistas de segunda e terceira geração. O problema é que nossos antepassados apreenderam seus princípios da Palavra de Deus, mas nós esquecemos de transmitir os fundamentos bíblicos desses valores. Simplesmente dizíamos a nossos filhos: “- Não façam isso”. Agora os netos nos perguntam: “- Por quê?” Dizemos: “- Não fume”. E eles perguntam: “- Por quê?” Respondemos: “- Porque faz mal a você”. No entanto, temos consciência de que essa resposta, por si só, não é suficiente.

Quando um de meus filhos era pequeno costumava fazer muitas perguntas. Minha esposa se dispunha a satisfazer-lhe a curiosidade: “- Porque...” Mas, bastava começar a responder e ele já se dava por satisfeito. “- Por que não posso fazer isso?” “- Porque...” E pronto. Contudo, sabemos que isso não é suficiente, não é mesmo? Não podemos nos limitar a dizer “- Não faça isso!” Devemos dizer: “- Assim diz o Senhor.” A menos que encontremos um fundamento bíblico para a abstinência do álcool, fumo e drogas, a menos que apresentemos uma base bíblica que justifique o fato de não assistir a este vídeo mas sim àquele outro, e uma razão bíblica para não ouvir esta música mas ouvir aquela, ou um argumento bíblico para a observância do sábado, não teremos nada a dizer aos jovens de hoje. Precisamos dizer-lhes: “- Este é o caminho no qual Deus nos instruiu. É isso o que a Sua Palavra diz. Foi assim que Ele nos conduziu em situações semelhantes no passado, e agora os desafiamos a aceitarem Sua Palavra e viverem segundo seus princípios de hoje em diante.” Isso é o ministério jovem com base na Palavra de Deus. Já é tempo de sairmos como pregadores, professores, pais, e pregarmos a palavra de Deus para que a juventude tenha uma base bíblica que a capacite a distinguir entre a verdade e o erro. E qual será o resultado disso? O verso 25 de Deuteronômio 6 afirma: “Será por nós justiça”. Deus defenderá a causa de Seus servos. Considero maravilhosa essa promessa. É privilégio do fiel cristão dizer como o salmista: “O

Senhor está comigo; não temerei. Que me poderá fazer o homem?” (Salmo 118:6). O ministério jovem tem a ver com salvação. Quando avançamos confiantes e dispendo de uma sólida base bíblica para o ministério jovem, podemos dizer que o Senhor está conosco. O Senhor defenderá Sua causa. Isso será por nós justiça. A justiça de Deus cobrirá nossa juventude. Se seguirmos o plano, o caminho e a mensagem de Deus, cumpriremos Sua missão e salvaremos nossos jovens. O movimento dos jovens adventistas foi ordenado por Deus para a salvação deles. O Senhor tem determinado que a igreja seja o instrumento para ensinarmos diligentemente e sempre, os jovens. Tal instrução se deve dar em casa, na igreja, na escola, no trabalho ou no lazer, para que os jovens entendam que todos os aspectos de sua vida precisam estar expostos à vontade de Deus.

Agora quero chamar a atenção para o segundo capítulo de Joel. Aprecio muito esse capítulo! São palavras para nós, hoje. É uma mensagem de urgência que nos diz que o Senhor está chegando. Se o lermos, à luz de sua aplicação a nós como um povo, ele adquire um significado maior ainda: “Tocai a trombeta em Sião” (verso 1). E o que é Sião? Sião é Jerusalém. É a igreja de Deus. Sião somos nós mesmos, o grupo de pessoas mencionado em Deuteronômio 6. O texto não diz: “Ide, tocai a trombeta nas ruas”; mas sim: “Tocai a trombeta na igreja. Fazei soar o alarme.” Esse alarme soava quando havia perturbação, quando o povo estava em guerra. Ao ouvi-lo, as pessoas corriam. Era um caso de emergência.

Eu acredito que hoje o ministério jovem se encontra em estado de emergência. Portanto, vamos fazer soar o alarme. Soar o alarme no santo monte, ou seja, na igreja.

Diz o verso 16, de Joel 2: “Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam”. Essa é a mensagem para nossa igreja. “Reuni os filhinhos”, é o mesmo que dizer: “Reuni os jovens”. Uma igreja que oferece a sua juventude um serviço inconsistente jamais alcançará os objetivos de Missão Global. Se nós falamos a sério acerca da missão da igreja, devemos levar a sério a mensagem da igreja. “Reuni os jovens”. E por quê? Porque o Senhor diz que devemos santificá-los. Devemos

separá-los para uma atividade santa. Precisamos estar seguros de que nossos filhos estão preparados para sair ao encontro de seu Deus.

A igreja tem a responsabilidade de apelar aos jovens à luz da iminência do regresso de Jesus. Nossa juventude precisa ser desafiada hoje com uma mensagem relevante que supra suas necessidades. Os jovens precisam ver essa mensagem exemplificada na vida da igreja e de seus membros. Necessitam ser levados, por preceito e exemplo, a adotar um estilo de vida que lhes permita desfrutar a presença de Deus nesta terra, a fim de que a alegria desse relacionamento tenha prosseguimento nas cortes celestiais. Essa é a mensagem e esse é o ministério junto aos jovens da igreja. “Reuni os jovens.” Assegurar a salvação de nossa juventude é a obra da igreja em favor deles. Mas esse é apenas um dos objetivos bíblicos do ministério jovem adventista. Ele não é apenas um ministério feito para os jovens, mas sim, realizado por eles.

No mesmo capítulo de Joel que já mencionamos, ou seja, o capítulo 2, o povo se reconsagra ao Senhor. Sob a influência do Espírito Santo, arrependem-se dos pecados e se voltam para Deus. Então, Ele lhes concede Seu Espírito. Essa profecia tem grande aplicação a nós, a igreja remanescente da atualidade. Como povo remanescente que aceita a salvação, recebemos o Espírito Santo para nos preparar e estar em pé naquele grande dia. (Ver os versos 23 a 25.) Então, ao ser derramado o Espírito em grande medida, os jovens - como parte do corpo de Cristo - proclamarão poderosamente esse evangelho eterno. “E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão e vossos jovens terão visões” (Joel 2:28, 29). Os jovens nascidos de novo em Cristo e convencidos pela mensagem no espírito e no poder de Elias vão considerar com grande urgência a proclamação do evangelho eterno. A comissão evangélica (Mateus 28:19) os inclui. Como seguidores de Cristo, o serviço é sua responsabilidade. “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (I Pedro 2:9).

Quando após a ressurreição Jesus ascendeu ao céu, as palavras

de despedida que dirigiu aos discípulos apenas reafirmaram aquilo que Ele já havia declarado a Seu povo muitos séculos antes: “Vós sois minhas testemunhas” (Isaías 43:10, Atos 1:8). Esse convite para sermos participantes da missão da igreja de Deus se referia ao povo do Senhor em todas as épocas. Os jovens fazem parte dessa missão. Deus deseja o serviço deles. O ministério jovem deve incluir a responsabilidade da igreja de chamar a juventude para o serviço e prepará-la para tanto. Deve auxiliá-la, também, proporcionando oportunidades de atuação. Em nosso trato com a juventude, precisamos sempre ter consciência de seu potencial para o serviço, bem como da parte que Deus espera que cada um desempenhe em Sua missão. O ministério jovem também contribuirá para que a juventude encontre alegria no serviço e o considere um privilégio e uma responsabilidade.

Se como igreja aceitamos com seriedade nossa responsabilidade para com os jovens, para onde esse fato nos levará como líderes? Lembro-me do que escreveu Pedro: “...deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade,...” (II Pedro 3:11). Estamos numa posição única como ministros que servem aos jovens. É triste quando um ministro se afasta da fé em Deus, especialmente se a sua igreja, e especialmente os jovens, o tinham em alta consideração. Quando aparecem casos de imoralidade, de infidelidade e de adultério entre os pastores, é verdadeiramente triste. E é uma tragédia quando rapazes e moças, líderes de Desbravadores e de Aventureiros, tropeçam e caem. Sei que o diabo trabalha horas extras para conseguir esses resultados. Quando um líder apostata, isso abala a confiança dos jovens. Que classe de pessoas devemos ser?

Efésios 5:1 é um dos muitos textos que sustentam a base bíblica do ministério. Diz: “Sede, pois, imitadores de Deus como filhos amados”. Gosto de analisar esse verso. A palavra grega da qual se originou sede é um imperativo, como em português, porém, com um sentido de algo absolutamente necessário. Por esse motivo, poderíamos traduzir a frase da seguinte maneira: “Vós deveis” ou “Vocês devem”. A tradução não dá a mesma ênfase do original grego. “É absolutamente importante que vocês sejam imitadores de

Deus”. “Vocês devem ser imitadores de Deus”.

O texto não diz: Seja um seguidor de Jesus. Ao contrário, diz: “Sejam imitadores de Deus”. A palavra grega traduzida como imitadores é *miméomai*, da qual se forma a palavra mimetizar e derivam os termos mímica e imitação. Vocês devem ser imitadores de Deus. Em lugar algum do Novo Testamento está escrito que devemos ser imitadores de Jesus. Está escrito que devemos ser imitadores de Deus. Paulo escreveu sob inspiração do Senhor, caso contrário, poderíamos pensar que estava blasfemando. Disse: “Sede imitadores de Deus”. Jesus é nosso exemplo de como é Deus. Ele veio para mostrar-nos como é o Pai. Devemos seguir Seu exemplo e imitar a Deus. Disse Jesus: “...há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim, vê o Pai” (João 14:9). Creio que, se somos imitadores de Deus, os jovens dirão: “Mostrem-nos o Pai”, e poderemos replicar: “Já lhes mostramos o Pai; se vocês nos viram, já viram o Pai”. Isso não é blasfêmia, porque, na continuação de Efésios 5:1, está escrito “...como filhos amados”. A palavra grega traduzida aqui para filho é *tékna*, literalmente, “aqueles que são nascidos dele”. Os filhos e filhas de Deus são nascidos do Senhor Jesus Cristo. João 1:12 declara: “Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus”. Louvado seja Deus por isso!

Tenho quatro filhos. Infelizmente, estão começando a atuar como eu. Fisicamente, do ponto de vista humano, quando se concebe um filho ele recebe genes e cromossomos dos pais. E desse modo, as características são transmitidas pelas leis da genética e por isso as deixamos em herança aos nossos filhos.

Lembro-me de que antes de meu primeiro filho nascer, minha esposa e eu conversávamos sobre ele. Era uma experiência nova. Como seria nosso filho? Supostamente teria, como eu, os dedos mindinhos meio tortos... Teria o engraçado dedão do pé de minha esposa... Teria orelhas grandes, como eu... Com certeza teria um nariz como o de minha esposa... Quando terminamos de imaginar como seria nosso bebê, ele mais parecia um pequeno monstro. Todavia, felizmente Deus interferiu. Quando nosso filho nasceu, o Senhor fez algo com aqueles genes e cromossomos, e o bebê não saiu feio.

Quando nossos filhos começaram a crescer, minha esposa costumava dizer: “Olhe para ele. É igual a você”. E eu perguntava: “Em que sentido?” Um dia, quando participávamos de um culto, nosso filho Brett cantou um hino especial. Senti-me orgulhoso dele. Então, minha esposa disse: “Olhe para ele; é igual a você”. Perguntei: “O que você quer dizer?” Ela respondeu: “Observe. Ele enfia os polegares por baixo do cinto”. Perguntei: “E quem é que faz isso!?!...” Então olhei para mim mesmo..!

Outro dia, estávamos caminhando com nosso segundo filho, e ao ele se adiantar, minha esposa disse: “Olhe para ele; observe o seu jeito de caminhar. É igualzinho a você!..” Nossos filhos fazem as coisas que fazemos porque são nossos filhos. Não existe outra razão. O verso diz que devemos ser imitadores de Deus, devemos ser como alguém que nasceu dEle.

O quinto capítulo da epístola de Efésios também fala de coisas que nunca deveriam acontecer na vida de um líder cristão: impureza, imoralidade, zombaria, conversação leviana, brincadeiras inconvenientes, piadas maliciosas. Essas coisas não têm parte no reino de Deus. No verso 7, Paulo prossegue: “...não sejais participantes com eles”, e explica que há filhos da luz e filhos das trevas. O templo de Diana estava localizado em Éfeso. Era para lá que as pessoas costumavam ir antes de se tornarem cristãs. Era o centro social da cidade, um lugar cheio de sacerdotisas pagãs e prostitutas que exerciam seu ofício no templo. Lá se realizavam orgias, bebedeiras, e representações teatrais. Todas essas coisas costumavam acontecer ali, mas Paulo lembrava aos efésios que haviam se tornado filhos da luz, e não das trevas. “Não sejais participantes com eles.”

Irmãos líderes de jovens, o ministério jovem é desafiador. Vocês não podem ser líderes de jovens e pretender, ao mesmo tempo, ser filhos da luz e das trevas. “Sede imitadores de Deus.” Nesse ministério há um desafio que Deus espera transcenda qualquer coisa que este mundo tem para oferecer, porque somos filhos e filhas de Deus.

Em Éfeso costumavam dizer: “Nós vamos ao templo de Diana somente para ver o espetáculo, não participamos da liturgia.” Mas, no cenário desse templo, onde se exibiam as peças teatrais, todos os vícios e pecados do mundo eram retratados. Paulo advertiu: “Se vocês forem lá para assistir, serão participantes de seus pecados”.

Desafio do Ministério Jovem

Observem a programação da TV. Leiam a resenha dos filmes. Fiz isso a propósito, uma noite dessas. Em dez páginas, não encontrei uma que não retratasse os pecados deste mundo. Como mordomos do dinheiro do Senhor, pagamos para ver com nossa família, o pecado acontecendo! Não sejamos participantes desses pecados! Não nos enganemos, dizendo: “Ah, Senhor! Estou só assistindo a um filme!” Esses filmes retratam os pecados pelos quais Cristo morreu. Se tomamos a sério o ministério jovem, devemos começar a ser imitadores de Deus. Não nos queixemos ao Senhor no dia do juízo, quando Ele perguntar: “Onde está o teu rebanho, o teu lindo rebanho?” Já é tempo de levarmos a sério essa imitação de Deus e de Seu Filho, Jesus Cristo. Isso faz parte da mensagem de Elias. “Não sejais participantes com eles.” O ministério jovem requer líderes que vivam um estilo de vida cristão e dinâmico. A liderança no ministério jovem tem mais a ver com a influência da religião cristã em sua própria vida, do que com a assimilação da mecânica da liderança e da psicologia jovem. Podemos adquirir todos os livros sobre psicologia da juventude que quisermos. Podemos comprar todos os manuais sobre como conduzir o ministério jovem, mas isso não significará absolutamente nada se for contestado pela influência de uma vida que se aparta do Senhor Jesus Cristo.

O ministério jovem pastoreia os jovens e reflete um cristianismo prático, preparando-os e dirigindo-os para o serviço, a fim de que possam desfrutar a emoção de viver para Jesus. Permite-lhes cumprir o propósito do Senhor para a vida deles. O desafio é visualizar nossos métodos e abordagens como um ministério baseado na Bíblia, o qual exerça influência sobre a salvação. Isso, creio eu, é a mensagem de Elias para os jovens! O ministério jovem é o veículo que transportará com segurança os jovens deste mundo para que estejam em pé diante do trono de Deus. O propósito do ministério jovem está incorporado em seu alvo: “A mensagem do advento a todo o mundo em minha geração”. É, em essência, a mensagem de Elias. Acima de tudo, o ministério jovem deve ser evangelizador. Teremos que responder diante de Deus por nosso ministério. Quando Cristo voltar, nos perguntará: “Onde está teu rebanho, teu lindo rebanho?” E nós devemos estar em condições de responder positivamente.

capítulo 3

MINISTÉRIO JOVEM DA IASD - UMA ANÁLISE

Um estudo da história do ministério jovem na Igreja Adventista do Sétimo Dia revela que este se desenvolveu à medida em que a organização crescia e progredia.

Nos primeiros quarenta anos do ministério adventista - de 1840 a 1880 - os jovens efetivamente faziam parte da igreja. Na realidade, muitos de nossos pioneiros eram jovens que participavam ativamente no ministério e na proclamação da mensagem. A princípio, os líderes prestaram pouca atenção à responsabilidade da igreja com seus jovens. Pareciam refletir a atitude da sociedade daquele tempo, que afirmava que os filhos tinham que ser vistos, mas não ouvidos. Por outro lado, os jovens não foram de todo ignorados. Em torno de 1880, os pioneiros e os dirigentes de nossa obra estavam na faixa dos 50 ou 60 anos de idade, e muitos dos jovens eram adventistas de segunda e terceira geração. Foram feitas algumas tentativas para se estabelecer a educação cristã. Havia publicações e artigos escritos para os jovens. A igreja, contudo, não tinha reconhecido formalmente a sua responsabilidade total para com a juventude. Alguns jovens nascidos e criados em famílias adventistas começaram a desviar-se do caminho e sair da igreja.

Em 1879, Luther Warren e Harry Fenner, então com 14 e 17 anos de idade respectivamente, foram levados pela providência de Deus a responder a essa necessidade e fundar a primeira sociedade de jovens. Seu principal objetivo era a salvação dos jovens e sua motivação para o serviço. Em 1881, fundou-se a segunda sociedade de jovens em Mount Vernon, Ohio, com propósitos semelhantes. Os 25 anos seguintes viram surgir grupos semelhantes em muitas partes do mundo. Aparentemente não havia uma direção formal da igreja.

Desafio do Ministério Jovem

Entretanto, podia-se observar claramente uma certa unidade, como consequência da guia divina, levando Sua igreja a avançar coesa nessa direção. Membros que reconheciam a necessidade dos jovens, respondiam à motivação e inspiração do Espírito Santo para trabalhar por eles. Ao mesmo tempo, surgiram muitos artigos escritos por Ellen G. White, estimulando a igreja a trabalhar em favor dos jovens e a aceitar sua responsabilidade para com eles.

Em 1901 deu-se um grande passo ao se modificar a estrutura administrativa da igreja, quando os departamentos foram formados e reunidos sob o controle da Associação Geral. A atenção aos jovens tornou-se responsabilidade do departamento da escola sabatina. Dois anos mais tarde, em 1903, a Associação Geral mudou-se para suas novas instalações em Washington D.C., onde os departamentos foram reunidos sob o mesmo teto e passaram a ser administrados todos em um único centro.

Na assembléia realizada em maio de 1907, em Gland, na Suíça, a Associação Geral aceitou a recomendação de organizar um departamento separado que atenderia as necessidades dos jovens. Sob a direção de A. G. Daniels, então presidente da Associação Geral, realizou-se um congresso especial da escola sabatina e dos jovens por dez dias, em julho de 1907, em Mount Vernon, Ohio. Os itens da agenda eram específicos: estudar a responsabilidade da igreja para com seus jovens e a contribuição desses para com a igreja. Reuniram-se delegados de todas as partes do mundo, tanto homens como mulheres. Entre eles havia administradores, diretores de departamentos, obreiros em geral, além de outras pessoas interessadas em trabalhar em favor dos jovens. Os líderes da igreja apresentaram estudos sobre vários tópicos relacionados com o ministério jovem. Cada tarde, os delegados discutiam as necessidades dos jovens e sua contribuição para a igreja em vários países, dedicando uma tarde à África, outra à Índia e assim por diante. O enfoque principal de sua atenção, contudo, era determinar os princípios bíblicos do ministério jovem e buscar o conselho do Espírito de Profecia correspondente à obra em favor da juventude. Para esse fim, A. G. Daniels encomendou uma compilação de declarações do Espírito de Profecia relativas aos jovens. O livreto resultante forneceu material de estudo aos delegados. No encerramento da convenção, o próprio

A. G. Daniels assumiu a incumbência de receber os relatórios, conclusões e recomendações.

Na seguinte assembléia da Associação Geral, em 1908, o departamento dos jovens foi oficialmente organizado como entidade separada dos demais departamentos.

Os vinte anos seguintes são contados entre os mais brilhantes no que se refere à obra em favor dos jovens. A igreja cresceu e se fortaleceu em todo o mundo. Os departamentos recém-formados, com direção clara e ímpeto renovado, apoiaram de forma consistente a igreja e contribuíram para o seu fortalecimento e avanço. A escola sabatina foi considerada como a igreja dedicada ao estudo; o culto divino, como o momento de adoração, e a reunião da sociedade jovem, no sábado à tarde, como o momento em que a igreja se reunia para adorar sob o comando de jovens treinados para esse fim. Era o momento da família — uma atividade regular do ministério jovem. A sociedade tornou-se o eixo da obra jovem — local de aprendizado e capacitação, e base para o serviço missionário e o companheirismo.

Após a Primeira Guerra Mundial, na década de 20, os valores e a ética da sociedade começaram a mudar. Algumas idéias humanistas começaram a introduzir-se na igreja. Os padrões de moral e vestuário na sociedade tornaram-se mais condescendentes. A estrutura familiar, particularmente na sociedade ocidental, sofreu pressões. O rádio exerceu sua influência e mudou o estilo de música popular. A igreja reagiu com uma grande quantidade de publicações e materiais para os jovens, incluindo livros e folhetos, material de capacitação, *The Youth's Instructor* (O Instrutor da Juventude - nota dos tradutores) e numerosas publicações relativas às normas da igreja. Muitos desses materiais, entretanto, embora suprissem as necessidades daquela época, costumavam refletir a cultura ocidental e o pensamento puritano, além de apresentar racionalizações em lugar de uma sólida base bíblica. Ao mesmo tempo, a igreja se expandia por todas as partes do mundo, o que implicava também um aumento no número de membros jovens. Até esse momento, o trabalho entre os juvenis havia sido parte integral do ministério jovem. Todavia, os tempos foram mudando de tal maneira que se fez necessário introduzir modificações para fazer face às necessidades das crianças e adolescentes. Em 1920, foi organizada a sociedade de jovens, como uma entidade separada,

Desafio do Ministério Jovem

e em 1922 introduziram-se as classes progressivas. Na América do Norte, o sistema educacional adventista estava bem avançado, e cada sala de aula se tornou uma sociedade jovem, como complemento das tarefas de educação. Essa foi uma modificação pequena, mas importante. No restante do mundo continuou-se a atender os jovens nas igrejas, com exceção das sedes das Divisões e em lugares onde trabalhavam missionários provenientes da América do Norte. Em 1928, deram-se os primeiros passos para a capacitação de líderes de jovens, com a introdução do curso *Master Comrade* (que mais tarde, no Brasil, se chamaria Curso de Líder - nota dos tradutores). Bem recebido por administradores e educadores, chegou a ser considerado pré-requisito para a formação de ministros e professores em quase todos os nossos colégios. Em 1930, o Patrimônio Ellen G. White publicou o livro *Mensagens aos Jovens*.

Novamente, a situação do mundo exerceu sua influência sobre a mentalidade das pessoas. Uma depressão em nível internacional, e a Segunda Guerra Mundial, afetaram a sociedade como um todo, influenciando também na composição da liderança dos jovens. O mundo estava diferente. A comunicação, a tecnologia e os transportes fizeram rápido avanço. Os meios de comunicação começaram a desempenhar um papel crescente na formação do pensamento do mundo. Manifestou-se um ressurgimento do nacionalismo e despontou, por todas as partes do mundo, um impulso para o desenvolvimento e a independência. A igreja seguiu crescendo, mas emergiu da guerra com as finanças e os recursos debilitados e distendidos ao máximo. A liderança dos jovens na Associação Geral e nas Divisões permanecia forte, e a juventude ainda considerava os seus diretores como modelos que ofereciam orientação e inspiravam espiritualidade.

O desenvolvimento da tecnologia, após a Segunda Guerra Mundial, produziu maior mobilidade e mais oportunidades de emprego. Essa situação carregava em si um tremendo impulso para que a educação suprisse a necessidade de sobrevivência em uma era da especialização. Os jovens não se contentavam mais em seguir a ocupação de seus pais e tal fato acentuou mais ainda o êxodo para as cidades. As universidades e os colégios se multiplicavam em razão da ânsia dos jovens para obter títulos e excelência acadêmica. Muitos de nossos jovens e obreiros denominacionais, sem poder encontrar

cursos especializados em nossos próprios colégios e universidades, frequentavam universidades públicas. No anseio por reconhecimento e aprovação, muitos desses formandos eram empregados pela igreja, levando consigo a filosofia corrente na época. O mundo era um lugar cada vez mais rico, e o materialismo começou a apoderar-se de nossa juventude. A psicologia e a filosofia educacional da época, aliadas a interesses comerciais, criaram e exploraram a ideia da lacuna entre as gerações, ou seja, a opinião de que adultos não conseguem compreender os jovens, e que se chegam a se comunicar com eles, o fazem com grande dificuldade.

Dentro da igreja, a princípio na América do Norte, alguns de nossos diretores de jovens defenderam a ideia de que os adultos não eram bem-vindos à reunião dos jovens no sábado à tarde. O clamor passou a ser: “os jovens com os jovens”, ou seja, a reunião da tarde somente para a juventude. A sociedade dos jovens, esteio do ministério jovem, começou a se desmoronar e em muitos lugares extinguiu-se por completo. Posto que a assistência diminuía definitivamente, foram feitas tentativas de transferir a reunião de sábado à tarde para sexta-feira à noite. A mudança teve sucesso limitado. Alguns líderes tentaram em vão sustentar a obra local da juventude, adotando uma abordagem filosófica e criando um conselho de jovens da igreja. Esse plano também falhou. Nas culturas ocidentais, o ministério jovem se viu forçado a sair da igreja, para funcionar em nossos colégios e nas universidades. Um ponto de luz no horizonte, entretanto, foi a introdução do clube dos Desbravadores, em 1950, para juvenis de 10 a 15 anos. Bem adaptado às necessidades dos juvenis e adolescentes, com uma organização definida, uniformes, o clube obteve rápida aceitação em todo o mundo. Na Divisão Norte-Americana, funcionava sob a direção das igrejas, entretanto, a sociedade dos jovens e suas classes progressivas ainda permaneciam nas escolas. As outras Divisões aceitaram a nova ideia como parte do programa da igreja local, uma extensão natural da sociedade dos jovens. Porém, houve alguma resistência contra o clube em certos países europeus, por conta do uniforme e das marchas, que lhes parecia muito militarizados.

A difusão da televisão, o desenvolvimento da indústria cinematográfica e a nova cultura do *rock*, que se iniciou na década de

Desafio do Ministério Jovem

50 introduziram outros problemas na obra em favor dos jovens. Muitos não entendiam os objetivos originais do ministério jovem, nem tinham a menor idéia deles. A mentalidade da juventude no seio da sociedade estava mudando mais rapidamente que antes. Na América do Norte entrou na universidade o primeiro dos *baby boomers* (a geração dos nascidos como consequência do aumento dos nascimentos que ocorreram depois da Segunda Guerra Mundial - nota dos tradutores). Um novo liberalismo se estendeu por todo o mundo, e a década de 1960 se viu marcada por movimentos de protestos. Aparentemente os jovens se opunham pelo mero prazer de ser opositores. Prevaleceu a filosofia grega de educação e os jovens foram ensinados a questionar todas as coisas. As sementes do ceticismo e da dúvida plantadas na década de 60, resultaram na apostasia reinante nos anos 70.

Os jovens dessa época examinaram muitos materiais produzidos para eles entre 1930 e 1940, e os rejeitaram, porque lhes pareceu que não apresentavam razões suficientes para apoiar determinadas normas e crenças.

Infelizmente, a igreja não dispunha dos recursos necessários para satisfazer adequadamente as necessidades da juventude de uma igreja cada vez mais internacional. Ao mesmo tempo, nossas casas publicadoras assumiram a responsabilidade pela publicação de materiais que tradicionalmente eram produzidos pelo departamento dos jovens. As devoções matinais passaram a ser uma publicação da *Review and Herald* (Revista e Arauto, embrião da nossa *Revista Adventista* - nota dos tradutores) e outros editoriais. Na América do Norte, cessou a publicação da revista *The Youth's Instructor*, tomando seu lugar as revistas *Guide* e *Insight* (Guia e Introspecção - nota dos tradutores). Ambas as revistas eram voltadas para a mentalidade da juventude norte-americana, e não obtiveram aceitação internacional. As lições da escola sabatina também estavam voltadas para a América do Norte, com vocabulário, relatos e ilustrações norte-americanos. Adaptadas à estrutura educacional de uma sociedade ocidental, embora usadas e traduzidas em outras partes do mundo, essas publicações ainda continuavam sendo a causa de queixas e críticas de outras Divisões, porque não satisfaziam adequadamente suas necessidades.

Por outro lado, a função do diretor de jovens nas Associações começou a mudar. Quando as Associações eram pequenas, ele ou ela

(sim, mulheres também atuavam como diretoras de jovens em alguns lugares, antes de 1950) era na verdade quem dirigia as atividades dos jovens e visitava as igrejas, desenvolvendo programas nelas. Quando a quantidade de igrejas cresceu, tornou-se impossível visitar todas as congregações num período de dois ou três anos. Como resultado, o diretor dos jovens se converteu em conselheiro, preparador e coordenador. Alguns organizavam congressos, encontros regionais e camporis. Isso atendeu a uma grande necessidade da juventude, mas ao mesmo tempo muitos diretores, devido à inexperiência ou ao conhecimento limitado consideravam o ministério jovem como uma grande corporação, em lugar de vê-lo como algo embasado na igreja local.

Simultaneamente, os recursos das associações se tornaram limitados e alguns diretores de departamentos tinham que desempenhar dupla função, acumulando responsabilidades. Muitos diretores de jovens conduziam dois ou três departamentos, embora o trabalho entre os jovens permanecesse como prioridade. Uma combinação comum era jovens e temperança, e isso parecia funcionar bem. Outra combinação era jovens e educação. Alguns combinaram jovens, temperança e comunicação.

No fim da década de 60, muitos diretores de jovens mais velhos foram substituídos por homens mais novos, sendo que as mulheres raramente voltaram a exercer esse cargo. A idéia de que apenas homens com menos idade poderiam alcançar outros jovens estava sendo proposta pelo mundo e foi em parte adotada pela igreja. Esses homens haviam sido educados nos anos 60, e muitos traziam as idéias de sua geração para os anos 70 e 80, sem se darem conta de que a mentalidade dos jovens está sempre mudando cada vez mais rapidamente. Sem conhecimento ou experiência, muitos foram incapazes de avaliar se uma idéia era boa ou má, enquanto se apoiavam nos conceitos correntes de ministério jovem trazidos das igrejas populares. Os materiais adventistas estavam antiquados, e a Associação Geral não conseguia atender adequadamente o campo mundial, enquanto as Divisões, em muitos casos, não tinham nem os recursos, nem a capacidade de prepará-los. Foi um período difícil para a direção do departamento de jovens. Muitos novos diretores deixaram de considerar o ministério jovem como uma carreira dentro da obra,

mas sim como um trampolim para algum outro posto. Observamos nesse período trocas constantes na direção dos jovens, bem como tempo de atuação mais curto. Ainda havia, entretanto, muitos diretores fortes que fizeram do ministério jovem a sua carreira.

A década de 70 testemunhou o início da cultura das drogas. As pressões constantes e crescentes manifestadas na sociedade tornaram a obra em favor dos jovens mais complicada que nunca. A sociedade não aceitava nada que fosse absoluto. Tudo era relativo. O humanismo avançou. A ética e a moralidade somente reconheciam os limites que lhes assinalava a sociedade. Muitas restrições foram removidas e com elas foi-se a segurança dos jovens. Aos que buscavam respostas, era dito que as procurassem dentro de si mesmos: podia ser isto, podia ser aquilo ou podia ser qualquer outra coisa. A própria igreja era abalada por controvérsias teológicas promovidas em nome da liberdade acadêmica, e muitos jovens desiludiram-se enquanto eram questionados os fundamentos do adventismo.

A incidência dos casos de divórcio aumentou, inclusive dentro da igreja, tornando-se comum lares desfeitos e pais separados. A indústria cinematográfica e a da música transferiu seu enfoque da sexualidade para a fascinação com o ocultismo e a violência. Astros do cinema, dos esportes e da música tornaram-se os modelos e ídolos da juventude. A mobilidade crescente entre os jovens tornou ainda mais difícil o ministério em seu favor. Muitos não precisavam mais pedir emprestado o carro da família, porque possuíam o seu próprio veículo, assim que obtinham a licença para dirigir. Tornou-se cada vez mais difícil realizar reuniões para os jovens e obter deles um compromisso contínuo. Estávamos começando a ver jovens adventistas de segunda geração, cujos pais haviam sido expostos à influência dos meios de comunicação de massa, e se encontravam pouco convencidos de que deveriam manter as normas da igreja. Em muitos lugares surgiu um adventismo nominal, à medida em que a riqueza e as pressões da cultura ocidental produziam seu efeito sobre os membros da igreja. A cultura das drogas penetrou em certa medida, assim também como a aceitação do consumo de bebidas alcoólicas em reuniões sociais.

Ocorreram cortes de orçamento nos departamentos da igreja e parecia haver um plano deliberado da administração, para reduzir a importância deles. Saúde e temperança foram ajuntados para se

constituir um departamento apenas, e a maioria dos diretores de jovens foi dispensada, com a alegação de que tais pessoas não eram competentes e de que careciam de preparo profissional.

A educação manteve seu espaço. Os professores adventistas estavam melhor qualificados do que em anos antecedentes. Os governos exigiam padrões mais elevados de profissionalismo e por esse motivo pressionavam as Associações a nomearem um diretor exclusivo, que somente se dedicasse ao departamento de educação. Muitos diretores de jovens que também atuavam na área da educação, e muitos diretores de educação que também se responsabilizavam pelo ministério jovem tiveram de renunciar a uma das pastas. Muitas Associações começaram a duvidar da necessidade de um diretor de jovens e a questionar a possibilidade de manterem um diretor para cada departamento. Entretanto, a liderança dos jovens tornava-se uma atividade especializada: Desbravadores, acampamentos, jovens de mais idade, solteiros, viúvos e divorciados, capelarias das universidades. Todos esses ministérios requeriam liderança experiente, preparo especializado e capacidade de atender profissionalmente a cada uma dessas áreas. A velha guarda dos diretores de jovens estava desaparecendo rapidamente ou então travando uma batalha perdida contra a onda de neoliberalismo que os ignorava.

Foi uma época de confusão no ministério. Muitos diretores de jovens consideravam o aconselhamento e programas de terapia para famílias ou pequenos grupos como uma alternativa viável para o ministério jovem. Outros se puseram a estudar a filosofia do crescimento das igrejas populares.

A produção de filmes e outros recursos diminuiu, já que dependia de financiamento de departamentos que estavam em contenção de despesas.

No final da década de 70 e início da de 80, entretanto, surgiu um ponto luminoso. A mentalidade dos jovens mudou novamente, e eles mostravam com uma renovada dedicação e disposição em participar. Os jovens agora estavam mais propensos a aceitar cargos na igreja e a participar ativamente do evangelismo. Apresentar-se como voluntário ficou popular, e a juventude começou a desempenhar uma parte cada vez mais ativa na igreja.

No ano de 1985, foi criado o departamento dos ministérios da igreja, que abarcava os antigos departamentos dos jovens,

Desafio do Ministério Jovem

escola sabatina, ação missionária, mordomia e lar e família. Todos esses departamentos foram conservados, porém combinados em um departamento único, criado para cuidar das necessidades dos membros. Se isso foi a causa da decadência do ministério jovem, ou se apenas a precipitou, não se sabe. Os sintomas e os elementos componentes do problema já existiam, entretanto, foram devidamente acentuados e ressaltados.

A comissão que estudou o papel e a função dos departamentos, antes da assembléia da Associação Geral de 1985, foi fortemente influenciada pelas condições reinantes na América do Norte e na sociedade ocidental em geral. A comissão concluiu que os departamentos não estavam funcionando, e havia algo de verdade nessa alegação. O ministério jovem se havia fragmentado e por assim dizer, provocado dano a si próprio. Na América do Norte, o ministério juvenil havia sido atribuído às escolas de ensino fundamental e médio. O ministério entre os jovens existia somente no âmbito das instituições de nível superior, e não mais baseado na igreja local. Planejamento de acampamentos tornou-se fundamental. Um diretor de jovens de Associação, em geral, dedicava seis a oito semanas por ano visitando escolas para com elas estabelecer projetos de investidas de Desbravadores, três meses preparando o acampamento de verão, três meses participando desses acampamentos e dirigindo-os, e um mês de férias. O restante do tempo era gasto no escritório ou assistindo a seminários e convenções ou comissões, muitas vezes fora de sua cidade. Não é de se admirar, portanto, que muitos administradores questionassem a necessidade de um diretor de jovens. Parecia suficiente ter um diretor de acampamentos pago pela sede do acampamento e uma pessoa encarregada do ministério no campus universitário paga pela universidade. Isso, entretanto, não era o que ocorria fora da América do Norte. Tampouco o era nas comunidades de negros ou hispânicos na América do Norte, onde ainda existia uma sólida estrutura familiar. Esses ainda não haviam seguido tão de perto as tendências anglo-saxônicas, e seu conceito de liderança e de atuação com base na igreja local ainda predominava.

A voz de experientes diretores de jovens era a que mais se manifestava contrária à introdução dos departamentos dos ministérios da igreja, mas suas objeções foram vistas por muitos

apenas como a reação frente à possibilidade de perder um departamento. Contudo, isso não era inteiramente verdade, embora muitos não tivessem ainda uma visão de conjunto. A questão toda da qualidade e da direção do ministério jovem precisava ser reexaminada pela igreja. Certos problemas, questões e preocupações não desapareceriam. Precisavam de atenção urgente e imediata. Não era apenas imperativo que essas questões fossem consideradas, mas era obrigatório, se é que deviam ser evitadas crises futuras para os jovens e seu ministério. Os diretores de jovens e pessoas ligadas à área nem sempre tinham sido qualificados ou se mantinham unânimes quanto à filosofia e objetivos. Ao mesmo tempo, tivemos as pressões de uma igreja internacional em rápido crescimento, com jovens que precisavam enfrentar as complexidades cada vez maiores de uma sociedade moderna, tecnológica e imoral que os líderes das gerações anteriores nunca conheceram.

capítulo 4

NAS IGREJAS POPULARES

O ministério jovem adventista não se desenvolveu isoladamente. Seria um equívoco acompanhar a trajetória de seu desenvolvimento sem colocá-la no contexto histórico. Embora possamos identificar uma direção providencial e mensagens de orientação profética que deram rumo à igreja adventista no desenvolvimento desse ministério, os principais eventos da história, os avanços da tecnologia, as pressões da sociedade, os costumes, tendências, modas e filosofias da época exerceram sobre nossa igreja a sua influência, tanto positiva quanto negativa, afetando os jovens e o ministério jovem.

O moderno ministério jovem nas igrejas populares pode atribuir suas raízes à escola dominical. Essa inovação educacional do século 18 tinha como objetivo original suprir as necessidades dos jovens de fora da igreja, e não dos seus membros. Como resultado da revolução industrial, muitos desses jovens eram membros empobrecidos de gangues ou operários de fábricas cujo lar eram as ruas. Muitos careciam de educação formal, instrução cristã ou filiação religiosa. Na escola dominical eram ensinados a ler. Esses dirigentes religiosos foram os pioneiros no reconhecimento do potencial que tinha a juventude no crescimento da igreja. Argumentavam que, se os jovens soubessem ler a Bíblia, descobririam o evangelho e buscariam a salvação em Deus. Membros leigos dirigiam com êxito essas escolas, a despeito da crítica e por vezes até mesmo da oposição do clero e de outros participantes de grupos denominacionais, que ridicularizavam a idéia de atingir os jovens de rua que não eram membros de nenhuma igreja.

Em apoio a esse movimento crescente entre os jovens, as igrejas representando muitas denominações trabalharam juntas para formar uniões de escolas dominicais. Essas alianças interdenominacionais resultaram na criação da YMCA (Associação Cristã de Moços), em 1851, e na YWCA (Associação Cristã de Moças), em 1858.

Com o crescimento e conseqüente aceitação da escola dominical e ao adquirir aceitação, o enfoque, com o transcorrer do tempo, passou dos jovens de fora da igreja para aqueles cujos pais eram membros de igreja. Os líderes, entretanto, continuaram dando forte ênfase à salvação.

O programa da escola dominical funcionava normalmente num ciclo mensal. Iniciava-se pelas boas vindas dos jovens ao grupo. Em seguida, eles aprendiam passagens básicas da Bíblia relativas à salvação. Então os líderes os convidavam a tomar uma decisão pessoal a favor de Cristo. Finalmente eram incentivados a convidar outros jovens. Depois disso o ciclo se repetia.

Esses líderes da escola dominical insistiam em ligar a educação ao evangelismo. Consideravam valiosos todos os jovens, fossem membros de igreja ou não. Atribuíaam a eles responsabilidades e ensinavam-nos a sair em busca de seus amigos e de membros em potencial para o grupo. Tal zelo em favor do evangelismo foi decisivo no desenvolvimento das igrejas ocidentais, e os jovens dessas escolas dominicais tornaram-se verdadeiros edificadores de igrejas e pioneiros na área do crescimento eclesiástico.

Entretanto, junto com a aceitação e a popularidade não demorou muito para que se observasse uma alteração sutil no ministério jovem. O aumento do número de membros trouxe consigo uma pressão correspondente para que se suprissem as necessidades dos jovens. Atendendo a essa pressão, as igrejas começaram a convidar os jovens para um programa realizado uma noite por mês, chamado Liceu. Aí recebiam materiais devocionais e participavam de estudos da Bíblia, na maioria das vezes através de um sermão ou uma leitura preparada com antecedência. Na verdade, desaconselhava-se qualquer coisa que se parecesse com “sociabilidade”. No início da década de 1880, um ministro congregacional inovador, Dr.

Desafio do Ministério Jovem

Francis D. Clark, introduziu uma mudança drástica na obra entre os jovens, estabelecendo a Sociedade do Empenho Cristão. O ministro observou mais tarde que um bom número dos rapazes e moças se haviam convertido e que o estabelecimento da Sociedade do Empenho Cristão havia mudado toda a atitude da igreja para com os jovens e a obra entre a juventude. Antes, os jovens eram candidatos em potencial à salvação, “pequenos cântaros a ser enchidos”. Agora os jovens eram desafiados a se responsabilizar por “um serviço mais amplo na Igreja de Cristo”.

O Empenho Cristão revolucionou o ministério jovem, motivando a juventude a colocar sua fé em ação. A chave do novo plano de Clark para o trabalho entre os jovens consistia em formular uma definição de discipulado responsável e uma forte ênfase sobre o serviço missionário. Clark preparou um manual que limitava a oitenta o número de jovens que podiam pertencer a qualquer uma dessas sociedades. Três comissões deviam ser estabelecidas em cada grupo: Uma comissão de oração, responsável pelo planejamento dos programas semanais. Uma comissão “sentinela” para convidar novos membros. Uma comissão social para planejar a recreação (foi a primeira vez que se introduziu um componente social ou de companheirismo).

Notando o sucesso e a popularidade das grandes convenções da escola dominical, Clark também planejou convenções para as Sociedades do Empenho Cristão. A primeira foi realizada em 1882, quando sete sociedades participaram. Em 1883, foram 56. No ano de 1884, mais de 800 sociedades de oito denominações fizeram-se representar. Em 1887, mais de sete mil sociedades do Empenho Cristão, com mais de meio milhão de membros, espalhavam-se entre as denominações envolvidas.

As igrejas foram levadas a reagir diante dessa explosão jovem. Muitos líderes de igreja ficaram profundamente preocupados com a possibilidade de os jovens saírem das igrejas e se unirem permanentemente a essas novas sociedades.

Seguindo o antigo ditado que diz: “se não podes com ele, une-te a ele”, as igrejas começaram a copiar o modelo do Empenho Cristão e a adotá-lo. Os metodistas foram os primeiros, criando a

Liga Epworth, em 1889. Depois vieram os batistas, com a União dos Jovens Batistas, em 1890. Os luteranos fundaram a Liga Luterana e os presbiterianos estabeleceram sua União da Juventude na década de 1890. Na passagem do século, a maioria das principais igrejas tinha uma variação do programa do Empenho Cristão. Os jovens foram apanhados de surpresa e ficaram divididos entre a lealdade às versões denominacionais da Sociedade do Empenho Cristão e a verdadeira, de Clark. O que o Empenho Cristão fez, sem dúvida alguma, foi convencer os jovens do valor deles. Preparou-os para ser fiéis membros da igreja em meio a uma sociedade secularizada que começava a ridicularizar dos que frequentavam os cultos cristãos. Também desafiou muitos jovens a ingressarem num ministério de tempo integral em sua igreja. Os jovens se converteram em membros consagrados e essas mesmas igrejas que antes temiam perder os jovens para o Empenho Cristão, agora receavam que os jovens quisessem assumir o comando. Isso, porém, nunca aconteceu.

Durante os trinta anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, essas sociedades denominacionais se concentraram na atividade missionária. Os jovens apoiavam o impulso evangelístico ou participavam dele ao redor do mundo. Com frequência, a ação missionária era realizada em conjunto com outras denominações. Todo líder de igreja, nessa época, tinha consciência do poder desses movimentos jovens. Todavia, esses líderes começaram a conduzir a juventude mais uma vez para temas de questões nacionais e internacionais. Começaram a perder o rumo e o objetivo. Os eventos da juventude tornaram-se campos de batalha ideológica, nos quais liberais e conservadores competiam em busca de adeptos. Venceram os liberais pela ênfase nos assuntos de cunho social. Para a juventude, foi uma época de envolvimento sem precedentes no campo das questões sociais. Muito antes que seus pais comesçassem a falar desses assuntos, os jovens tomavam partido sobre política, ordem mundial, conflitos raciais e questões trabalhistas.

Enquanto isso acontecia na década de 1930, os líderes denominacionais esforçavam-se para entrosar a obra jovem com a educação cristã. A educação, em muitos casos a entidade mais

Desafio do Ministério Jovem

poderosa das igrejas, oferecia a promessa de estabilidade e recursos, mas a união não teve sucesso absoluto. Ela separou a obra jovem de seu vínculo de longa data com o evangelismo e o serviço, enquanto o enfoque passava para a educação e a “sociabilidade”.

Hoje, quando pensamos em “sociabilidade”, pensamos em recreação ou atividade social. Não era assim naquela época. No início, a “sociabilidade” se baseava em “grupos de companheirismo” das universidades, reconhecidos por seu estudo dedicado e especializado nessa linha. Esses “grupos de companheirismo” contribuíram para mudar mais uma vez o ministério em favor da juventude. “Entender a fé” substituiu “conversão”, como o objetivo prioritário do ministério jovem.

Em 1936, aconteceu nos Estados Unidos o Conselho Internacional de Educação Religiosa. Depois desse evento, a maioria das denominações lançou grupos de companheirismo quase idênticos, na verdade tão semelhantes que muitas igrejas de várias denominações reuniam-se para estudar ou preparar líderes. Produziram-se folhetos e manuais. Procurava-se estabelecer um relacionamento mais íntimo entre as sociedades e a igreja. Apresentava-se uma descrição das atribuições de cada oficial de jovens, e introduzia-se o conceito de conselho jovem. Embora houvesse diferenças entre as denominações, os grupos de companheirismo ofereciam uma variação das mesmas cinco comissões: fé cristã, testemunho cristão, comunhão cristã, extensão cristã, cidadania cristã. Valendo-se da teoria da lacuna entre gerações, os manuais começaram a dar ênfase ao papel da liderança *jovem*. Insistia-se para que os adultos desempenhassem apenas um papel de apoio, em lugar de envolver-se ativamente.

Com a anexação dos ministérios das várias denominações, expandiram-se as atuações conjuntas, ocasionando a realização de enormes congressos internacionais e interdenominacionais de jovens durante o período que abrange do final da Segunda Guerra até o início da década de 1960. Nos anos 50, os grupos de companheirismo passaram por dificuldades. Aparentemente não estavam satisfazendo as necessidades dos jovens. A maioria das denominações começou a defender e a criar ministérios separados para jovens universitários e jovens profissionais.

Na década de 60, os grupos de companheirismo já haviam perdido toda a sua relevância. Embora as igrejas pregassem envolvimento social, os grupos de jovens saíam das igrejas e se reuniam em salões e subolos para elaborar programas relacionados com a cidadania e questionar todas as formas de estruturas e organizações. Até mesmo aqueles grupos de companheirismo que se esforçavam por concentrar-se nas injustiças da sociedade reconheceram logo que eles mesmos eram muito institucionalizados e limitados.

A mentalidade da juventude passou por mais uma drástica mudança. Era uma época de protestos. Questionava-se toda e qualquer autoridade. Os valores e crenças tradicionais eram analisados e muitas vezes rejeitados.

A estrutura e organização da obra jovem desabou, ao ser despojada de sua importância. As “necessidades” da juventude eram consideradas supremas e os grupos de sociabilidade abriam espaço para atividades sociais, entretenimento e recreação, enquanto as igrejas procuravam desesperadamente determinar e satisfazer as “necessidades dos jovens”.

As igrejas entraram em pânico e, confusas, simplesmente lançaram por terra tudo o que se relacionasse com o ministério jovem. Muitas denominações deixaram de publicar materiais para a juventude, manuais e distintivos de adesão para as organizações juvenis. Os grandes congressos da juventude, tão populares na década de 1960, simplesmente acabaram.

A partir daquela época, as igrejas tentaram suprir as necessidades do jovem moderno experimentando várias abordagens. Agora não existe mais um plano único e completo como a Sociedade do Empenho Cristão, de Clark. Cada denominação tem tratado de pôr em execução seu próprio plano para o ministério jovem, mas ainda persiste um ponto em comum, ou consenso. A maioria das denominações concorda que o ministério em favor da juventude deva incluir mais do que educação e serviço, e que se centralize na pessoa, e não no programa.

O ministério jovem nas igrejas populares de hoje não consegue senão um mínimo de aprovação numa avaliação geral. Uma

Desafio do Ministério Jovem

multidão de programas-piloto, cursos de capacitação de líderes e materiais de treinamento e liderança tentam suprir as “necessidades da juventude”, mas estudos feitos pela pesquisa *Valuegenesis* (Gênese/Origem dos valores - nota dos tradutores), pelo Instituto de Investigações, demonstram que, devido à falta de um verdadeiro alvo ou enfoque básico, o sucesso de tudo isso é duvidoso se for medido pela espiritualidade, desenvolvimento da fé, lealdade à igreja e crescimento denominacional.

Um artigo recente na *Group Magazine* (Revista do Grupo - nota dos tradutores), de setembro de 1993, descreve muito bem a condição atual do ministério jovem na maioria das igrejas:

“O ministério jovem na era moderna não tem sido capaz de chegar a um consenso quanto a um plano geral para o crescimento na fé. Se o compararmos com o ministério jovem de antes, as igrejas e a juventude de hoje têm dificuldades para descrever o propósito teológico de seu grupo jovem. Muitas vezes, o compromisso com Cristo parece ser uma preocupação secundária.

Alguns grupos tentam copiar métodos que admiram na ‘Juventude Para Cristo’, ‘Vida Jovem’ ou outros ministérios que funcionam de forma paralela à igreja. Incorporam em seus grupos música contemporânea, muita recreação e liderança bastante acentuada. Outros, ao contrário, valorizam a disciplina espiritual, com uma liderança mais discreta. Outros ainda colocam ênfase no serviço, na atividade missionária ou em projetos para as missões. Devido a essas variações, o ministério jovem da atualidade não tem um padrão único a seguir.”

Essa é a condição da obra entre os jovens no mundo e nas igrejas de hoje.

Levando em conta esse cenário, a igreja adventista procura

reconstruir seu próprio ministério jovem.

Então, naturalmente surgem as perguntas: Até que ponto temos sido fiéis aos fundamentos bíblicos de nosso ministério jovem? Temos permanecido leais às nossas raízes históricas de condução divina no desenvolvimento de nosso ministério peculiar, ou somos culpados de haver cedido às pressões da sociedade e das igrejas, e a mudanças na abordagem do ministério jovem nas igrejas populares e no mundo?

Qual deveria ser a *norma* para a reconstrução de nossa obra em favor da juventude? A forma de pensar e as tendências populares do momento — ou uma reavaliação de nossos alvos e objetivos originais?

Para responder a essa pergunta, devemos voltar sobre nossos passos para examinar as razões que se fundem nas ações do passado e no próprio desenvolvimento do ministério jovem no adventismo.

capítulo 5

MOTIVAÇÃO HISTÓRICA

Embora a obra em favor dos jovens não tivesse recebido grande ênfase no início da história de nossa igreja, esses não foram de todo excluídos ou esquecidos. Nos primeiros tempos do movimento adventista, pouco se fez para instruir as crianças nas doutrinas professadas por seus pais. A primeira semente foi plantada no verão de 1852. Germinando e criando raízes, ela desenvolveu-se e se tornou o que agora conhecemos como a obra da escola sabatina da igreja adventista do sétimo dia.

Enquanto viajava de carruagem entre Rochester, estado de Nova Iorque, e Bangor, estado do Maine, Tiago White sentiu-se impressionado com a necessidade de um sistema ou plano regular de lições bíblicas especialmente adaptadas para os jovens. Depois de almoçar à margem da estrada e enquanto esperava que seus cavalos também comessem e descansassem, ele usou a cesta do almoço como mesa e escreveu as primeiras lições da escola sabatina. É a partir desse ato que podemos traçar a história e o desenvolvimento de um ministério jovem em nossa igreja, o qual continua até hoje. Para colocar essas lições nas mãos dos jovens, uma nova publicação teve início em agosto de 1852 — *The Youth's Instructor*. Essa publicação desempenharia um relevante papel no preparo dos jovens e no desenvolvimento de nosso ministério em favor deles. O preço da assinatura - vinte e cinco centavos por ano - parecia elevado para algumas pessoas, mas foram tomadas providências para que crianças e jovens pobres a recebessem gratuitamente.

Durante os primeiros anos do desenvolvimento de nossa igreja,

eram os pequeninos que mais sofriam por falta de lições apropriadas. Assim, a publicação *The Youth's Instructor*, de 1861 e 1862, era o ponto de partida das lições para crianças, numa série de perguntas sem relação umas com as outras, as quais apareceram sob o título *Perguntas para os Pequenos Estudantes da Bíblia*. Foi nessa época crítica do desenvolvimento da obra em favor dos jovens através da escola sabatina que o professor G. H. Bell foi recebido como membro na igreja de Battle Creek. Durante muitos anos ele havia sido professor e tinha considerável experiência no trabalho da escola dominical. De imediato, G. H. Bell assumiu a responsabilidade do avanço da incipiente escola sabatina.

Em 1869, Bell preparou para *The Youth's Instructor* duas séries de lições do Antigo Testamento em uma linguagem apropriada para crianças. Começava com a semana da criação e estudos acerca do livro de Daniel, numa abordagem adequada aos jovens. A partir desse começo, o professor Bell elaborou e imprimiu uma série de lições para jovens, chamada *Lições da Bíblia para a Escola Sabatina*. Foi esse o primeiro passo rumo à divisão dos jovens pela faixa etária.

As primeiras escolas sabbatinas de que se tem registro foram realizadas em Rochester e Bucksbridge, no estado de Nova Iorque, em 1853 e 1854. John Byington, que mais tarde se tornou o primeiro presidente da Associação Geral, era o líder em Bucksbridge.

Essas iniciativas da igreja em favor dos jovens eram realmente escolas sabbatinas no verdadeiro sentido. A condição para a pessoa tornar-se membro dessas classes era baseada na aceitação de sua responsabilidade no sentido de educar e instruir os jovens na Palavra de Deus. A motivação básica do ensino era a esperança da aceitação pessoal, por parte dos jovens, das verdades estudadas. O ano de 1870 assinala o momento em que as duas maiores necessidades das escolas foram, ao menos em parte, atendidas. Ou seja, uma forma simples de organização e lições apropriadas para as várias idades. Nos anos subsequentes, formaram-se em quase todas as escolas as classes para jovens, intermediários e primários.

Reconhecia-se que deveria haver uma organização mais completa para que se alcançasse maior unidade. Em 1877, foi organizada a

Desafio do Ministério Jovem

primeira associação da escola sabatina. A partir de agosto de 1877 e durante os dez anos seguintes a obra organizada das escolas sabinas alcançou ganhos surpreendentes e se manifestou uma crescente compreensão acerca do ministério em favor da juventude.

Por ocasião da assembléia da Associação Geral realizada em Battle Creek, em 1878, formou-se a associação das escolas sabinas da Associação Geral. O nome foi mudado em 1886, para associação internacional da escola sabatina. Durante esse período, foram introduzidos o treinamento da liderança e a produção de materiais de ensino. Realizavam-se escolas sabinas em reuniões campais, e não era incomum haver classes especiais para as crianças como parte do programa das reuniões campais.

Desenvolveu-se uma conscientização cada vez maior acerca da necessidade de salvação pessoal para os jovens, e apesar de a salvação não ter sido menosprezada antes, agora a sua ênfase, mediante o ensino, se tornava mais importante.

Ao mesmo tempo, apresentou-se perante a igreja uma filosofia da verdadeira educação que fora mudando ao longo dos tempos. Muitos viram a necessidade de a igreja ter suas próprias escolas e, como resultado, estabeleceu-se um sistema educacional compatível com nossa crença e nossa própria missão.

Essa corrente paralela de interesse na obra em favor dos jovens trouxe consigo uma nova dimensão, e a combinação dessas influências deu uma razão mais definida para a obra entre a juventude. A salvação dos jovens chegou a ter prioridade absoluta. No trabalho junto aos jovens, nossas escolas eram vistas como o instrumento para educá-los, prepará-los e colocá-los no campo do serviço.

Por volta de 1880, todavia, ainda não existia nenhum tipo de conceito ou tentativa oficial de organização da juventude. Mas Deus estava nessa obra, silenciosamente atuando sobre a mente e o coração de rapazes e moças do mundo inteiro, preparando a igreja para avançar unida. Com o número crescente de jovens na igreja, a ênfase passou a ser salvação e serviço. Incitados pelo Espírito Santo, grupos e sociedades de jovens surgiram em muitas partes do mundo. Com a iniciativa de Luther Warren e Harry Fenner em 1879,

essas sociedades começaram naturalmente a proliferar. Na virada do século, mais de 70 grupos de jovens se haviam formado na igreja.

Não havia dúvidas quanto ao objetivo desses grupos. Luther Warren, em seus escritos, conta que ele e Harry Fenner fundaram a primeira sociedade de jovens como consequência de uma profunda preocupação quanto à declinante espiritualidade que se manifestava na vida de seus amigos e de muitos outros jovens da igreja. Outra grande razão para a formação dessa primeira sociedade de jovens foi o intenso desejo de trabalhar para o Mestre.

Acerca do período de 1880 a 1900, após a organização dessa primeira sociedade, L. Flora Plummer escreve:

“Com exceção de alguns poucos lugares, em que se realizava uma obra esporádica e fragmentada em favor da juventude, os líderes dispensavam pouca atenção ao preparo de nossos jovens nas igrejas, e o verdadeiro problema da salvação de nossos jovens para o reino de Deus parecia não ser reconhecido de forma alguma como problema. Nesse aspecto, assim como em outras questões, o Senhor, por intermédio do Espírito de Profecia, apontou a negligência e indicou o remédio” [Ensaio *History of the Seventh-day Adventist Young People's Work*, em *Missionary Volunteer Series* (História da Obra Adventista entre os Jovens em Série Missionário Voluntário - nota dos tradutores), nº 3, Arquivos da Associação Geral, LF3048].

O primeiro testemunho apelando para que a igreja fizesse algo definido em favor dos jovens foi escrito por Ellen G. White, em Melbourne, Austrália, aos 19 de dezembro de 1892. Foi lido perante a comissão da Associação Geral por seu presidente, em 29 de janeiro de 1893. Nesse testemunho aparece parte do parágrafo que tem sido citado tão frequentemente desde então:

“Temos hoje um exército de jovens que

Desafio do Ministério Jovem

podem fazer muito se forem devidamente encorajados e dirigidos. Queremos que nossos filhos creiam na verdade. Desejamos que sejam abençoados por Deus. Queremos que desempenhem uma parte em planos bem organizados para ajudar outros jovens. Sejam todos tão bem preparados, que possam representar devidamente a verdade, dando razão da esperança que neles há e reconhecendo a Deus em todo ramo da obra no qual estejam qualificados para trabalhar” [*General Conference Bulletin* (Boletim da Associação Geral - nota dos tradutores) 29 e 30 de janeiro de 1893, p. 24].

Esse testemunho foi logo seguido por outros nos quatro meses seguintes, com instruções mais definidas acerca da organização do trabalho em favor dos jovens. Seguem-se alguns trechos desses testemunhos, que apresentam claramente o objetivo e o rumo da obra em questão:

“Moços e moças, não podeis formar grupos e, como soldados de Cristo, alistar-vos para a obra, colocando todo tato, habilidade e talento a serviço do Mestre, a fim de salvar almas para Ele? Que em cada igreja se formem grupos para realizar esse trabalho.

Organizar-se-ão como obreiros os moços e as moças que realmente amam a Jesus, não apenas em favor daqueles que professam ser guardadores do sábado, mas também daqueles que não pertencem a esta fé?” [*Signs of the Times* (Sinais dos Tempos - nota dos tradutores), 29 de maio de 1883].

“Que se forme um grupo semelhante aos da Sociedade do Empenho Cristão, e veja-se o que pode ser feito por todo agente humano responsável, atento às oportunidades de serviço para o Mestre. Tem Ele uma vinha na qual todos podem realizar bom trabalho. A

humanidade sofredora necessita de ajuda em toda parte” (trechos de cartas de Ellen G. White, relativas à obra médico-missionária, com data de 2 de outubro de 1893).

“Mesmo que pastores, evangelistas e professores negligenciem a obra de buscar o perdido, não suceda que as crianças e os jovens negligenciem ser praticantes da palavra.... Que moços, moças e crianças saiam a trabalhar em nome de Jesus. Que se unam em torno de algum plano e ordem de ação. Não podeis formar um grupo de obreiros, separar um tempo certo para orar juntos, pedir que o Senhor vos dê Sua graça e partir para uma ação unida? Deveis consultar homens que amem e temam a Deus e que tenham experiência na obra, para que sob a orientação do Espírito de Deus possais fazer planos e elaborar métodos mediante os quais podereis trabalhar com seriedade e obter resultados certos” (*The Youth's Instructor*, 9 de agosto de 1894).

Esses e outros testemunhos do Espírito de Profecia reforçavam as seguintes ideias:

1. Como igreja, deveríamos levar muito mais a sério a obra em favor dos jovens.
2. A salvação da juventude deveria ser uma prioridade.
3. A igreja deveria dar passos no sentido de organizar a obra em favor dos jovens.
4. Grupos de jovens deveriam ser organizados em todas as igrejas.
5. Esses grupos deveriam ser compostos por jovens que verdadeiramente amassem ao Senhor.
6. O propósito desses grupos deveria ser o de organizar os jovens para o serviço.
7. Esses grupos deveriam oferecer não só o necessário preparo, mas também oportunidades de serviço.
8. Esse serviço teria bom êxito e revelar-se-ia uma bênção para

Desafio do Ministério Jovem

a igreja e a juventude.

Recebidas as mensagens, a resposta não tardou a vir. Pessoas, igrejas e instituições, reconhecendo a necessidade, deram início a tentativas aparentemente desorganizadas, no sentido de formar grupos ou sociedades de jovens. Em 1893, foi organizada a Sociedade Jovem de Serviço Cristão em College View, Estado de Nebraska.

Luther Warren deu início ao Grupo Raios do Sol, no Estado de Dakota do Sul, em 1894. Seu objetivo era liderar os jovens no trabalho missionário. Em pouco tempo surgiram outros grupos em diferentes partes do estado e, em 1896, os membros desses grupos realizaram uma convenção.

No Estado de Michigan, vários grupos de jovens se organizaram com o objetivo de buscar o Senhor em oração e ajudar os necessitados. A Sociedade Jovem de Dorcas, reunida no lar de Uriah Smith, foi um desses grupos. Posteriormente, o nome foi mudado para Grupo de Ajuda Cristã.

Um grupo denominado Josué e Calebe começou no Estado de Ohio. Num encontro em Mount Vernon, em 1899, os obreiros de Ohio fizeram um estudo cuidadoso dos *Testemunhos Seletos*, de Ellen G. White, para investigar mais acerca das necessidades dos jovens. Na reunião campal seguinte, aprovou-se uma recomendação para que os jovens se organizassem de maneira definida. Aqueles que participassem da organização seriam conhecidos como Missionários Voluntários, e assinariam o seguinte compromisso:

“Reconhecendo os preciosos dons que o Senhor me tem dado, apresento-me como voluntário para servir-Lhe em qualquer lugar deste vasto mundo para onde Seu Espírito me conduzir, e em qualquer tipo de atividade que Ele possa indicar.”

Essa organização continuou prosperando, e é interessante notar que três dos líderes foram chamados para trabalhar em terras estrangeiras antes que a idéia dos Missionários Voluntários de Ohio fosse assimilada na organização geral em 1907. A obra entre os jovens não ficou confinada à América do Norte. Antes da virada

do século, aproximadamente 70 grupos ou sociedades se haviam organizado no mundo.

Sobre esse assunto, Matilda Erickson faz o seguinte comentário:

“Quanto deve a organização dos jovens ao Espírito de Profecia! As mensagens provenientes dessa fonte trouxeram essa organização à existência e ao longo de todo o caminho, os obreiros que trabalham em favor dos jovens tem encontrado nos *Testemunhos* uma das melhores fontes de auxílio para se traçar planos para essa obra em favor da juventude. As mensagens do Espírito de Profecia provenientes daquela fonte chamaram essa organização à existência e, ao longo de todo o caminho, os obreiros que trabalham com os jovens têm encontrado nos *Testemunhos* as suas melhores fontes de auxílio na elaboração de planos para a obra em favor da juventude. As mensagens do Espírito de Profecia, desde então, têm fornecido a base para o desenvolvimento desse movimento, e devem sempre permanecer como parte inseparável da história da obra em favor da juventude.

Ao recapitular os esforços pioneiros para termos hoje a organização dos jovens, lembramo-nos da história do movimento adventista. Assim como indivíduos se ergueram para pregar a mensagem do advento em diferentes partes do mundo, assim também as sociedades de jovens começaram a brotar por volta de 1890. Essas sociedades não só atenderam uma exigência imediata, mas também apontaram para a necessidade de uma organização geral no trabalho com os jovens. Nasceram espontaneamente a partir de uma carência universal em comum. O Mestre havia dado ordens para que se fizesse algo, e Sua palavra não voltaria para Ele vazia” [Matilda Erickson, *Missionary Volunteers and Their Work* (Os Missionários Voluntários e sua Obra - nota dos tradutores) p. 12-6].

capítulo 6

ESCOLA SABATINA E DEPARTAMENTO DOS JOVENS

L. Flora Plummer, que se envolveu ativamente na obra e no desenvolvimento do ministério jovem por volta de 1901, descreve de maneira vívida os problemas que a igreja enfrentou na área jovem naquela época:

“Foi somente depois de 1901 que a Associação Geral deu os primeiros passos para o desenvolvimento da obra em favor dos jovens. A situação naquela época não era das mais animadoras. Embora a influência do que se havia feito se fazia sentir em algumas Associações, não existia uniformidade de ação. Os planos de organização variavam de acordo com as idéias dos líderes das Associações. Formavam-se sociedades, que depois se dissolviam por falta de interesse. Algumas eram dirigidas de tal maneira que desacreditavam todo o movimento. Surgiam dificuldades. Obstáculos aparentemente intransponíveis apareciam no horizonte. O grupo conservador deu, então, o grito de alarme.

Ao mesmo tempo, cada igreja e grupo de crentes se defrontava com o fato de que as crianças e os jovens estavam perdendo o interesse na mensagem e saindo rápida e sistematicamente da igreja, para buscar satisfação e trabalho no mundo. As pessoas se perguntavam: Onde estão os jovens que se reuniam

Escola sabatina e departamento dos jovens

conosco há dez anos? Quantos deles estão ocupando cargos de responsabilidade na obra de Deus? Estão sendo fortalecidas nossas igrejas pela energia consagrada, o entusiasmo e a estabilidade dos jovens moços e moças que pouco anos antes eram meninos e meninas de nossas congregações? A resposta de quase todas as igrejas a essas perguntas revelava a necessidade universal de esforços bem dirigidos para a execução das instruções dadas oito anos antes, pelo espírito de profecia” [L. Flora Plummer, *Early History of the Seventh-day Adventist Young People’s Work* (História do Início da Obra em Favor dos Jovens - nota dos tradutores) - Arquivos da Associação Geral, nº LF 3048].

Era essa a situação perante a comissão da Associação Geral, na assembleia de 1901: o reconhecimento de uma necessidade universal; o conselho específico do espírito de profecia que exigia atenção; muitos grupos aparentemente independentes, mas com uma motivação comum e com vários níveis de organização e eficiência; e uma organização oficial que, pelo menos até o momento, ainda não havia tomado um voto em resposta à pressão crescente das igrejas e Associações acerca de um ministério jovem organizado. A reunião da Associação Geral em 1901, em Michigan, aprovou a seguinte recomendação:

“Autorizamos a iniciativa de se organizar sociedades de jovens para um trabalho missionário mais eficaz e recomendamos que seja indicada uma comissão de nove ou mais pessoas representativas, para elaborar um plano de organização e apresentar o relatório correspondente, para que seja considerado por esta Associação.”

Essa comissão foi prontamente convocada e entendeu a urgência e seriedade de sua tarefa. Após fervorosas orações e um

Desafio do Ministério Jovem

meticuloso estudo dos Testemunhos, a comissão apresentou o seguinte relatório, que foi unanimemente adotado pela comissão da Associação Geral.

Relatório da comissão sobre a organização dos jovens:

A comissão recomenda com profunda preocupação, que se faça algo mais efetivo, e com presteza, a fim de salvar nossas crianças, adolescentes e jovens, para que sejam preparados como obreiros de Deus. Como primeiros passos nessa obra, respeitosamente sugerimos o seguinte:

1. Que insistamos com os pastores, oficiais da igreja, da escola sabatina e outros obreiros para que incentivem nossos jovens, adolescentes e crianças a se organizarem em pequenos grupos de trabalho, sob a direção de líderes sábios e espirituais.

2. Que esses grupos se adaptem aos materiais disponíveis, às igrejas das quais fazem parte, ao trabalho que o ambiente e as oportunidades lhes trouxerem, e que uma organização mais elaborada seja uma consequência do crescimento e necessidade, e não do desejo de ter algo meramente formal.

3. Que o trabalho desses grupos inclua todos os aspectos da obra missionária e de auxílio cristão.

4. Que todos os obreiros nessa área, membros de igreja, jovens e idosos, sejam instados a fazer o máximo que puderem para planejar e trabalhar como realmente sendo um em Cristo Jesus.

5. Que nossa Associação seja solicitada a relacionar essa obra com a do departamento missionário ou de escola sabatina, a fim de que esses grupos de jovens obreiros tenham uma fonte central de instruções e um canal de comunicação.

6. Que nossa Associação indique homens espe-

cialmente adaptados a esse trabalho, para ajudar nossas igrejas e cidades maiores, organizando e treinando os membros, especialmente os jovens e adolescentes, para que possam trabalhar mais eficientemente pelo Mestre.

7. Que se estabeleça um departamento relacionado com The Youth's Instructor para promover o avanço desta obra entre nossos jovens.

8. Que a Mesa Administrativa da Associação nomeie uma comissão para estudar e impulsionar essa obra.

Numa reunião da comissão da Associação Geral, depois da assembleia, o departamento da escola sabatina foi solicitado a cuidar da obra em favor dos jovens. Essa nova responsabilidade recebeu pronta atenção. Foi uma fase decisiva para o desenvolvimento do ministério jovem na igreja adventista, e aqui pudemos ver a maneira como as indicações da orientação divina conduziram a obra dos jovens em meio aos clamores das pressões seculares e das tendências da época.

Muitos de nossos próprios grupos ou sociedades de jovens naquele tempo foram influenciados pela estrutura organizacional, estatutos e programas de organizações jovens de outras igrejas. Nossos jovens estavam estudando esses programas e, em muitos casos, esforçando-se por adotá-los como modelos. As declarações do espírito de profecia, recomendando que a igreja formasse grupos “semelhantes aos das Sociedades do Empenho Cristão”, não haviam passado despercebidas, e assim houve certo grau de confusão e divergências de ideias, com recomendação de se adotar rígidos estatutos, complicadas regulamentações para a direção e orientação das sociedades.

Parecia imperativo que o departamento encarregado dessa nova responsabilidade para com os jovens, deveria recomendar com urgência uma forma geral de organização que levasse à unidade de ação entre todos os participantes da obra jovem. Contudo, antes de esboçar um plano de organização, L. Flora Plummer, diretora do departamento da escola sabatina, escreveu a Ellen G. White

Desafio do Ministério Jovem

solicitando seu conselho e maiores explicações com respeito ao testemunho referente às Sociedades do Empenho Cristão como modelo para nortear nossa obra em favor dos jovens. Sua carta, escrita em Minneapolis, em 11 de julho de 1901, expõe muito claramente as dificuldades enfrentadas na época e retrata uma obra que se encontrava literalmente numa encruzilhada. As decisões feitas então afetariam o ministério da igreja em favor dos jovens no futuro. L. Flora Plummer encaminhou sua carta a Ellen G. White através do pastor W. C. White, filho da serva do Senhor:

“Desejaria receber seu conselho com respeito à obra em favor dos jovens, pois creio que sua experiência será de imenso valor. Para minha grande surpresa, encontro-me numa situação em que se espera que eu trace planos para esse movimento, já que a Associação Geral o colocou a cargo do departamento da escola sabatina.

A situação é esta: em uma boa quantidade de lugares — mas principalmente em nossas grandes igrejas — têm-se formado sociedades de jovens durante os últimos dois anos. Todas têm adotado “estatutos” e regulamentos mais ou menos extensos, e se tem dado ao mecanismo da obra uma importância demasiada. Em alguns lugares, o resultado tem sido muito bom, enquanto em outros, desastroso. E o desastre se produziu quando os jovens elegeram seus próprios dirigentes, as comissões encarregadas dos programas, etc., sem se aconselharem com a igreja. O próprio espírito da obra se perdeu no esforço de obter da “sociedade” o “entretenimento”, o “aperfeiçoamento mútuo” e certos aspectos sociais que se constituem uma verdadeira armadilha para nossos jovens. As igrejas não podiam fazer nada, porque os estatutos as deixavam fora. Essa situação não se deu em todos os casos, mas o perigo de que ocorra está sempre presente.

Escola sabatina e departamento dos jovens

Na última reunião da Associação Geral se prestou atenção a esse assunto. Tive o privilégio de fazer parte da comissão nomeada para estudá-lo. Alguns membros dessa comissão se opunham categoricamente à ideia de uma organização separada para os jovens, enquanto outros acreditavam que nada se poderia conseguir com menos “mecanismos” do que os já existentes. Os defensores da segunda ideia citaram as declarações dos Testemunhos, que aconselham nossos jovens a se “organizar” e formar grupos parecidos com os da Sociedade do Empenho Cristão, etc. Em consequência do impasse, a comissão não apresentou sugestões definidas, mas insistiu em que a Comissão da Associação Geral estudasse o assunto e tomasse providências para se chegar a um consenso. Assim feito, foi opinião unânime dos membros presentes que não se deveria recomendar uma forma especial de organização, e minhas instruções são nesse sentido.

Estou bastante segura de que seria muito mais fácil ampliar essa obra se nos decidíssemos em favor de um plano simples de organização. Por outro lado também, tenho a certeza de que todo o bem realizado por uma sociedade de jovens se pode fazer sem a formalidade de um estatuto ou com ele. Como povo, certamente precisamos aprender a trabalhar sem tantas formalidades. Entretanto, os jovens dependem de tal modo de uma formalidade visível, que quando essa não existe, se sentem confusos e desamparados. Tenho certeza de que a senhora avalia a necessidade de que haja um plano uniforme. A Associação Geral está organizando essa obra pela primeira vez e estão sendo nomeadas diversas pessoas nas Uniões e Associações, para liderar esse trabalho. Certamente deveríamos falar a mesma linguagem, ou confusão será o resultado. Não queremos destruir, mas construir, e construir com

Desafio do Ministério Jovem

solidez e segurança.

Desejo agora solicitar seu conselho a respeito de como proceder. Que sugeriria a senhora em harmonia com o plano de nenhuma organização? Deveríamos ter um nome, um lema ou vários lemas, uma afiliação efetiva dos membros e, nesse caso, sob que condições e restrições, etc.? Minha ideia consiste em se fazer um folheto impresso, com instruções ou sugestões que todos possamos usar. Disseram-me na Associação Geral que a irmã White teria outras instruções para nós a esse respeito, as quais ainda não haviam sido publicadas. Se tiver, poderíamos obter uma cópia do manuscrito? Creio sinceramente que esse movimento se encontra no período mais crítico de sua existência e estou certa de que, se não planejarmos com sabedoria divina, o inimigo transtornará tudo, recrutando para si muitos elementos. Estou ansiosa por trabalhar na direção certa e não desejo dar passos que depois precisariam ser corrigidos, pois não há tempo a perder.

Receberemos com gratidão qualquer conselho ou sugestão acerca do plano geral e dos pormenores mediante os quais ele poderá ser executado” (L. Flora Plummer - Arquivo de Cartas do Patrimônio de Ellen G. White).

A resposta do Pastor W. C. White chegou dentro de poucos dias. E se consistia no seguinte:

“Prezada Irmã:

Sua carta de 11 de julho chegou alguns dias atrás e a lemos com muito interesse. Entreguei-a à irmã Druillard, pedindo-lhe que a lesse para mamãe e para a irmã Peck, a fim de reunir toda a luz possível acerca das perguntas que a senhora formula. Isso foi feito. Mamãe disse que, segundo o que lhe foi apresentado e de acordo com o que ela escreveu sobre a obra em

favor dos jovens, lhe parece que são esforços dignos de imitação o espírito e o entusiasmo, bem como o trabalho em favor de todas as classes de pessoas e em todas as áreas da obra cristã observados nas Sociedades do Empenho Cristão. E ela foi instruída a apontar a energia, a fidelidade, a vigilância e a devoção nessas sociedades como exemplo para o nosso povo, em lugar dos planos de organização, dos estatutos e dos mecanismos de funcionamento” (Carta de W. C. White a L. Flora Plummer, escrita em Santa Helena, Califórnia, aos 25 de julho de 1901).

O conselho era claro. Não deveríamos copiar o mundo em nossas sociedades de jovens no que dizia respeito à estrutura, organização ou mecanismos de funcionamento. Tampouco fomos aconselhados a copiar-lhes os programas ou sua mensagem. Aquilo que foi exaltado como digno de imitação foi a energia, a fidelidade e a dedicação ao princípio da salvação e do serviço, evidenciados na Sociedade do Empenho Cristão.

Também enviaram explicações adicionais acerca das outras citações dos Testemunhos que L. Flora Plummer havia mencionado, as quais se referiam a organizações de jovens:

“Na primeira citação dos Testemunhos depreende-se claramente que precisam ser organizados grupos de obreiros e não sociedades independentes com direção própria. Quando se recrutam voluntários para um exército, geralmente eles são colocados sob a liderança de oficiais experientes antes de entrarem no serviço efetivo. Descobriu-se que isso é essencial para o bem-estar do grupo e para o progresso da causa que ele representa.

Na segunda declaração mencionada, deduz-se obviamente que devem ser organizados grupos de jovens para um trabalho especial, mas que esse trabalho deve ser feito sob o conselho de outros membros da igreja.

Desafio do Ministério Jovem

A terceira citação indica também que líderes experientes devem ser chamados para tornar a mencionada obra um sucesso” (Ibidem).

Quanto aos problemas de estrutura e organização os quais L. Flora Plummer havia referido, o pastor White fez os seguintes comentários:

“Em relação com os estatutos e estrutura adotados pelos jovens em nossas grandes igrejas, estamos tentando mostrar-lhes que há um caminho melhor. Não temos aconselhado esses jovens a lançar fora seus estatutos, mas a pedir a orientação do Senhor. Que estudem as pessoas com as quais se associam. Que se familiarizem com as necessidades do mundo para que elas indiquem o tipo de trabalho a ser feito. Que preparem o coração e a mente para empenhar-se fervorosamente na obra, a fim de que sejam guiados pela Palavra de Deus e pelas necessidades do mundo, sem a formalidade desses estatutos.

Percebemos que quando os jovens trabalham independentemente no estabelecimento de uma organização autônoma isso é perigoso e por vezes resulta num desastre. Notamos que quando estudam o plano da Liga Epworth e do Empenho Cristão, copiam involuntariamente também as fraquezas dessas sociedades, passando a se concentrar na forma e perdendo muitas vezes o espírito da obra” (Ibidem).

A partir de declarações como essas, e das muitas referências à Sociedade do Empenho Cristão e da Liga Epworth, é óbvio que tanto Ellen G. White como seu filho estavam realmente familiarizados com o plano e o funcionamento dessas e de outras organizações de jovens dirigidas por diferentes igrejas. Na mesma carta, W. C. White fez outros comentários a esse respeito:

“Dias atrás, tive o privilégio de assistir a algumas reuniões da Liga Epworth, em São Francisco. Pela leitura

de jornais concluí que havia grande entusiasmo e que se faziam muitas coisas espetaculares. Mas quando assisti às reuniões, fiquei bastante desapontado. Entendi que a maior parte das pessoas havia ido a São Francisco numa viagem de lazer, que elas precisavam ser entretidas, e que os oradores estavam fazendo esforços gigantescos para atender essas pessoas que buscavam em primeiro lugar o prazer e que ao mesmo tempo tinham que estudar os planos missionários da igreja.

Muitos oradores queriam causar a impressão de que a Liga Epworth era missionária em todos os seus aspectos. Mas, quando apresentavam seus planos e resoluções, ficava muito claro que a obra da Liga tinha sido principalmente social e educacional, e que agora se esforçavam por introduzir um novo raio na roda Epworth. Isso será um trabalho árduo, e quando o raio se encaixar na roda será apenas um entre muitos.

Fiquei atônito e perplexo diante da complicada estrutura dessa obra. Enquanto lhes ouvia os discursos e os planos, estas palavras surgiram em minha mente uma ou outra vez: 'Que nada os aparte da simplicidade de Cristo.'

Jesus empreendia a obra e, ao enfrentar necessidades, estudava-as à luz do amor de Deus e do poder do céu. Ele atendia as necessidades de cada um sem regras, sem estatutos, sem comissões, mas com o poder do Espírito que Lhe era concedido em resposta a Suas orações diárias. Não obstante, em Sua obra se podia ver a mais perfeita organização" (Ibidem).

Apresentava-se assim mais um forte motivo para não seguir tendências de programação e movimentos populares de jovens. Embora fosse elogiável a motivação e os princípios de serviço, dessas sociedades até esse ponto havia ficado claro que os princípios e a prática começavam a divergir. A atividade social que conduzia à busca do prazer entre os jovens ocupava a principal atenção nessas organizações. Esse elemento ainda não havia sido mencionado

Desafio do Ministério Jovem

nem endossado como parte da motivação do ministério jovem na igreja adventista. A “sociabilidade”, como a conhecemos hoje, não era naquela época considerada uma motivação legítima para o ministério jovem. A salvação pessoal e o compromisso individual com o serviço eram os ideais que motivavam qualquer tentativa de organização. A carta do pastor White concluía com um apelo para que se ampliasse o conceito de ministério jovem adventista e se reivindicassem as promessas de Malaquias, capítulo 4, contendo a mensagem de Elias:

“A maior dificuldade a ser vencida na execução dos planos sugeridos nesta carta é o fato de que em algumas congregações há oficiais da igreja e da Escola Sabatina que se tem limitado a trabalhar dentro de estreitos horizontes e que acham difícil ampliar seus planos, seu coração e seu entendimento para se tornarem conselheiros inteligentes em favor dessa nova obra. Muitos envelheceram e se tornaram duros, nutrindo antipatia pelos jovens, com uma tendência natural para condenar e criticar. Para enfrentar essa dificuldade, precisamos como povo apegar-nos à promessa em Malaquias, capítulo 4, versículo 5, e devemos empenhar nossas melhores energias no sentido de atuarmos juntamente com Deus para o cumprimento de Sua promessa. Certamente é tempo de que os corações dos pais se convertam a seus filhos; e quando isso acontecer, os corações dos filhos se converterão aos seus pais, e descobriremos que a antipatia para com os jovens desaparecerá dos mais idosos, e o temor em relação aos mais velhos desaparecerá dos jovens, surgindo então uma união de esforços que trará grandes bênçãos a todos os envolvidos” (Ibidem).

capítulo 7

JOVENS ADVENTISTAS

Depois de muitas deliberações, a comissão do departamento da escola sabatina chegou unanimemente à conclusão de que o desenvolvimento da obra em favor dos jovens se daria com maior eficiência mediante as formas mais simples de organização. Também lhes parecia perfeitamente claro que não deveria ser elaborado qualquer plano relacionado a uma organização independente da igreja. E que toda organização jovem deveria implicar em um relacionamento direto com um departamento da igreja.

Finalmente decidiu-se fazer um apelo àqueles “que realmente amassem a Jesus” para que se organizassem para o serviço. Isso foi significativo. Não se tratava de um apelo geral, mas especificamente dirigido “àqueles que realmente amassem a Jesus”. Foi a esse grupo de jovens da igreja que se fez o apelo no sentido de se organizarem.

Os recursos financeiros para tal trabalho eram quase inexistentes, e o único tipo de literatura que o departamento conseguiria financiar seria um pequeno cartão de inscrição para os “associados”, vendido a um centavo a unidade.

Esse cartão de inscrição, entretanto, continha a própria essência do espírito do ministério jovem daquele tempo. Em um lado do cartão estava impresso o alvo, o lema e o voto. O outro continha algumas sugestões relacionadas com os pormenores da organização e os objetivos da sociedade. A simplicidade desse recurso, entretanto, revelava os verdadeiros ideais, objetivos e a motivação para o ministério. Mais uma vez, a salvação e o serviço eram os princípios fundamentais. O alvo, o lema e o voto estavam repletos

de convicção e dedicação.

A força impelente que conduz a um serviço abnegado se manifestava no lema “O amor de Cristo nos constrange” (atualmente mudado para ‘O amor de Cristo me motiva’ - nota dos tradutores). Havia a convicção de que um sólido relacionamento pessoal de amor com Cristo era um pré-requisito entre os jovens que marchariam “unidos no serviço”. Esse relacionamento devia ser cultivado, desenvolvido e conservado. O amor de Cristo no coração dos jovens seria uma força que nunca falharia. Essa força promoveria estabilidade aos jovens e os impulsionaria a avançar de vitória em vitória no poder de Cristo. Seria o “amor de Cristo” que os motivaria à ação.

O alvo refletia a urgência que se sentia naquele tempo, em proclamar a mensagem especial do terceiro anjo: “A mensagem do advento a todo o mundo nesta geração” (atualmente modificado para ‘A mensagem do advento a todo o mundo em minha geração’ - nota dos tradutores).

Sobre esse assunto, Nathaniel Krum discorre:

“O sucesso do movimento Missionários Voluntários em atingir seu alvo não se baseava em uma expressão de desejos ou em esperanças infundadas. A segurança de seu bom êxito baseava-se na predição bíblica de que nos últimos dias Deus derramaria Seu Espírito sobre rapazes e moças, e de que todo aquele que testemunhasse da verdade e invocasse o nome do Senhor, seria salvo (Atos 2:17-21). Sim, nestes últimos dias o exército dos Missionários Voluntários de Deus seria usado de maneira muito especial para Lhe ser testemunha. Vejamos o texto completo: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos”.

Além disso, seu êxito está baseado na fé inabalável que o Missionário Voluntário tem na garantia específica de sucesso dada à igreja mediante a serva inspirada de

Deus, Ellen G. White. Observemos a importância destas palavras ligadas ao destino dos jovens: ‘O Senhor designou os jovens para serem Sua mão auxiliadora’ (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 3, p. 104). Não só os jovens, mas até as crianças estão destinadas a terem uma parte definida na proclamação da última mensagem de advertência ao mundo:

‘Quando as inteligências celestiais virem que os homens não mais têm permissão de apresentar a verdade, o Espírito de Deus virá sobre as crianças, e elas farão na proclamação da verdade um trabalho que os obreiros mais idosos não podem realizar, pois seu caminho estará impedido’ (Ellen G. White, Conselhos para Pais e Professores, p.176).

‘O Senhor capacitará... crianças... para a Sua obra, tornando-as mensageiras Suas’ (Ellen G. White, Testemunhos Seletos, vol. 7, p. 17).

Assim, não será por “força nem por violência, mas pelo Espírito de Deus” que virá o sucesso relacionado com o alvo dos Missionários Voluntários. Que desafio é isso para um viver correto, para buscar a Deus hoje, a fim de que sejamos encontrados como canais consagrados e puros através dos quais Deus possa derramar Seu Espírito sobre um mundo carente!” [Nathaniel Krum, The MV Story (História dos Missionários Voluntários - nota dos tradutores), p. 94, 95].

Por sua vez, Matilda Erickson faz os seguintes comentários sobre o alvo:

“Que alvo amplo e definido!

‘A mensagem do advento’ é o que se deve levar.

Desafio do Ministério Jovem

‘A todo o mundo’ é para onde se deve levar a mensagem.

‘Nesta geração’ é quando ela deve ser proclamada.

O alvo pressupõe um conhecimento da mensagem, pois não se pode dar a outros aquilo que não se tenha recebido. Necessita-se, entretanto, mais do que um conceito inteligente da mensagem, pois o coração deve conhecê-la tão bem quanto a mente. Ambos são necessários para levar essa mensagem ao mundo. Os Missionários Voluntários não devem apenas conhecer a mensagem do advento e saber que Jesus vai regressar em breve, mas suas vidas devem provar essa crença.

A mensagem do advento tem valor infinito para o mundo, e aqueles que a proclamam deveriam obter o melhor preparo possível do coração, da mente e da vida, para que por meio de seu trabalho fique evidente que podem apresentar-se “aprovados por Deus”.

Levar essa mensagem ao mundo todo — a cada nação, tribo, língua e povo — não é tarefa pequena.... Nossos corações se desfalecem até que nos lembremos de que essa grande obra não se fará “por força nem por violência”, mas pelo Espírito de Deus que atua por intermédio de Seus consagrados mensageiros.

Como Missionários Voluntários precisamos entender que nosso alvo não é uma simples frase que sem esforço sai de nossos lábios, mas um fato admirável, uma grave realidade e uma solene obrigação. Ela nos vem adquirida pelo sangue de nosso Salvador e consagrada pela vida de Seus seguidores. A ordem de nosso Salvador e o exemplo das vidas dos fiéis obreiros de muitas terras apelam para que esqueçamos de tudo o mais e lhes sigamos as pegadas.

O fato de que a mensagem deve ser dada nesta geração nos ajuda a lembrar de sua tremenda urgência e apela a nos entregarmos totalmente e sem mais

demora a essa obra. Ela somente será executada quando colaborarmos plenamente com o nosso grande Comandante, que tem todo o poder no céu e na terra. E somente na medida em que individualmente estejamos unidos a Ele no mesmo jugo para o serviço é que poderemos participar da consumação da mais gloriosa obra sobre a terra - levar “a mensagem do advento a todo o mundo nesta geração” (Matilda Erickson, *Missionary Volunteers and Their Work*, p. 81-39).

O voto MV constituiu-se na principal norma de conduta adotada pela recém-formada organização, e aqueles que atenderam ao apelo para se tornar membros da Sociedade dos Jovens foram solicitados a assiná-lo. Aqui está a versão original desse voto:

“Porque amo ao Senhor Jesus, e com Ele desejo servir Sua Causa, associo-me à Sociedade dos Jovens para tomar parte ativa em sua obra e, pela graça de Cristo, fazer todo o possível para ajudar os outros e levar a mensagem do reino a todos os povos, tanto na pátria quanto no exterior.”

Todo rapaz ou moça que desejava ser mais eficiente e aprofundar seu amor pelo Salvador era incentivado para tanto, porque os pioneiros se davam conta de que o valor do serviço era medido pelo amor que fluía dele. Matilda Erickson comenta:

“Uma ‘parte ativa’ da obra dos jovens Missionários Voluntários abrangia as reuniões, além do trabalho dos grupos. A obra da sociedade incluía realizar reuniões que inspiravam cada membro a se consagrar mais plenamente e ajudavam a levar avante todas as atividades missionárias assumidas pela sociedade. Essa parte do voto apelava ao membro a trabalhar diligentemente no grupo do qual participava. Convidava-o a fielmente

Desafio do Ministério Jovem

tomar 'parte ativa' nas reuniões de oração e também nas reuniões sociais. Apelava-lhe a que não se eximir de colaborar de outras formas nas reuniões e na obra da sociedade...

Esses requisitos constituem o ABC do voto do Missionário Voluntário, de participar 'ativamente' no serviço. No entanto, como a sociedade é parte da igreja, nenhum Missionário Voluntário chega a completar o alfabeto enquanto não estiver ajudando a edificar a igreja como um todo e a apoiar-lhe os departamentos. Para o Missionário Voluntário que trabalha dedicadamente em favor de sua sociedade, mas recusa-se a ajudar na escola sabatina, nas atividades missionárias e cultos da igreja, há um texto bíblico apropriado: "Devíeis, porém, fazer estas cousas, sem omitir aquelas" (Mat. 23:23).

'Fazer todo o possível para ajudar os outros' implica investir os maiores esforços nos programas da sociedade, pois todos eles são avenidas para ajudar o próximo. Significa estar alerta para aproveitar as oportunidades de ajudar os outros em qualquer ocasião. O voto também apela a que o Missionário Voluntário estude sua comunidade para conhecer-lhe as necessidades. Por outro lado, o voto também solicita um preparo melhor para ajudar os outros. E por fim, o voto implica em muito estudo e muita oração, pois há uma relação íntima entre saber e fazer ou tratar de fazer.

'Levar a mensagem do reino a todos os povos' — essa parte do voto deve ser interpretada em âmbito local primeiramente. Solicita que o Missionário Voluntário faça tudo o que lhe for possível para concluir a obra do evangelho em sua comunidade, pois a luz que brilha ao longe brilhará com mais intensidade perto de casa. Exige fidelidade primeiramente para com a parte do mundo que o Missionário Voluntário alcança: seus familiares,

amigos e vizinhos que não conhecem a Deus, e depois para com as regiões além de sua comunidade, até aos confins da Terra” (Ibidem, p. 88-9).

Assim podemos ver no alvo, no lema e no voto dos Missionários Voluntários que a motivação fundamental para a obra em favor dos jovens era a salvação pessoal deles. Sua abnegada entrega à missão da igreja permitiria obter uma visão mais ampla dessa obra, bem como da contribuição que seu serviço poderia fazer para concluí-la. Matilda Erickson prossegue:

“O Missionário Voluntário pode ajudar a terminar a obra de quatro maneiras: vivendo uma vida que inspire outros a se consagrarem; prestando o tipo de serviço que as oportunidades apresentam; orando pela obra e pelos obreiros no país e no exterior; e dando de seus recursos para o avanço da causa de Deus.

Os Missionários Voluntários realmente audaciosos estudarão o campo mundial, esforçando-se por acompanhar as operações missionárias da igreja, a fim de saber como está avançando o trabalho ao qual consagrou a vida e empenhando-se em compreender mais plenamente as necessidades do mundo. Essa visão mais ampla vai abrir diante dele um leque de simpatias, aprofundar-lhe os interesses, aumentar sua liberalidade, intensificar suas orações intercessórias, multiplicar-lhe a capacidade para o serviço e ajudá-lo de todas as maneiras, direta ou indiretamente, a cumprir sua parte no encerramento da obra do evangelho em todo o mundo” (Ibidem, p. 90).

O reverso do cartão de membro apresentava algumas sugestões sobre a organização da Sociedade dos Jovens:

Objetivo — associação para o estudo da Bíblia e incentivo a boas obras.

Membros — podem se tornar membros todos os

Desafio do Ministério Jovem

jovens que amam a Jesus e desejam empenhar-se em serviço ativo em Sua causa. A condição de membro envolve o dever de ser fiel em tudo o que tende a promover o objetivo da sociedade.

Luther Warren, que dedicou a vida toda à obra em favor dos jovens da igreja adventista e que foi membro da comissão designada para fazer recomendações à comissão da Associação Geral de 1901 acerca da organização da obra em favor dos jovens, comentou acerca do padrão exigido dos membros da sociedade:

“Na minha opinião, somente os jovens que amam a Jesus tem recebido o convite do Mestre para se organizarem. Esses devem trabalhar em favor de outros jovens adventistas que não amam realmente a Jesus, mas que talvez somente professem amá-Lo. O próprio fundamento da organização é constituir pequenos grupos para o serviço...

Não é plano de Deus que a vida dos jovens seja dividida em duas partes, como tantos acreditam: um período de preparo e outro de serviço. Desde o momento em que alguém se entrega a Cristo, deve começar a trabalhar por outra pessoa. Qualquer escola entre nós, desde a escola do lar até a escola de capacitação, deve ter esse pensamento em mente: todo menino e menina entre nós encontrará seu lugar no exército do Senhor; que o preparo seja exatamente o de que necessita para essa obra [Luther Warren, *Our Young People and Prayer* (Nossos Jovens e a Oração - nota dos tradutores) - Relatório da Convenção da Escola Sabatina e dos Jovens, 10 de julho de 1907].

E aqui voltamos a encontrar mais o tema recorrente da salvação e do serviço.

O departamento da escola sabatina aceitou a nova responsabilidade e começou a organizar as sociedades de jovens em harmonia

com as instruções recebidas e de acordo com os planos delineados pela comissão do departamento. Os esforços para conseguir a nomeação de obreiros para trabalhar pelos jovens nas associações obtiveram reações muito lentas, e parecia que o próprio futuro da obra em favor dos jovens corria perigo.

Com a coragem nascida do desespero, o diretor da escola sabatina da Associação Geral enviou cartas aos diretores de escola sabatina de todas as associações que ainda não tinham um líder de jovens, anunciando que o departamento os consideraria líderes do ministério jovem em seus respectivos campos enquanto as associações não indicassem alguém para o trabalho. Apesar de ser questionável, esse método de nomeação mostrou-se eficaz. Nenhum presidente de associação apresentou objeções. Nenhum protesto teve repercussão suficiente para chegar aos ouvidos do departamento da Associação Geral. Sobre esse assunto, L. Flora Plummer comenta:

“Então, deu-se início a obra de incentivar, entusiasmar, inspirar e educar o pequeno exército de obreiros recém-recrutados, afim de perceberem com clareza a necessidade e a possibilidade de organizar os jovens para o serviço. Certamente aquela foi uma época em que andávamos meio às cegas, e muitas vezes nossa fé vacilava. Evidentemente, o progresso foi lento durante os dois anos seguintes. Olhando para trás, podemos afirmar, entretanto, que foi bem fundamentado. Gradualmente o interesse foi ampliado e se aprofundou. As sociedades se organizaram e muitas continuaram em bem-sucedido funcionamento após o estágio de experiência. O preconceito começou a ceder. Multiplicavam-se os amigos da obra” (L. Flora Plummer, *Early History of the Seventh-day Adventist Young People’s Work*).

Desde o início, em harmonia com os objetivos de promover a formação de grupos para o estudo da Bíblia, os obreiros sentiram

Desafio do Ministério Jovem

a necessidade de oferecer materiais para estudos regulares. A escola sabatina, evidentemente, viu esse fato como uma extensão de seu trabalho de educação contínua para os jovens. O objetivo desse estudo era que por meio da educação se promovesse a salvação dos jovens, estimulando-os a se dedicar ao serviço e se preparar para tanto.

A ênfase sobre a educação e o estudo da Bíblia foi uma característica importante no início da obra organizada entre os jovens, e certamente seria considerada “pesada” pelos padrões de hoje. Era óbvio, entretanto, que ela preenchia uma necessidade, e com certeza alcançou os resultados desejados.

L. Flora Plummer continua:

“Desde o começo dessa obra se manifestou a necessidade de se preparar uma série de estudos regulares. Desejava-se que fossem úteis para o estudo individual e que também fossem de tal natureza que pudessem ser adaptados aos programas das reuniões dos jovens. De tempos em tempos, foram traçados planos cuidadosos com o fim de suprir essa necessidade.

É interessante notar que, a esse respeito, *The Youth's Instructor* de 27 de junho de 1901 continha a primeira menção oficial do Departamento da Obra Jovem. Uma série de estudos tendo por base o livro *Caminho a Cristo* iniciou-se nessa edição, sendo os estudos elaborados de modo a ser aproveitados nas reuniões dos jovens. Essa série de estudos continuou por três meses. Durante o inverno de 1901-1902, as sociedades foram aconselhadas a usar os estudos do *Círculo de Leitura*, que eram então publicados para benefício de toda a denominação. Uma semana em cada mês foi dedicada ao estudo de temas relacionados aos campos missionários. Uma série de estudos bíblicos ocupou o restante do tempo até ao final de 1902. No início de 1903, foi publicada uma série de temas relativos aos pontos fundamentais de nossa fé, com base nos livros *Primeiros Escritos* e *O Grande*

Conflito. Em agosto de 1903, as sociedades começaram a estudar o livro *O Grande Conflito*, capítulo a capítulo, o que continuou por cerca de um ano. Depois, veio um estudo aprofundado da vida do apóstolo Paulo, baseado nas Escrituras e tendo como subsídio o livro *Sketches from the Life of Paul* (Esboços da vida de Paulo - nota dos tradutores). Esse estudo continuou até novembro de 1905. Em janeiro de 1906, teve início uma série sobre estudos das missões. A partir de novembro de 1906, tal série foi alternada com o estudo do livro *A Ciência do Bom Viver*”(Ibidem, p. 14-5).

O progresso pode ter sido lento, mas os alicerces para a obra e o ministério jovem da igreja foram lançados com solidez e não demorou para que os resultados fossem sentidos e vistos na igreja. Em 1902, depois de assistir a uma reunião campal, um dos líderes da Associação Geral escreveu:

“O movimento dos jovens é um fator que cresce em nossa obra. Sua influência já se faz sentir no campo. Esse desenvolvimento não tem sido tanto consequência da influência modeladora de fora, mas pelo crescimento de uma ideia interior.

Não nos estamos concentrando em algum lugar ou pressionando o movimento porque é costume hoje ter sociedades de jovens. Implantada dentro do coração dos jovens desta denominação está uma convicção profunda de que há uma obra definida para a juventude na proclamação da gloriosa vinda de nosso Senhor. No momento, a obra é de Deus e atende às exigências desta hora” (Relatório da Escola Sabatina e dos Jovens, da Associação Geral, 1902).

O departamento da escola sabatina apresentou o relatório da obra dos jovens perante a assembleia da Associação Geral em 1903.

Desafio do Ministério Jovem

Esse relatório informava que os passos iniciais haviam sido notáveis. “Temos um número recorde de 186 sociedades, com 3.478 membros.”

Antes de encerrar-se a assembleia, foram aprovadas as seguintes recomendações relacionadas com a obra jovem:

“17. Recomendamos que o departamento de escola sabatina da Associação Geral elabore planos que promovam, aperfeiçoem e edifiquem a obra entre os jovens.

18. Que os pastores e outros obreiros no campo sejam incentivados a prestar a essa obra seu entusiástico apoio e colaboração” (Relatório da Escola Sabatina e dos Jovens, da Associação Geral, 1903).

Dois anos mais tarde, na assembleia de 1905, outro relatório indicava um crescimento firme e constante.

“Desde a última assembleia da Associação Geral, o número de sociedades de jovens praticamente dobrou e centenas de jovens que moram muito longe de uma sociedade para pertencer a ela ou reunir-se com ela estão fazendo substancial obra missionária. Até o momento, temos mais de trezentas e cinquenta sociedades bem organizadas, com cinco mil membros. É esse o começo do exército de jovens que podem fazer muito se forem devidamente dirigidos e animados” (Relatório da Escola Sabatina e dos Jovens, da Associação Geral, 1905).

A própria Associação Geral dava evidências do progresso e do nível crescente de conscientização acerca da importância da nova obra. Durante a assembleia, as pessoas especificamente interessadas na obra jovem reuniram-se frequentemente, discutindo os problemas que enfrentavam. Dentre os participantes dessas reuniões especiais,

alguns achavam que a obra entre os jovens deveria tornar-se um departamento separado, porque o pessoal da escola sabatina encontrava-se ocupado demais para dar conta de ambas as linhas de trabalho. Não se procedeu a nenhuma mudança nessa ocasião, mas foram aprovadas algumas recomendações relevantes. O departamento da escola sabatina da Associação Geral foi mais uma vez instruído a dar atenção especial a essa obra. As reuniões dos jovens e outros “encontros gerais” da juventude deviam se tornar mais missionários em sua natureza, primeiro pela introdução de atrativos estudos missionários; segundo, pelo alistamento dos jovens em esforços evangelísticos voltados para eles mesmos e para outros. Também se recomendou que as sociedades dos jovens se unissem para manter um ou mais obreiros em algum campo estrangeiro.

Sob a orientação da escola sabatina, a obra entre os jovens continuou a crescer.

A guia de Deus foi mais uma vez evidente, à medida que novas sociedades se organizavam e floresciam. Não havia literatura, a não ser o cartão de membro. A instrução por parte de líderes era mínima. Contudo, apesar dessas limitações, o Espírito Santo concedeu unidade de propósito e de organização. E essas sociedades não se formaram apenas nos Estados Unidos.

“Por ocasião da assembleia da Associação Geral de 1905, a obra entre os jovens havia criado raízes em outras terras. Certamente não nos esquecemos de que a obra na Austrália começou quase simultaneamente com a da América do Norte, e crescia de maneira gradual. Na Alemanha já havia uma sociedade de jovens em 1903. A Inglaterra a seguiu algum tempo depois. Em 1905, uma sociedade de jovens em Londres realizava suas reuniões e empenhava-se em ativa obra missionária. As Ilhas Cook possuíam uma florescente sociedade de jovens. O mesmo acontecia em Trinidad. Na África e nas áreas francesa e latina já alvorecera o dia da obra jovem. A Jamaica também se alinhara com

Desafio do Ministério Jovem

os principiantes e tivera o mérito de ser a primeira a enviar um relatório das atividades dos jovens em terras estrangeiras” (Matilda Erickson, *Missionary Volunteers and Their Work*, p. 21).

As sociedades do Canadá e do Havai foram acrescentadas em 1906, enquanto a África e a Guiana enviaram seu primeiro relatório jovem em 1907. A União Britânica e a União Sul-Africana também tiveram um bom início. Aqueles seis anos, de 1901 a 1907, fizeram muito pelos jovens na igreja adventista. De algumas poucas tentativas e experiências de organização, esparsas e aparentemente desconectadas, se desenvolveu uma abordagem simples e bem coordenada de ministério jovem. O número de sociedades havia crescido mais de 600 %. Desenvolveu-se a unidade de estrutura, conteúdo e propósito. Mais líderes de jovens eram nomeados. Providências relacionadas com um método unificado de educar e fortalecer a juventude, através de uma série de estudos sistemáticos, foram tomadas, e as sociedades deram ênfase na atividade missionária, encorajando os membros a participar da verdadeira missão da igreja. Mediante a aceitação pessoal do evangelho, era colocada diante dos jovens a necessidade de aceitar individualmente a responsabilidade de entregar-se ao serviço para concluir a missão. As sociedades tornaram-se a base do preparo e do crescimento dos jovens, já que ofereciam a visão de uma obra concluída e lhe ressaltavam a urgência. A capacitação para o serviço e o ambiente propício para o compromisso levaram muitos a um envolvimento ainda maior na missão. As sociedades eram também um veículo para oferecer oportunidades de serviço. A motivação para a existência de sociedades de jovens continuava sendo a salvação e o serviço. Verdadeiramente, o Senhor abençoou e dirigiu esta igreja para que desenvolvesse de forma ordenada e progressiva sua obra em favor dos jovens.

capítulo 8

DEPARTAMENTO SEPARADO

Esta igreja tem uma dívida de gratidão para com aqueles fiéis líderes da escola sabatina que com oração e cuidado lançaram os fundamentos do ministério jovem. Seguindo a orientação divina, tiveram a visão de suas responsabilidades para com os jovens e do tremendo potencial de uma juventude consagrada à missão da igreja, e o Senhor lhes abençoou os esforços.

Em pouco tempo, contudo, tornou-se evidente que as providências tomadas pela Associação Geral eram inadequadas; que uma obra de tão grande potencial requereria líderes que lhe consagrassem todo o interesse e energia.

Os votos tomados pela comissão da Associação Geral em maio de 1907, em Gland, Suíça, foram marcantes na história da obra jovem. Enquanto estudavam as necessidades dos campos no país e no exterior, nossos líderes voltaram-se novamente para os jovens. Decidiram não só dar ênfase à importância de uma obra mais definida entre os jovens, como também criar um departamento cujos obreiros dedicassem tempo integral ao grande trabalho em favor da juventude.

Não podemos passar por alto o apoio do presidente da Associação Geral daquele tempo. Qualquer estrutura imponente é, antes de mais nada, o sonho de um arquiteto. Por vezes é difícil que outros enxerguem o valor e a praticidade desse sonho. O conceito e a execução de uma organização mundial de jovens adventistas deve ser atribuída à visão, à percepção e à liderança de A. G. Daniels. Impressionado com o apelo do Espírito de Profecia quanto a “planos bem elaborados”, ele viu grandes possibilidades numa organização

Desafio do Ministério Jovem

de jovens em âmbito mundial. A decisão em Gland, no dia 15 de maio de 1907, no sentido de formar um novo departamento para desenvolver a obra entre os jovens foi inspirada, como escreveu o secretário da Associação Geral, W. A. Spicer, “pelo chamado divino para que se convoquem todos os recursos a serviço da conclusão da obra” (Review and Herald, 20 de junho de 1907). Nessa ocasião foram votadas as seguintes recomendações:

“Considerando que em nossas fileiras existem milhares de jovens pelos quais devem ser envidados os mais sérios e vigorosos esforços no sentido de instruí-los no evangelho de nosso Senhor e levá-los a se entregarem à obra da mensagem do terceiro anjo; e considerando que Deus tem abençoado de maneira especial os esforços entre os jovens por parte do departamento da escola sabatina, a ponto de seu crescimento e extensão tornarem difícil que o departamento dê a necessária atenção e ajuda, foi votado que, para o devido desenvolvimento dessa obra e a conseqüente capacitação de um exército de obreiros para o serviço, seja criado um departamento especial, com os oficiais necessários, o qual passará a ser conhecido como o departamento dos jovens da Associação Geral.

Durante a discussão do voto pelos mesários presentes, verificou-se que os jovens da igreja no mundo inteiro estavam sendo movidos por um impulso comum a se oferecerem para o serviço” (Voto da Comissão da Associação Geral, 15 de maio de 1907, Gland, Suíça).

Mas o concílio fez mais do que votar. Providenciou o início do trabalho desse departamento indicando uma comissão completa, tendo M. E. Kern como presidente e Matilda Erickson como secretária.

Recordando os anos subsequentes ao concílio de Gland, o pastor I. H. Evans escreveu em 1917:

“O concílio de Gland deve sempre evidenciar-se como o início da obra organizada em favor dos jovens. A

sabedoria do plano foi além do período de experiência e incertezas, e já entramos numa era de intensas atividades e de trabalho organizado e bem-sucedido entre a juventude” (The Youth is Instructor, 1917, Edição Decenal).

Fora tomada a decisão relativa a uma organização formal. Os motivos para esse voto devem ser observados aqui. A igreja:

1. Aceitou sua responsabilidade bíblica para com os jovens.
2. Considerou que a salvação de seus jovens, seu crescimento e sua proteção eram sua responsabilidade fundamental.
3. Reconheceu o potencial da juventude comprometida com o serviço.
4. Entendeu que as reivindicações do evangelho pesam sobre todos os membros, inclusive os jovens, fazendo com que aceitem a responsabilidade de participar da missão da igreja.
5. Percebeu que deviam ser muito bem elaborados os planos concernentes à preparação dos jovens para o serviço.
6. Reconheceu que a organização requeria líderes dedicados.

Um voto anterior da comissão da Associação Geral, de 8 de fevereiro de 1907, já havia determinado a realização de um congresso especial da escola sabatina e dos jovens. Esse evento relacionado com a obra jovem foi na realidade a primeira comissão jovem dirigida pela igreja. Para essa convenção foram chamados não só os departamentais e obreiros denominacionais, como também os jovens. Quase a maioria dos participantes era constituída de leigos e jovens com interesse específico na obra entre a juventude.

Um estudo das atas do encontro, dos trabalhos apresentados e dos relatórios dos participantes revela as sérias e sinceras tentativas para compreender a vontade de Deus para Sua juventude, a profunda consagração dos presentes, as constantes reuniões de oração pedindo a guia divina e o espírito de urgência para concluir a obra, reinantes naquele encontro. Os planos e as recomendações resultantes deixaram claras as funções do ministério jovem na igreja. Isso permitiu que os delegados focalizassem os princípios

Desafio do Ministério Jovem

bíblicos envolvidos, examinassem os pormenores dos conselhos de orientação divina esboçados no Espírito de Profecia e tivessem uma visão mais ampla do escopo e desafio do ministério jovem.

L. Flora Plummer comenta sobre a reunião :

“O programa para essa reunião realizada em Mount Vernon, Ohio, de 10 a 21 de julho de 1907, foi esmeradamente planejado.

Cinco dias inteiros foram dedicados à consideração das questões mais vitais - os princípios diretrizes da obra, suas necessidades colossais, a insuficiência das consecuições do passado e os remédios para isso.

Por seu propósito, caráter e resultados de longo alcance, essa convenção se colocou como um evento muito importante na história de nossa igreja.

A assistência foi excelente. Reuniram-se mais de duzentos delegados. Estudou-se com muita atenção cada fase da obra.

As experiências dos seis anos anteriores possibilitaram uma análise cuidadosa e inteligente das diversas necessidades. A obra preliminar estava feita. O alicerce tinha sido lançado.

A seguir vieram planos cuidadosamente amadurecidos relativos à estrutura como um todo. Os corações presentes anelavam uma clara compreensão do propósito de Deus. Nosso Pai celestial derramou ricas bênçãos. Veio a luz. Passo a passo a obra avançava, enquanto planos eram desdobrados e estabelecidos de modo tão eficiente que produziam uma reação entusiástica. Os olhos se abriam para expectativas maiores, tentativas mais amplas, resultados mais vastos.

Ao termos um vislumbre do crescente poder e da capacidade de propagação de nosso exército de jovens organizados e preparados para o serviço, pareceu-nos que de repente estávamos de posse de uma gigantesca fonte de

energia e poder espiritual com a qual poderíamos terminar a obra do Senhor nesta geração” (L. Flora Plummer, *Early History of the Seventh-day Adventist Young People’s Work*, p. 23).

O relatório oficial desse importante encontro revela as seguintes informações:

“Realizou-se em Mount Vernon, Ohio, de 10 a 20 de julho, uma convenção convocada para considerar os interesses pertinentes à nossa obra da escola sabatina e dos jovens, durante a qual se reuniram 200 representantes. Esse evento não será esquecido pelos participantes, por causa da manifestação do Espírito de Deus guiando os corações a uma entrega completa ao Seu serviço e a uma consagração da vida à obra que o Senhor deles espera em qualquer parte da grande vinha onde Sua providência possa indicar.

O movimento por parte de tantos jovens entusiastas e sinceros, consagrando a vida ao serviço de Deus e planejando a proclamação da mensagem do breve retorno do Salvador, foi uma inspiração para todos os presentes, e esperamos que um pouco dessa inspiração venha aos que lerem estas páginas.

O espírito do encontro pode ser relatado em poucas palavras:

Necessitamos de um espírito de consagração absolutamente completa e perfeita. Precisamos também de inspiração celestial que nos capacite a ver claramente a altura, profundidade e amplitude da obra a ser realizada.

Essa convenção certamente trará à nossa mensagem um novo ímpeto e marcará época na sua proclamação ao mundo. A nota que ressoou em todas as reuniões e ecoou em todos os trabalhos e palestras, foi a terminação da obra nesta geração, para que seja abreviada em justiça.

Desafio do Ministério Jovem

A consagração de um exército tão numeroso de jovens ao serviço da causa do Senhor não é somente uma inspiração, mas um indicativo de progresso mais rápido no futuro.

Os planos traçados serão a forma efetiva de engajar as energias e convocar o serviço de nossos jovens de todas as partes na proclamação ao mundo das boas-novas do glorioso alvorecer do dia eterno.

Acreditamos que os resultados desse encontro lançarão uma onda de entusiasmo e fervor que não desaparecerá enquanto o reino eterno não for estabelecido e não forem colhidos os feixes de todas as eras e terras, e o povo de Deus recebido em seu bendito lar celestial, onde se alegrará à luz da amável face do Pai e desfrutará a vitória sobre o pecado e a tristeza, e onde as realidades da eterna recompensa aguardam os fiéis (Introdução ao Relatório da Convenção da Escola Sabatina e dos Jovens, realizada em Mount Vernon, Ohio, 10-20 de julho de 1907).

Em 1930, M. E. Kern, o primeiro diretor de jovens da Associação Geral, escreveu estas palavras extraídas de um sermão:

“Abrir uma nova trilha é trabalho de pioneiros. Lançar os fundamentos de uma nova instituição não é tarefa simples. Princípios e planos que agora são encarados com naturalidade estavam mais ou menos dentro dos domínios da incerteza nos primeiros tempos de nossa obra organizada....

Dois meses após o concílio de Gland, foi convocada uma convenção da escola sabatina e dos jovens para Mount Vernon, Ohio, e o novo departamento foi plenamente organizado e apresentado. Por essa ocasião, deu-se nome ao novo departamento e foram estudados cuidadosamente os seus objetivos fundamentais e elaborados projetos definidos para se alcançar esses objetivos. Os alicerces

do movimento, cremos nós, foram profundos e amplos. Os planos foram traçados na direção de uma capacitação triplíce para o serviço missionário organizado, devocional e educacional. Nosso grande objetivo era que a irrequieta energia da juventude, tantas vezes uma fonte de perigo, fosse canalizada para o serviço da igreja.

Nenhum plano idealizado em Mount Vernon falhou. É evidente que os pioneiros do movimento tiveram orientação divina....

Nós, os pioneiros na organização dos jovens, empenhamo-nos em lançar um fundamento sólido e seguro. Temíamos a reação e o desastre como consequência de alguma iniciativa precipitada ou insensata, mas sentíamos que a ocasião exigia pressa na criação de um exército bem treinado de jovens adventistas para ajudar a levar a mensagem do advento a todo o mundo nesta geração. Como fruto do árduo trabalho, fervorosa oração e cuidadoso aconselhamento com a comissão do departamento e com os líderes no campo, formularam-se os conceitos fundamentais e estabelecidos métodos de trabalho que se mostraram adaptáveis à obra dos jovens em todas as nações” [Extraído de sermão proferido por M. E. Kern e intitulado *The Beginnings of Youth Work* (O Começo da Obra em Favor dos Jovens - nota dos tradutores) - 1930, Arquivos da Associação Geral].

capítulo 9

FUNÇÕES DO MINISTÉRIO JOVEM

Ninguém deveria subestimar o impacto de longo alcance que a convenção da escola sabatina e dos jovens, realizada em Mount Vernon, em 1907, exerceu sobre o ministério jovem da igreja.

A liderança reconheceu que o ministério jovem se encontrava numa encruzilhada que demandava planos, direção e orientação. Foi após muito estudo, oração e troca de ideias que se chegou às recomendações votadas. Os princípios do ministério jovem foram intensamente procurados na Bíblia. Todas as declarações disponíveis dos Testemunhos acerca do ministério jovem foram reunidas e estudadas para se verificar qual a orientação que havia sido transmitida. Os princípios bíblicos e a guia divina foram compilados e postos em ação.

Em seu relatório perante a assembleia da Associação Geral, em 1909, M. E. Kern, recapitulou a história do desenvolvimento do ministério jovem na igreja e depois observou que se haviam reconhecido cinco funções ou princípios orientadores do movimento. Esses foram estabelecidos através do estudo da Bíblia e do Espírito de Profecia, bem como por discussões na convenção da escola sabatina e dos jovens, dois anos antes. Estabeleceu-se com funções básicas do ministério jovem o seguinte:

1. Elevar o nível da vida devocional de cada jovem.
2. Melhorar o padrão de conhecimento dos jovens.
3. Educar e capacitar para o serviço.
4. Proporcionar oportunidades de evangelismo e serviço.
5. Ensinar os princípios de mordomia.

Essas diretrizes tornaram-se as funções básicas do novo departamento e lhe deram enfoque e direção. A salvação e o serviço continuavam sendo os objetivos fundamentais e a motivação do ministério, mas essas cinco funções constituíam os princípios orientadores mediante os quais o ministério seria concretizado.

Programas, atividades, recursos e publicações para os jovens apareceram rapidamente como resultado dessas funções, e foram adaptados às necessidades da juventude da época.

Cada uma dessas funções, posteriormente, deu origem a um programa. Examinemos cada uma em separado.

1. Para elevar o nível da vida devocional de cada jovem, foi introduzida a Devoção Matinal, seguindo-se o Ano Bíblico, os Clássicos do Caráter e os Programas de Encontro.
2. Melhorar o padrão de conhecimento dos jovens se tornou um programa. Dando explicações adicionais, M. E. Kern disse que o departamento entendia que quando os jovens eram preparados para o batismo, recebiam instruções e estudos doutrinários, mas que isso não era suficiente. Cada pessoa precisava atingir um determinado padrão ou nível em seu conhecimento da igreja, sua história, organização, missão e normas. Reconhecendo essa necessidade, a função foi preenchida pela introdução de programas e classes como História Denominacional, Herança e Verdade, estudos que se referiam à missão e à organização da igreja.
3. A função de educar e capacitar os jovens especialmente para o serviço foi atendida pelos cursos de liderança, subsequentemente oferecidos através dos anos pela igreja. As classes progressivas para juvenis e jovens, o clube de Desbravadores, os cursos de preparo de líderes são um produto dessa função.
4. Proporcionar oportunidades de evangelismo e serviço era uma coisa natural. A capacitação e o preparo só encontrariam seu cumprimento através da ação. Se o serviço era o alvo

Desafio do Ministério Jovem

implícito do ministério jovem, então a liderança precisava oferecer oportunidades para que os jovens se envolvessem na missão da igreja. Ao longo dos anos, programas e recursos foram desenvolvidos para atender essa função, como Evangelismo MV, A Voz da Juventude, congressos de jovens, estudos bíblicos, projetos de serviço à comunidade, programas de treinamento e evangelismo.

5. A quinta função era ensinar aos jovens os princípios de mordomia cristã em sua definição mais ampla. O propósito era obter dos jovens um compromisso com Deus e a obra, levando-os a aceitar o fato de que seu tempo, talentos, influência, energia e recursos financeiros pertenciam a Deus e deviam ser dedicados a Seu serviço. Foram, então, preparados programas que exigiam um compromisso em cada uma dessas áreas. Projetos como Equipe de Tarefas, Serviço Jovem Adventista, Estudantes Missionários são exemplos, bem como outros programas de serviço voluntário.

Desde então, consciente ou inconscientemente, essas funções vêm caracterizando a base do ministério jovem.

A dificuldade é que sem uma capacitação contínua, os líderes de jovens e administradores da igreja se concentraram em programas e atividades para os jovens e muitas vezes se esqueceram das funções do ministério jovem ou nunca se inteiraram delas. Ao desconhecer os verdadeiros objetivos do ministério jovem, os programas e atividades chegaram a ser sinônimos desse ministério. Uma vez que esses programas e atividades não supriam as necessidades instáveis dos jovens, eram modificados ou abandonados. Ou então, outras atividades apareciam como substitutas que pouco tinham a ver com os objetivos ou funções do ministério jovem, o que revelava que esses eram desconhecidos realmente. Dessa forma, sofreu a obra em favor dos jovens e a qualidade desse ministério deteriorou-se, deixou de suprir as necessidades ou as expectativas da igreja.

O fato de que as atividades e os programas eram subordinados

às funções evidencia-se no relatório de M. E. Kern à assembléia da Associação Geral de 1911:

“A reunião semanal da sociedade (dos MV) não deveria constituir a totalidade da obra jovem, mas sim uma parte desse ministério.”

O ministério jovem era visto como a resposta da igreja à sua responsabilidade para com a juventude. Tinha a intenção de alcançar o equilíbrio no desenvolvimento, crescimento, amadurecimento e compromisso dos jovens adventistas. Não era exclusivamente a realização ou a manutenção de um encontro semanal. Essa reunião semanal da sociedade, entretanto, tinha a intenção de ser um componente importantíssimo na conquista dos alvos do ministério jovem.

Embora essas cinco funções promovessem o enfoque e a direção do ministério jovem, os líderes da obra não se esqueceram de que eram apenas um produto dos objetivos básicos do ministério. A salvação e o serviço continuavam sendo a motivação e o enfoque principal.

M. E. Kern deu ênfase a esse ponto numa declaração escrita, dirigida ao concílio da Associação Geral de 1915.

“No concílio da Associação Geral após a convenção de Mount Vernon, em 1909, foi votada entusiasticamente uma resolução que aprovava os passos dados na organização do departamento. Entre outras resoluções votadas no tocante à obra dos Missionários Voluntários, as seguintes davam ênfase àquilo que era e é considerado como o mais fundamental:

VOTADO que demos ênfase a uma mudança de coração e ao recebimento do Espírito Santo como requisito primordial em toda nossa obra em favor dos jovens; que sejam levados avante esforços evangelísticos mais fervorosos em seu favor.

Desafio do Ministério Jovem

VOTADO que, no planejamento do trabalho entre os jovens, ressaltemos a obra pessoal como a base e o fundamento de todas as linhas de atividade cristã; e que, para esse fim, incentivemos a formação de pequenos grupos de oração e esforço definido.

Assim, desde o início, foi dada atenção máxima à importância de esforços evangelísticos em favor dos jovens e do evangelismo pessoal realizado pelos jovens. Temos procurado seguir nessa direção e esperamos que, mediante o apoio constante dos líderes, nunca nos apartemos desse ideal. Para colocar em prática esse plano, nossos diretores dos Missionários Voluntários devem ser evangelistas, além de educadores e organizadores” (Relatório bienal do departamento dos Missionários Voluntários da Associação Geral, apresentado perante o concílio da Associação Geral em Loma Linda, Califórnia, 5-27 de novembro de 1915, por M. E. Kern, secretário).

O pastor Kern passou então a explicar que essas diretrizes previamente estabelecidas deveriam atingir seu alvo mediante uma abordagem tríplice.

“Os esforços dos Missionários Voluntários estão arranjados naturalmente sob três cabeçalhos: Atividades Devocionais, Atividades Educativas e Atividades Missionárias Organizadas.

Atividades Devocionais

Predominante entre as características devocionais é a Meditação Matinal. Cremos que a fiel observância da Meditação Matinal fará mais do que qualquer outra coisa para estabelecer uma comunhão ininterrupta com o céu, constituindo-se no segredo de um viver correto e de uma bem-sucedida conquista de almas.

Atividades Educativas

Predominante entre os elementos educativos é o Padrão de Conhecimento.

Nós lançamos tantos planos em Mount Vernon, que

a princípio pareceu impossível fazer alguma coisa com o Padrão de Conhecimento, mas a sabedoria do plano foi demonstrada por seu crescimento firme e gradual e pelos resultados já obtidos. Pode haver alguma coisa mais importante do que estimular os jovens de nossas igrejas a estudarem os pontos fundamentais de nossa fé e a história do movimento adventista? Que vitória já alcançamos ao ver centenas de jovens reunindo-se nos grupos do Padrão de Conhecimento, estudando seriamente esses fundamentos, em lugar de passar o tempo com prazeres infrutíferos e prejudiciais! Esse plano já preparou muitos para ativos esforços missionários, estimulando-lhes também o desejo de frequentar uma escola para obter preparo ainda mais completo.

Atividades Missionárias Organizadas

O terceiro aspecto de nossa obra é o esforço missionário organizado. Embora nós o apresentemos à juventude como o grande alvo para o trabalho de sua sociedade, ele também é, na realidade, um meio de alcançar o objetivo proposto para o departamento — a salvação e a capacitação dos jovens para o serviço” (Ibidem, p. 3-5).

Esse método tríplice de alcançar os jovens por meio de sua sociedade transformou-se num sólido ministério. Seus alvos eram simples e suas funções claramente enunciadas e compreendidas pelos membros.

Na manhã da quinta-feira, 18 de abril de 1912, o pastor A. G. Daniells dirigiu-se à União da Colúmbia, reunida no auditório da Biblioteca Carnegie, em Pittsburgh, Pensilvânia. Falou acerca das necessidades dos jovens da igreja e relacionou os propósitos de nosso ministério em seu favor, como ele os entendia.

“Fui solicitado a enumerar as maneiras pelas quais os fatores de influência em nossa causa podem integrar-se num esforço sincero para conquistar nossos

jovens para Cristo, uni-los a esse movimento, educá-los e prepará-los para um serviço eficiente.

Essa é uma questão de suma importância, porque implica no bem-estar de nossos jovens, na alegria e coragem de seus pais e no progresso de nossa causa.

Gostaria de destacar brevemente algumas coisas que a meu ver os jovens precisam... e sinto ser nosso dever estudar como nós poderíamos para alcançar esse fim. Consideremos estas sugestões uma por uma.

1. Estudar as necessidades e interesses dos jovens mais maduros e experientes. Foi essa consideração que levou a Associação Geral a criar o departamento dos jovens. Um dos grandes objetivos desse departamento é estudar cuidadosamente os interesses e necessidades de nossos jovens, desde que começam a fazer uso da razão até se encontrarem finalmente engajados permanentemente em serviço.
2. Elaborar planos sábios e adoção de atividades práticas que supram as necessidades dos jovens. Precisamos não só compreender claramente as necessidades dos jovens, mas também fazer algo de natureza prática a fim de satisfazê-las. A Associação Geral tem se esforçado para lançar propostas que a seu ver são necessárias para salvar os jovens e conservá-los para a causa. Precisamos da cooperação dos pastores desta denominação a fim de que esses planos se concretizem; precisamos da colaboração de todas as nossas instituições: igrejas, escolas, sanatórios e casas publicadoras, bem como da colaboração dos pais.
3. Fornecer instruções práticas sobre como trabalhar em favor dos jovens. Muitos precisam ser ensinados a trabalhar; não conseguem realizar muita coisa sem instrução e preparo. Estamos empenhados em prestar essa ajuda por meio do departamento dos jovens.
4. Exercer uma forte influência para que se façam esforços incessantes em favor dos jovens.

5. Propor ideais legítimos de vida e de serviço. O departamento dos jovens foi organizado para colocar diante deles os ideais legítimos, os incentivos corretos, os propósitos adequados, precisando para isso da colaboração de todos os pastores e pais.
6. Canalizar suas energias de modo firme e sábio. Não devemos reprimir as energias dos jovens, mas sim dirigi-las. O departamento dos jovens está envidando todos os esforços para estimular e dirigir as energias de rapazes e moças, e para tanto sinceramente esperamos a cooperação de todos os nossos obreiros.
7. Capacitar para o serviço do Mestre enquanto são jovens. Se quisermos levar nossos jovens a amar a obra de Cristo, devemos ensiná-los enquanto têm pouca idade. Não existe melhor maneira de ligar a juventude à causa de Deus do que fazê-la trabalhar pelos outros.
8. Incentivar ao estudo, lançando assim um bom alicerce para uma carreira profissional. Um dos grandes objetivos do departamento dos jovens é criar neles o desejo de obter educação para um trabalho bem-sucedido na causa de Deus.
9. Encaminhar para o serviço permanente. Não devemos parar depois que induzimos os jovens a ingressarem nas nossas escolas. Não devemos cessar os esforços no dia de sua formatura. É aí que deverão decidir o que fazer no futuro, e devemos ajudá-los a tomar as decisões corretas "(Trechos do sermão do pastor A. G. Daniells, A Cooperação que Solicitamos para a Obra em Favor dos Jovens, Arquivos da Associação Geral, 1912).

O ministério iniciado por esta igreja em favor de seus jovens devia ser uma obra completa, que fortalecesse, edificasse, animasse e preparasse os jovens para o serviço do Mestre. Era uma obra ampla em sua visão, firmemente alicerçada em base bíblica, mas ainda assim organizada de modo simples e eficiente, segundo os conselhos da orientação divina.

capítulo 10

MINISTÉRIO JOVEM E OUTROS DEPARTAMENTOS

A juventude e seus líderes não estavam sozinhos em suas convicções quanto aos verdadeiros objetivos do ministério jovem. Os líderes de nossa igreja também acreditavam nesses mesmos objetivos e foram os arquitetos e promotores do novo ministério em favor da juventude. Entre eles, o principal não foi outro senão o presidente da Associação Geral na época, A. G. Daniells. Na reunião de abertura da convenção da escola sabatina e dos jovens, no dia 10 de julho de 1907, ele fez a seguinte declaração que muito ajudou a dar propósito e direção ao departamento nascente.

“Antes de mais nada, devemos receber de nosso Senhor conceitos claros e bem definidos acerca dos muitos problemas relacionados com o bem-estar dos jovens de nossa denominação. Devemos compreender sua grande necessidade de uma transformação total de coração e acerca de como podemos trabalhar mais eficientemente para ajudá-los a obter essa mudança. Precisamos ter uma compreensão clara do serviço que nossos jovens devem prestar a esta causa, e nós mesmos devemos ser levados a fazer planos simples, mas eficazes, para levar avante essa obra. O benefício que esta convenção pode representar para nossa causa dependerá também da nova resolução que tomarmos a respeito do serviço que daqui em diante prestaremos. É possível fazer muito mais para Deus do que estamos

fazendo agora. Podemos empregar nossas energias nessa obra e colocar nela uma devoção como nunca antes. Queremos que este encontro nos traga novo poder e vida, para que, com sabedoria, inspiração e resolução, lancemos um movimento que seja tão abençoado por Deus, que se estenda pelo comprimento e largura de nossa denominação e convide para o serviço as fileiras de nossos jovens. Podemos ver nossos rapazes e moças fazendo na obra de Deus mais do que estão fazendo agora. Eles dispõem de muita energia que podem aplicar para o bem. Deveria haver um desejo maior da parte deles de chegar a ser professores, médicos, enfermeiros, pregadores e obreiros bíblicos. Acaso não é possível que aqui se lance um novo movimento capaz de trazer-nos tudo isso? Creio que seja possível” (A. G. Daniells, *Relatório da convenção dos jovens*, p. 15-6, de 10.07.1907).

Mais tarde, no mesmo dia, A. G. Daniells proferiu um notável sermão intitulado *Nossa missão perante o mundo* e desenvolveu mais detalhes do que havia mencionado antes:

“Nossa missão ao mundo pode ser resumida em: proclamar a mensagem do terceiro anjo a cada nação, tribo, língua e povo. Ocupamos um território que nos pertence totalmente. Não creio que haja outro povo no mundo que reivindique tal missão. Nunca, na história da igreja, foi lançado e levado avante um movimento como este.

O que é a mensagem do terceiro anjo? Terá chegado o tempo de levar essa mensagem ao mundo? Existe justificativa para deixarmos tudo o mais neste mundo e devotarmos toda a nossa atenção, nossa vida inteira e nossas perspectivas seculares a esse empreendimento? Enquanto essa questão não estiver

firme e satisfatoriamente respondida, não vejo como um jovem possa dedicar a vida a esta causa na forma como deveria fazê-lo. A única fonte de informação relativa a essas perguntas é a Palavra de Deus. Aquilo que chamamos de mensagem do terceiro anjo encontra-se registrado no capítulo quatorze de Apocalipse, versos seis a doze. É uma tríplice mensagem, uma grande mensagem dividida em três partes, que se deve dar ao mundo. Cada parte deve receber sua ênfase no momento apropriado e no final, todas as partes devem combinar-se numa grande e solene mensagem de advertência de Deus para o mundo.

Nossa missão no mundo é proclamar essa mensagem. Esse fato deve ser impresso na mente de nossas crianças e jovens. Precisa estar entretecido em cada fibra de seu ser. O ensino de nossas escolas, os cultos de nossas igrejas, os ideais apresentados e os conceitos expostos devem todos ter como fim impressionar a mente de nossas crianças e jovens com o fato de que sua missão como indivíduos deve ser a missão de toda a igreja, a saber, proclamar ao mundo a mensagem do terceiro anjo. Se isso for feito enquanto são jovens, essa impressão não os deixará nunca. Quando chegarem à idade em que tenham que assumir responsabilidades e forem chamados a decidir em que dedicarão suas vidas, serão certamente influenciados por esse grande fato.

Que podemos dizer quando nos sentimos tentados a duvidar de que esse grande movimento seja tudo o que se propõe ser? A única coisa que podemos dizer é que ele é baseado na Palavra de Deus, que permanece para sempre. Essa mensagem e esse movimento estão enraizados tão profundamente na Palavra, que a única forma de desprender-se deles é rejeitar a própria Palavra. Devemos ser adventistas enquanto crermos nas Escrituras. Não há outro caminho, e nem queremos

outro, pois essa é a mais gloriosa mensagem e esse é o mais glorioso movimento no mundo.

Sob um ponto de vista religioso, os jovens adventistas são os mais felizes e abençoados jovens dentre a juventude do mundo. Possuem a missão mais definida dentre todos os jovens. Dispõem de algo sólido e substancial, em cuja realização podem canalizar suas energias enquanto viverem. É verdade que muitos outros jovens no mundo estão trabalhando para conduzir pessoas a Cristo, mas falta-lhes a maravilhosa e inspiradora definição de propósito que nós temos. E agora, devemos inspirar nossos jovens a fim de que consagrem suas energias e vidas para a conclusão dessa obra. Nossos idosos não podem ir para terras distantes, aprender novos idiomas e suportar as privações inerentes a esses campos. Esse trabalho precisa ser feito por pessoas mais jovens, e nunca é cedo demais para começar. Alguns dos maiores e mais notáveis missionários do último século foram homens que partiram para o campo missionário com menos de trinta anos de idade. Possuímos uma mensagem muito específica e bem definida, e por que não deveriam rapazes confiantes em Deus sair, fortalecidos por Sua Palavra, com plena compreensão da missão que lhes foi confiada? Por que não deveriam eles tornar-se gigantes no poder entre o povo?

Ao considerar hoje essa grande obra, encontramos muitos motivos para encorajar-nos a prosseguir com esse trabalho; temos muito a impelir-nos para a frente; muito para levar-nos a dedicar sinceros esforços na execução da obra e no cumprimento da missão” (*Ibidem* p. 19-22).

Aqui mais uma vez podem ser vistos os dois grandes temas da salvação e do serviço. Por salvação se entendia a conversão pessoal, a “mudança de coração” de cada jovem, ao ser ele levado a um relacionamento mais íntimo com Cristo. O serviço se definia como

Desafio do Ministério Jovem

a responsabilidade bíblica designada por Deus a cada indivíduo que Lhe professe o nome, para dar a mensagem do terceiro anjo. Seria de admirar, então, que as recém-formadas sociedades de jovens refletissem esses temas em seu voto e alvo? “O amor de Cristo me constrange” e “A mensagem do advento a todo o mundo nesta geração”.

Outros líderes também ecoavam os mesmos sentimentos. O professor Frederick Griggs, expoente na obra educacional da época, participava daquela convenção e manifestou-se:

“Deste encontro deve brotar nova inspiração para nossos jovens em todo o mundo. Inspiração quer dizer mais do que costumamos pensar. Não significa simplesmente um entusiasmo passageiro. Significa inalar, absorver aquilo que dá vida e vitalidade ao ser. Desejamos sinceramente que nossos jovens em toda a terra inspirem o Santo Espírito que produz vida. Essa obra deve ser concluída por homens e mulheres consagrados. A expressão “consagrar” significa separar para um fim. Aqui estamos para inaugurar um movimento que dedicará rapazes e moças à terminação da obra” (*Ibidem*, p. 12-3).

Pouco mais tarde, o professor B. G. Wilkenson apresentou um estudo sobre a Bíblia e a juventude, abordando o mesmo assunto. Observou que o ministério em favor dos jovens existia não por causa de um voto de comissão, mas por causa de uma decisão baseada em princípios revelados pela Palavra de Deus:

“A melhor organização de jovens será fraca e se reduzirá a nada, se estiver baseada na Bíblia. Sim, uma organização como essa pode ser fundada inclusive sobre princípios da Palavra de Deus, mas se não forem traçados planos para continuar um estudo sistemático e sólido das Escrituras, a organização, com o tempo, ficará privada de sua força e deixará de promover os seus objetivos originais.

Aqui estamos hoje para formar uma organização de nossos jovens. Não podemos criar essa organização. As grandes verdades para este tempo já o fizeram antes de nós. Aqui estamos simplesmente para reconhecer o resultado e tomar posse do precioso dom. Mas estaremos deixando de unir esses elos enviados pelo céu, caso não atribuamos à Palavra de Deus o seu lugar de eminência no seio deste exército. O poder que trouxe à existência essas esplêndidas hostes é o único poder capaz de atribuir uma tarefa a cada indivíduo, a cada fileira, a cada grupo, conduzindo o todo à vitória. Esse exército de jovens não é toda a igreja; tampouco deve tomar o lugar dela. Mas, ligado à igreja pelos indissolúveis laços de um propósito comum, pode e deve formar a linha de combate, permanecendo a igreja ativa, produzindo e enviando o material necessário.... Precisamos tomar providências quanto ao treinamento de guerreiros cristãos. Precisamos contar com jovens soldados que não tenham outra obra no mundo a não ser a obra do Mestre. Precisamos levar esses jovens e confiantes corações a sentir intenso amor por seu divino Senhor. Como poderemos fazê-lo? Dando-lhes a Palavra. Começando com a escola sabatina; continuando com as sociedades de jovens. Levemo-los às Páginas Sagradas, e sua santa influência os unirá a Deus. Então pensarão com fé, falarão com honestidade e servirão com amor. O poder da mensagem se fará sentir rapidamente em todas as terras e países, e em breve estaremos no lar. Há uma inspiração que a Bíblia nunca deixa de oferecer: o anelo de sermos mais úteis. Ela nunca subestima o desejo de tornar-nos mais úteis ou obtermos mais conhecimento” [B. G. Wilkenson, *The Bible and Our Youth* (A Bíblia e Nossa Juventude - nota dos tradutores), Arquivos da Associação Geral].

Naturalmente, na formação de qualquer novo departamento da igreja, surgem as perguntas.

Desafio do Ministério Jovem

Haverá duplicação? É necessário? Que relação terá esse novo departamento com os outros?

O pastor G. B. Thompson, diretor de escola sabatina da Associação Geral, respondeu a essas perguntas:

“Os departamentos da escola sabatina, dos jovens e da educação têm um só propósito. Consiste em conseguir que as energias dos jovens sejam dedicadas à obra da mensagem do terceiro anjo. Promover uma disposição à atividade missionária é a obra do departamento dos jovens. Devemos impressionar a mente de nossos jovens com a ideia de que a única razão pela qual vale a pena viver neste mundo, a única que permanecerá para sempre é a obra da mensagem do terceiro anjo. Tudo o mais avança para a destruição e o caos eterno” (G. B. Thompson, citado no *Relatório da convenção da escola sabatina e dos jovens*, Arquivos da Associação Geral, 1907).

O mesmo pastor apresenta idéias semelhantes em um trabalho sobre a escola sabatina :

“O departamento da escola sabatina é um dos importantes elementos na obra em favor dos jovens. Como todos sabem, esse departamento tem promovido esse ministério até o momento, quando então percebemos que se tornou necessário organizar um departamento separado. Mas a organização de um novo departamento não altera em nenhum sentido a relação do departamento da escola sabatina com a obra em favor de nossos jovens. Sua ênfase é um pouco diferente daquela do departamento de jovens. A escola sabatina compreende o estudo da lição, enquanto o departamento dos jovens tem a ver com o serviço - ainda que não exclusivamente, mas seu objetivo maior

é capacitar os jovens para a atividade missionária. A escola sabatina se interessa pelos jovens e continuará interessada neles até que se termine a obra no mundo.

O propósito do departamento da escola sabatina é o propósito da mensagem do terceiro anjo, da qual faz parte. De maneira geral, seu propósito é levar a mensagem do terceiro anjo ao mundo. De maneira específica, é salvar almas.... O ensino da mensagem deve começar na Escola Sabatina. Se pais e professores colaborarem, inculcarão o amor pela mensagem no coração dos pequenos, e isso será eficaz e útil na obra que o departamento dos jovens executar; assim, esses dois departamentos devem sempre trabalhar juntos na grande obra em favor dos jovens” [Trabalho apresentado por G. B. Thompson, *The purpose of the sabbath school* (O propósito da escola sabatina - nota dos tradutores) - Arquivos da Associação Geral].

Outras objeções que surgiram ligavam-se à questão de haver ou não necessidade de uma nova organização para atividades missionárias. Não seria essa uma duplicação do departamento de ação missionária? Se era necessário criar um outro departamento, como se esperava que ambos se relacionassem? Mais uma vez a liderança apresentou as respostas:

“Alguns têm argumentado que é incoerente organizar os jovens numa sociedade missionária, sendo que a igreja já a tem. Por que, perguntam eles, se precisa de duas sociedades na mesma igreja para realizar o mesmo trabalho? Argumenta-se ainda que os jovens são a vida da sociedade missionária da igreja, e que se os levamos para uma sociedade só deles, empenharão o melhor de seus esforços na sociedade dos jovens, enquanto a sociedade missionária da igreja morrerá. Não seria melhor unir as forças e tornar bem-sucedida

uma organização, em vez de dividir as energias em dois lados, forçando cada um a lutar por sua sobrevivência? Por que gastar tanta energia na organização da atividade missionária dos jovens e negligenciar a dos adultos?

Essa é a objeção daqueles que vêem na sociedade dos jovens a ruína da antiga sociedade missionária. Mas muitos não se detêm aqui. Atacam mesmo a organização, porque julgam que ela esteja se fundando sobre princípios equivocados. Insistem em que se converterá numa igreja dentro da igreja, que separará os jovens dos adultos. Dizem também que os jovens se tornarão autosuficientes e independentes e que o contato exclusivo com outros jovens no trabalho de sua sociedade produzirá maus resultados.

Naturalmente, surge a pergunta: essas objeções estão fundamentadas em fatos ou em receios?

Com poucas exceções, as pessoas têm afirmado que o trabalho aproxima os jovens da igreja; que contribui para que sejam mais ativos na obra missionária; que tem despertado em toda a igreja o zelo missionário e que tem aproximado os jovens dos adultos. (...)

Se a obra dos jovens deve ser um membro útil na igreja, devemos dar-lhe esqueleto suficiente para mantê-la em pé, e suficiente organização para capacitá-la a fazer o bem. As vantagens de um departamento bem estabelecido são muitas. As sociedades dos jovens têm uma obra especial a realizar, e precisam de uma organização especial para concretizá-la.

É verdade que a sociedade missionária e a sociedade dos jovens têm muito em comum. O objetivo final de ambas é a mensagem do advento a todo o mundo nesta geração; mas enquanto o trabalho principal das sociedades missionárias tem sido levar a verdade aos que não pertencem a nossa fé, o objetivo básico e imediato das sociedades dos jovens é, ao meu ver, a salvação e o desenvolvimento da juventude, e ninguém

pode trabalhar tão eficientemente nesse sentido como os próprios jovens.

A obra em favor dos jovens não só apela a eles para obter uma resposta entusiástica a fim de conservar-lhes na verdade, como também faz deles eficazes obreiros de Deus. E, à medida que as responsabilidades são colocadas sobre eles, se tornam aptos para tarefas mais importantes.

Resumindo, portanto, eu diria que a obra em favor dos jovens os protege das amizades mundanas, mantendo-os na verdade e aumentando-lhes o zelo missionário. Por outro lado, prepara obreiros, pessoas realmente dispostas a trabalhar para Deus. E ainda faz mais - ou pode fazer mais - do que qualquer outro departamento da igreja para conservar e guiar nossos filhos através desse período tão difícil que é a adolescência, a qual define o destino da juventude.

O movimento que se desenvolveu entre nossos jovens tem progredido sob a direção do Espírito de Deus e creio que ele veio para ficar” [Citações de um estudo feito por O. J. Graf, *Why Have Young People's Societies?* (Por que Devemos Ter Sociedades de Jovens? - nota dos tradutores) - Arquivos da Associação Geral].

Não se manifestou desarmonia entre os departamentos, mas todos compreenderam perfeitamente seus diferentes papéis e como poderiam trabalhar em conjunto. Não obstante, também estavam cientes das diferentes maneiras de servir aos jovens. Matilda Erickson acrescenta:

“A sociedade dos Missionários Voluntários é um departamento da igreja que trabalha de modo especial pelos jovens.... A sociedade dos Missionários Voluntários justifica sua existência como departamento mediante o aprofundamento da espiritualidade da igreja, contribuindo para o bem-estar dos membros e aumentando sua

atividade missionária na comunidade.

A sociedade procura, em primeiro lugar, salvar os jovens e depois capacitá-los para o serviço. Nisso colabora com a igreja em seu conjunto e com todos os seus departamentos. Certamente a sociedade que permanecer fiel ao seu objetivo será uma grande bênção para a igreja, pois estará adaptada para trabalhar especialmente pelos jovens, de cujo grupo a igreja espera recrutar o maior número possível de membros.

Há - ou pelo menos deveria haver - três departamentos em todas as igrejas, que atendem a crianças e jovens. São eles a escola sabatina, a sociedade missionária do lar e a sociedade dos Missionários Voluntários. Deve existir perfeita harmonia e plena cooperação entre esses departamentos, pois somente dessa forma podem testemunhar o verdadeiro sucesso. Trabalham todos pelo mesmo grande propósito. Cada departamento ocupa um lugar especial, mas não pode ocupá-lo bem sem unir as mãos com os departamentos afins e sem que todos trabalhem juntos pela salvação de almas” (Matilda Erickson, *Missionary Volunteers and Their Work*, 1922, p. 72-3).

O enfoque, como sempre, estava sobre a verdadeira missão da igreja. Na obra em favor dos jovens se destacava o estudo da Bíblia que conduzia à salvação pessoal e capacitação ao serviço. Era nesse ponto que o novo departamento de jovens, através de suas sociedades, revelava seu potencial ao colaborar com o departamento de educação.

A filosofia adventista relativa à educação de nossos jovens havia crescido e se desdobrado. Nessa época, a igreja tinha um forte sistema escolar que incluía alguns colégios na América do Norte e no exterior. Nossas escolas eram consideradas como “missionárias” por natureza. Esperava-se que elas oferecessem a inspiração e treinamento com o fim de capacitar os jovens para um futuro serviço para Deus em qualquer linha de trabalho que Ele lhes indicasse. A escola sabatina e as sociedades de jovens deviam se tornar centros de recrutamento de jovens consagrados.

Os jovens, então, poderiam ser encaminhados para nossas escolas a fim de receber preparo adicional e dessa forma constituir um grupo de membros devotados ao cumprimento da missão da igreja.

O professor Frederick Griggs expõe esse assunto do seguinte modo:

“Esta convenção está impregnada de grandes possibilidades para nossa obra educacional. Esta linha de ação não deve ser vista como desligada da obra da mensagem do terceiro anjo, mas precisa ser considerada como parte integrante dela. Deve penetrar em cada fibra da obra desta denominação. É, portanto, absolutamente necessário que nossos moços e moças recebam tal educação, sob um ponto de vista intelectual, que os capacite a enfrentar os árduos tempos em que vivem e a lidar com as pessoas difíceis que encontram. Também precisam possuir uma fé profunda, enraizada e bem firmada, como um princípio vivo da Palavra de Deus.

Um jovem que tenha a mente bem direcionada, que apresente sólida fé, que preste a devida atenção a seu corpo, observando as leis da saúde, realizará uma grande obra para Deus quando sair ao mundo. Enquanto acompanho a marcha dos acontecimentos, e observo rapazes e moças ligados a esses acontecimentos, fico cada vez mais convencido de que é somente essa classe de pessoas que poderá realizar a obra de Deus para este tempo.

É nosso dever reestruturarmos nossos cursos acadêmicos e apegar-nos a essas linhas de ação de tal maneira que nos qualifiquemos a salvar almas da ruína iminente. Para terminar a obra, necessitam-se de obreiros preparados, de agudo intelecto, cuja alma tenha sido tocada pelas brasas vivas do altar. O único lugar onde poderemos procurá-los é nas escolas onde essa mensagem é ensinada, onde os princípios dessa verdade sejam entretecidos com cada fibra de seu ser.

Nossas escolas, portanto, ocupam um lugar

Desafio do Ministério Jovem

extremamente importante neste tempo. O que é que tudo isso significa para os jovens que participam desta convenção? Significa que nossas sociedades de jovens lhes têm dado uma importantíssima tarefa na questão de sua educação. Cabe a essas sociedades oferecer, com fervoroso espírito, oportunidades para que cada um de seus membros seja treinado para o serviço de Deus. Se cada um dos senhores assumir a atitude correta em relação a esse assunto, o resultado será que cada escola que temos estará repleta de moços e moças consagrados, sinceros, preparados para uma grande obra para Deus quando terminarem seus cursos. Depois disso, se em nossos colégios pudessem obter um rápido treinamento como missionários destinados ao estrangeiro, seríamos capazes de enviar para a seara, dentro dos próximos quatro ou cinco anos, um exército de obreiros que abalaria o mundo. Essa é uma tarefa definida que lhes corresponde fazer aos moços e moças presentes a esta convenção.

Agora suponhamos que haja um grupo de dez rapazes e moças consagrados e sinceros. Talvez tenha sido impossível a todos frequentar nossos colégios, mas imaginemos que dissessem: Ajudaremos, se necessário for, dois ou três de nossos companheiros para que possam ir ao colégio. Dessa maneira, rapidamente seria levado a nossas escolas um número muito maior de jovens do que até agora. Algo precisa ser feito por nossas sociedades de jovens, no sentido de que cada moço ou moça que tenha a possibilidade de ir para a escola, veja a necessidade de fazê-lo” [Frederick Griggs, *Our Young People and Educational Work* (Nossos Jovens e a Obra da Educação - nota dos tradutores), estudo apresentado na reunião de 1907, Arquivos da Associação Geral].

A. G. Daniells, dirigindo-se à União Colúmbia em 1912, disse:

“Um dos grandes objetivos de nosso departamento de

jovens é criar neles o desejo de obter educação para um trabalho bem-sucedido na causa de Deus”.

Sendo que nossos líderes eram unânimes em seu conceito de ministério entre os jovens, também era natural que existisse cooperação entre os departamentos de escola sabatina, sociedade missionária e educação. Cada um trabalhava tendo em vista o alvo comum, promovendo a salvação dos jovens, desafiando-os a assumirem um compromisso, inspirando-os a cumprir a missão da igreja e tomando providências relativas ao preparo ao serviço. Cada departamento devia ter uma função de colaborador no desenvolvimento progressivo da juventude.

O período de 1907 a 1915 foi de crescimento e prosperidade no ministério jovem. Foi uma época de união e cooperação. Mas, planos adicionais precisavam ser traçados enquanto a obra se expandia. Aquilo que a convenção de 1907 foi para o início do ministério jovem, o concílio de Santa Helena foi para o seu desenvolvimento posterior.

Em junho de 1915, os líderes dos Missionários Voluntários e os obreiros na área de educação reuniram-se no *Pacific Union College*. Esse concílio de dez dias produziu ajustes e mudanças importantes relativas à ênfase e direção do ministério jovem, pois, na ocasião foram elaborados planos a respeito do ministério entre as crianças e os adolescentes. Houve uma integração ainda maior entre a área da educação e a dos jovens. Ao discorrer sobre a estreita relação que deveria haver entre o departamento de jovens e nossos colégios, o pastor M. E. Kern, por ocasião da assembléia de 1918, disse o seguinte:

“Outro avanço digno de menção é a cooperação mais estreita entre nossos colégios e o departamento dos Missionários Voluntários. É evidente que essas escolas, cuja função é preparar obreiros para todos os ramos de trabalho, são o principal fator de desenvolvimento do ministério dos Missionários Voluntários. Se as escolas têm sociedades de jovens modelo e dão atenção a todos os planos do departamento, os estudantes sairão delas cheios do espírito de serviço e do desejo de ajudar os jovens nas

Desafio do Ministério Jovem

igrejas locais. Anos atrás fez-se a pergunta: ‘Quem, entre nossos jovens, se entregará a Deus com o propósito de trabalhar pela salvação de outros jovens?’ Ninguém está mais bem preparado para responder a esse chamado do que os moços e moças que desfrutam o privilégio de freqüentar nossos colégios. Podem ajudar os jovens no trabalho de sua sociedade, despertando neles o interesse pela educação, como talvez nenhuma outra classe consiga.

No encontro em Santa Helena, essa questão foi exaustivamente discutida, e os líderes dos Missionários Voluntários juntamente com os professores das escolas concordaram com um plano de cooperação mútua. A sociedade dos Missionários Voluntários do colégio deveria ser o centro das atividades missionárias da instituição, e os grupos para as missões estrangeiras deveriam fazer parte da sociedade de jovens. Na maioria dessas escolas também tem funcionado um grupo de capacitação de Missionários Voluntários em apoio àqueles que desejam dedicar-se à obra entre os jovens. Cremos nós que a elaboração desses planos foi uma bênção para os alunos, para o departamento dos Missionários Voluntários e para as escolas. Um bom número de jovens já saiu dos colégios para entrar na obra dos Missionários Voluntários na pátria e no exterior” (M. E. Kern, *Relatório para a Reunião da Associação Geral*, 1918).

O concílio de Santa Helena e os concílios subsequentes, realizados em 1918 e 1919, bem como o concílio de educação em 1922, fizeram muito para determinar o rumo e o crescimento do ministério jovem. Existiam sociedades de jovens nos colégios e nas universidades, com classes para os jovens, os juvenis e, posteriormente, foram realizados cursos de liderança. O futuro parecia brilhante para o ministério jovem; mas, despercebidamente, estavam sendo lançadas sementes que mais tarde ocasionariam uma deterioração da qualidade desse ministério na igreja.

capítulo 11

PASSADO E PRESENTE

Essa recapitulação da história e do desenvolvimento do ministério jovem na igreja adventista do sétimo dia revela, de maneira clara, um padrão coerente de orientação divina. Estabelece também os firmes objetivos e as funções básicas que guiaram a igreja no desenvolvimento desse ministério entre seus jovens. No final da década de 1920, esse ministério era forte. Seus fundamentos haviam sido firme e sistematicamente colocados. Eram planejados e executados programas e atividades resultantes das funções específicas. Vamos resumir o que se conseguiu realizar:

1. A Igreja respondeu aos apelos dos *Testemunhos* no sentido de aceitar sua responsabilidade bíblica para com os jovens.
2. Estabeleceu-se uma forma simples, mas funcional, de organização para os jovens.
3. O objetivo dessa organização era oferecer um ministério que se concentrasse na salvação dos jovens, desafiando e preparando-os para o serviço.
4. Pequenos grupos de jovens “que realmente amavam a Jesus” foram formados nas igrejas. Esses grupos reuniam-se para orar e organizaram-se para o serviço.
5. Esses grupos constituíram-se na sociedade de jovens. Essas organizações jovens em todas as igrejas proporcionavam o ambiente necessário ao ministério jovem.
6. A administração da igreja e os líderes dos jovens, depois de fervoroso estudo da Bíblia e do Espírito de Profecia,

Desafio do Ministério Jovem

identificaram as funções básicas desse ministério e todos se puseram de acordo para aceitá-las.

7. A administração da igreja, para apoiar e fortalecer o novo ministério, criou um departamento exclusivo para atender os jovens, oferecendo uma estrutura que lhe permitia organizar, capacitar, motivar e abastecer essas sociedades e seus líderes.
8. As sociedades de jovens instituíram uma abordagem tríplice, dando ênfase em sua programação ao aspecto devocional, educacional e missionário.
9. A administração apoiou plenamente o novo departamento. Outras áreas da igreja também aceitaram o novo departamento como um ministério conjunto e colaboraram para o cumprimento da missão da igreja.
10. Surgiram rapidamente programas e atividades para os jovens, desenvolvendo-lhes a espiritualidade e ligando-os à igreja e sua missão. Educaram e prepararam os jovens para o serviço, oferecendo-lhes oportunidades de utilizar os talentos na tarefa comum de “terminar a obra” em sua geração. Ao fazê-lo, fortaleceram a igreja.

Mas tudo isso é história. Esses eventos ocorreram há quase um século. A história, interessante como possa ser, continua sendo história. Tem importância somente porque nos demonstra que Deus dirigiu esse movimento. Ignorar ou esquecer esses princípios registrados em nossa história colocará em risco o sucesso e o rumo do ministério em favor dos jovens. Conhecendo o brilhante e firme começo do ministério jovem na igreja, examinemos agora a condição da juventude e de seu ministério na igreja de hoje, para ver se estamos seguindo esses princípios e aprendendo das lições do passado.

Somente após o fim da Segunda Guerra Mundial se começou a observar uma mudança significativa no funcionamento do ministério jovem. Nas décadas de 1950 e 1960, essa mudança começou a afetar a qualidade do ministério oferecido aos jovens pela igreja. Vozes

isoladas que se erguiam para questionar as tendências evidentes no ministério jovem eram passadas por alto, ou pelo menos não eram consideradas como sérias o suficiente para causar preocupação.

Na década de 1980, entretanto, tornara-se óbvio para a juventude, líderes e leigos que a qualidade do ministério jovem na igreja se havia enfraquecido. Essa mudança de ênfase e atitude havia sido sutil, mas complexa. A administração ainda não parecia atenta e sensível ao sinal de alarme que começava a soar entre os membros. Muitos, entretanto, prestaram atenção e se preocuparam. Como resultado, algumas Divisões realizaram pesquisas aprofundadas sobre a condição dos jovens e de seu ministério na igreja.

Entre elas, destacam-se as realizadas na Divisão Norte-Americana, em 1990, na Divisão do Sul do Pacífico, em 1991-92 e a pesquisa realizada em todas as Divisões pelo departamento dos ministérios da igreja da Associação Geral, em 1990. Os resultados preliminares desses estudos bem documentados sacudiram a igreja toda, ao revelar-se um quadro claro da condição dos jovens e seu ministério.

Essas pesquisas foram decisivas para aumentar o nível de conscientização entre membros e administração da igreja e, em parte, motivaram o voto da reunião da Associação Geral na primavera de 1990, estabelecendo uma comissão para estudar a questão jovem. Essa comissão deu origem a subcomissões apontadas em cada Divisão para estudar a condição e as necessidades particulares daquela Divisão. A comissão devia completar seu trabalho em tempo de apresentar o relatório completo para o concílio anual da Associação Geral de 1993. Durante esse período, os resultados das pesquisas feitas nas Divisões estavam sendo analisados, e avaliado o impacto de suas revelações. Aquilo que elas revelavam era muito perturbador.

A pesquisa realizada na Divisão Norte-Americana forneceu grande quantidade de subsídios para a igreja, por haver obtido respostas de aproximadamente 20.000 pessoas, representando uma das maiores pesquisas de qualquer denominação nos Estados Unidos. As informações advindas da pesquisa dos ministérios da igreja da Associação Geral, embora de escopo diferente, também

Desafio do Ministério Jovem

perguntava acerca da vida espiritual dos jovens e suas atitudes para com a igreja.

Os dados das pesquisas da Associação Geral e da Divisão Norte-Americana refletem vários paralelos que indicam uma tendência mundial relativa ao ministério jovem.

A pesquisa na Divisão do Sul do Pacífico e outra feita entre os jovens da Divisão do Extremo Oriente trouxeram dados a respeito de quase 50.000 indivíduos.

Muitas áreas da pesquisa confirmaram-se mutuamente. Uma coisa é certa: todas as atuais pesquisas entre jovens adventistas revelam que a juventude da igreja enfrenta certos problemas e a qualidade do ministério em seu favor está sendo questionada. A preocupação quanto ao ministério jovem reveste-se de especial urgência nestes significativos dias da história mundial.

De 1990 a 1993, a igreja adventista do sétimo dia, como um todo, começou a concentrar-se na juventude da igreja e no ministério em favor desses jovens, num esforço por compreender e ajudar sua vida espiritual e envolvê-los mais uma vez na vida da congregação e na missão da igreja.

As pesquisas traçaram o perfil de uma igreja cujo ministério entre os jovens não estava atingindo seus objetivos ou cumprindo suas funções com algum grau significativo de sucesso. Os estudos revelaram que estamos perdendo quase a metade de nossos jovens, e que aqueles que permanecem na igreja deixam muito a desejar quanto à lealdade para com a denominação e o desenvolvimento de sua fé. A pesquisa revelou, entretanto, que nos casos em que o ministério jovem funcionava de acordo com seus objetivos definidos, os resultados refletiam um nível mais alto de lealdade e fé, bem como uma diminuição do comportamento de risco refletido por seu estilo de vida. Essa notícia era encorajadora, mas foi abalada pelo relatório da comissão da pesquisa mundial feita pela Associação Geral e apresentada por ocasião do concílio anual de 1993. Essa pesquisa revelou que o número de jovens ligados a uma organização da juventude ou ao ministério jovem em nível de igreja local variava entre 8% em uma Divisão e 38% em outra. Em âmbito mundial,

apenas 21% dos jovens das Divisões envolviam-se num ministério regular oferecido pela igreja local. Essa foi realmente uma revelação perturbadora e inquietante.

Por ocasião do concílio anual da Associação Geral de 1992, o nível de conscientização acerca das condições dos jovens e seu ministério na igreja era muito maior do que o fora durante anos, e tanto a administração como os membros reconheciam a urgência de uma ação reparadora. A questão do ministério jovem se revestira de grande importância.

capítulo 12

ORIENTAÇÃO DIVINA OU PRESSÃO SECULAR?

Ao estudar nossa história nos deparamos com amplas evidências que nos permitem dizer com confiança que, como igreja, fomos divinamente conduzidos no estabelecimento do ministério jovem. Essa guia divina foi revelada mediante um cuidadoso esquadrihar dos princípios bíblicos do ministério por parte de nossos líderes e pioneiros. O trabalho foi dirigido, em seu desenvolvimento, pelos oportunos conselhos dos *Testemunhos* e dos demais escritos do Espírito de Profecia. Ainda mais eficaz, entretanto, foi a influência do Espírito Santo, que nos conduziu através das armadilhas da pressão mundana e dos costumes, tendências, programas e atividades das igrejas populares na época. Tudo isso nos levou a desenvolver um ministério sólido e bem-sucedido, único e diferente naquele tempo, um ministério que cumpriu suas funções e permitiu-nos, como igreja, alcançar os alvos que tínhamos para os jovens.

Para a igreja daquela época, a mensagem de Elias era preciosa. Acreditava-se com firmeza na doutrina do remanescente. A igreja via-se a si própria como o legítimo povo remanescente com uma mensagem final - a igreja remanescente de Deus. Esse remanescente encontrava-se na longa linhagem profética do povo de Deus e assim, com total confiança, podia alegar que precisava pregar o evangelho eterno, fazendo soar a mensagem do terceiro anjo.

E o Espírito Santo, trabalhando na mente e no coração de homens e mulheres estudantes da Palavra de Deus, os conduziu e guiou no estabelecimento das bases bíblicas para o ministério jovem. Eles constituíam a geração “presente”. Era a sua geração que tinha a

responsabilidade de proclamar ao mundo a mensagem do advento. Reconheceram, na mensagem de Elias, a mensagem que deveria cativar os jovens e que também devia ser proclamada por eles. Aplicaram as promessas de Deus a esse remanescente. O desenvolvimento do ministério, portanto, foi um cumprimento de Isaías 54:13 e era entendido como o plano de Deus para a salvação dos jovens.

Praticamente todas as denominações hoje podem atribuir sua origem à influência de uma única pessoa notável como fundadora, uma pessoa que chegou a certas conclusões e depois atraiu seguidores para essas crenças. A igreja adventista do sétimo dia, por contraste, não recebeu suas doutrinas mediante o estudo ou a pregação de uma pessoa, que poderia ser chamada de fundadora da igreja. Muitas pessoas contribuíram para a busca da verdade, unindo-se finalmente em torno da crença após sincero e fervoroso estudo em conjunto. Esse período de estudo contava com o apoio do Espírito de Profecia e continuamente com sua correção. O desenvolvimento pleno do sistema doutrinário adventista cobriu um período de anos. Sobre isso, D. E. Robinson comenta:

“Quando, na providência de Deus, esses pioneiros adventistas guardadores do sábado se reuniam para estudar juntos, suas contribuições individuais encaixavam-se num sistema harmonioso de crenças doutrinárias.

Em todas essas experiências, foram auxiliados pelo dom profético manifestado por meio das visões da irmã Ellen G. White. Essa ajuda divina, entretanto, não lhes veio para substituir o estudo da Bíblia, mas sim em conexão com esse estudo ou como consequência dele. Assim eles receberam a certeza da validade das verdades que haviam aceitado, e foram levados à unidade da fé e prática”[D. E. Robinson, *The story of our health message* (A história da nossa mensagem - nota dos tradutores), p. 61].

Nos anos de formação da igreja, isso era verdade quanto à

nossa compreensão da doutrina, mas o mesmo processo e princípio se aplicava ao desenvolvimento da estrutura e da organização. Isso aconteceu também com o ministério jovem. Deus conduziu Seu povo passo a passo na compreensão progressiva da verdade. À medida que a luz era revelada e aceita, avançávamos juntos como povo. Evidenciava-se um método e um padrão distinto de orientação divina.

Parece ter feito parte da providência de Deus que as grandes verdades espirituais e fundamentais fossem apresentadas em primeiro lugar. Dessa forma, os primeiros fiéis já estariam unidos antes da introdução de qualquer reforma no estilo de vida ou na organização.

Em muitas ocasiões, entretanto, foi somente com grande dificuldade que os pioneiros adventistas guardadores do sábado puderam impedir que homens zelosos, porém carentes de discernimento impusessem indevidamente ideias que, apesar de boas em si mesmas, não eram oportunas. Naqueles dias, escreveu o pastor Tiago White:

“Havia dificuldades, e essas geralmente se produziam em consequência da disposição de eliminar das grandes verdades relacionadas à terceira mensagem os pontos que não eram de vital importância. Tem sido impossível fazer com que alguns vejam que a verdade presente é verdade *presente*, e não verdade futura, e que a Palavra, como uma lâmpada, ilumina o lugar onde nos encontramos, e não tão claramente o caminho à distância” (*Review and Herald*, 31 de dezembro de 1857).

Um notável exemplo dessa inclinação para impor prematuramente a adoção de certas medidas de reforma foi a insistência de alguns no sentido de que todos os que aceitassem a verdade do sábado deixassem imediatamente de comer carne suína. D. E. Robinson continua:

“Esse assunto já surgiu em 1850. Mas ainda não

havia chegado o tempo em que as fileiras de nosso povo estavam preparadas para agir com unidade e inteligência nessa questão. Até mesmo o pastor White, que não havia examinado os textos bíblicos relativos ao consumo da carne de porco, discordou de alguns que na sua opinião aplicavam mal certos versículos de Isaías, num esforço por provar que os guardadores do sábado deveriam fazer desse assunto um teste de discipulado” (D. E. Robinson, *The story of our health message*, p. 62).

Numa declaração publicada acerca dessa questão prematura, o pastor White esclareceu:

“...não me oponho contra a abstinência do uso da carne de porco, se for praticada com motivos corretos. Mas, objetamos contra a aplicação errada das Santas Escrituras para defender uma posição que apenas confundirá o rebanho de Deus e afastará a mente dos irmãos da importância da presente obra entre o remanescente” [*The present truth* (A verdade presente - nota dos tradutores), novembro de 1850].

Através de Sua mensageira, o Senhor enviou palavras de conselho aos sinceros reformadores. Foram advertidos a não avançarem mais rapidamente do que os anjos celestiais, encarregados de conduzir o corpo de crentes em unidade. O princípio da orientação divina na condução da igreja como um todo foi claramente exposto. Numa carta escrita pela Sra. Ellen G. White em 1858, lemos:

“Vi que vossas ideias acerca da carne de porco não seriam prejudiciais se as conservásseis para vós mesmo; mas em vosso entendimento e opinião, fizestes desta questão um teste, e vossas ações têm revelado claramente a vossa fé nesse assunto.... Se é dever da igreja abster-se da carne de porco, Deus o revelará a

Desafio do Ministério Jovem

mais do que duas ou três pessoas. Ele ensinará à igreja o seu dever.

Deus está dirigindo um povo, e não uns poucos indivíduos separados, aqui e ali, um crendo numa coisa, outro crendo noutra coisa. Os anjos de Deus estão realizando uma obra confiada aos seus cuidados. O terceiro anjo está dirigindo e purificando um povo, que com ele tem avançado em união. Alguns querem correr adiante dos anjos que estão conduzindo esse povo; mas precisam voltar sobre seus próprios passos, andando humildemente, e não com uma rapidez maior que a dos anjos dirigentes.

Vi que os anjos de Deus conduziram esse povo sem apressá-lo, à medida que pudessem receber as importantes verdades que lhes são comunicadas e agir de acordo com elas. Mas alguns espíritos inquietos não fazem mais do que a metade de sua obra. À medida que o anjo os dirige, apressam-se para receber algo novo e correm sem orientação divina, trazendo assim confusão e discórdia para as fileiras. Não agem nem falam em harmonia com o corpo da igreja” (Ellen G. White, *Testimonies*, vol. I, p. 206-7).

Naqueles anos de formação da igreja adventista, a unidade doutrinária e o desenvolvimento espiritual, aparentemente, eram as prioridades absolutas. Quanto a isso, tínhamos certamente a evidência da orientação divina. Estava ausente, naqueles dias, um reconhecimento formal ou alguma providência em favor do ministério jovem. Era importante o desenvolvimento espiritual e da fé. Deus desejava que Sua juventude também, como parte do povo remanescente, crescesse e se desenvolvesse em uníssono com o restante da igreja.

Quando Tiago White escreveu as primeiras lições da escola sabatina para os jovens, em 1852, não foi por uma expressão casual de individualismo, mas como parte do plano de Deus no sentido de

que a igreja toda avançasse para incluir os jovens no crescimento e desenvolvimento espiritual. A decisão de se publicar um periódico especial para os jovens, tomada naquele mesmo ano, fez com que se produzisse *The Youth's Instructor*. Nele se apresentavam as lições, constituindo-se numa evidência adicional de que a igreja aceitava sua responsabilidade para com os jovens e estava preparada para avançar em uníssono, segundo a direção de Deus.

Os primeiros adventistas vieram, na sua maioria, das igrejas metodista, batista, luterana e episcopal, bem como de algumas outras igrejas populares na época, e seus membros estavam bem firmados na prática das escolas dominicais. Não observamos, entretanto, que os primeiros adventistas tenham sido indevidamente influenciados por elas. As escolas sabatinas, embora evangelísticas por natureza, tinham como alvo o desenvolvimento e crescimento espiritual dos nossos jovens. Seu objetivo, na verdade, era semelhante ao da escola dominical no sentido de crerem que, pela instrução na Palavra, os jovens seriam levados a aceitar uma salvação pessoal que resultaria num compromisso de participar da missão da igreja.

Os primeiros crentes, entretanto, não seguiram as escolas dominicais, nem imitaram sua forma. Também não se esforçaram por copiar o ciclo evangelístico de quatro semanas da escola dominical. O formato adotado foi, com efeito, exclusivo dos fiéis pioneiros.

Quando o professor Bell ingressou na igreja de Battle Creek em 1869, assumiu os interesses da juventude e da escola sabatina como responsabilidade sua. Como educador e professor de escola dominical, seu preparo capacitava-o perfeitamente para ajudar a igreja, mas também não copiou os métodos da escola dominical.

A igreja em seus primeiros tempos foi grandemente influenciada pelos *Testemunhos* de Ellen G. White, que apresentou uma visão ampliada de educação cristã, muito maior em seus conceitos do que a filosofia de educação em voga na época.

Os líderes da escola dominical insistiam em vincular a educação com o evangelismo. Consideravam cada jovem como precioso, fosse ou não membro da igreja. Eram-lhes atribuídas responsabilidades e eram ensinados a fazer contato com amigos e outros membros

Desafio do Ministério Jovem

em potencial do grupo. Nesse aspecto, nós seguimos as escolas dominicais.

Entretanto, devido ao aumento da aceitação e popularidade, não demorou muito para que a escola dominical sofresse uma sutil mudança em seu ministério jovem. Com o aumento do número de membros, veio uma pressão correspondente para que se suprissem as necessidades da juventude. Em resposta, essas igrejas populares passaram a convidar seus jovens a programas de um mês de duração, chamados Liceus.

No início da década de 1880, o ministério jovem nessas igrejas estava bem definido. Na ocasião em que Frances Clark organizou a Sociedade de Empenho Cristão, a maioria das igrejas já estava tentando suprir as necessidades da juventude. O Empenho Cristão revolucionou o ministério jovem, encorajando moços e moças a colocarem sua fé em ação. Para esse fim, Clark formou uma vibrante organização com regras de funcionamento e procedimentos bem definidos.

Quando Luther Warren e Harry Fenner iniciaram nossa primeira sociedade de jovens em 1879, fizeram-no contra essa tela de fundo da história. Mas, copiar as tendências correntes não era seu objetivo. Decidiram organizar aquele grupo devido a uma profunda preocupação com a alma de seus amigos que pareciam estar em perigo de perder a fé e se haviam tornado descuidados quanto à vida espiritual. Aquelas primeiras sociedades foram fortemente motivadas pelos alvos gêmeos de salvação e serviço.

Entre os anos de 1880 e 1900, o ministério jovem nas igrejas populares cresceu a uma velocidade espantosa. As Sociedades de Empenho Cristão floresciam. Num período de sete anos, 7.000 dessas sociedades estavam funcionando com mais de meio milhão de membros espalhados entre várias denominações. Eram realizados regularmente congressos de jovens. As denominações, temendo que os jovens abandonassem as igrejas populares e se unissem permanentemente a essas novas sociedades, começaram a copiar e adotar para si o modelo do Empenho Cristão.

Nesse mesmo período, as sociedades de jovens começaram a

aparecer em nossas igrejas. A ênfase era colocada sobre a salvação e o serviço. Nossas raízes estavam firmadas na urgência e na necessidade de proclamar a mensagem do terceiro anjo. Inspirados pelo Santo Espírito, os grupos e sociedades de jovens começaram a aparecer em muitas partes do mundo. Na virada do século, havia mais de setenta desses grupos na igreja adventista.

É óbvio que muitos crentes adventistas tinham consciência dessas outras organizações de jovens e compreendiam, em certo grau, as tendências nas igrejas populares. É, portanto, um testemunho em favor da obra do Espírito Santo o fato de que essas sociedades, com muito pouco apoio formal da administração da igreja ou de diretrizes para sua organização, estivessem unidas em seus objetivos de salvação e serviço.

Os adventistas também observavam o zelo e a motivação para o serviço, evidenciadas pelas Sociedades de Empenho Cristão. Muitos haviam estudado o Espírito de Profecia e esforçavam-se por trabalhar em favor dos jovens. A organização jovem nessas igrejas populares, entretanto, havia exercido sua influência sobre muitos, e notava-se confusão acerca da organização, estrutura e mesmo da direção a longo prazo do ministério jovem. Isso ficou óbvio na carta que L. Flora Plummer escreveu à Sra. White em 1901. Era igualmente óbvio, pela resposta de W. C. White, que a igreja e sua liderança se preocupavam com as pressões exercidas sobre os jovens e seu ministério por essas e outras organizações. Embora essas denominações defendessem e promovessem os alvos da salvação e do serviço, já se tornava evidente que o entretenimento e a recreação eram um fenômeno crescente naqueles grupos de jovens, e que os alvos espirituais e o esforço missionário passavam a ocupar o segundo plano. Os *Testemunhos* mais uma vez apresentaram a orientação necessária para a formação de nossas sociedades de jovens. O estudo da Bíblia e a condução do Espírito Santo nos concílios da igreja evidenciavam-se na criação dos departamentos e no rumo que deram ao ministério jovem. Fomos levados a entender que era o zelo e o fervor que devíamos copiar dessas organizações, e não seu conteúdo, organização ou disciplina.

Desafio do Ministério Jovem

Quando a administração da igreja reconheceu e aceitou sua responsabilidade bíblica para com a juventude, os líderes emprestaram seu apoio ao desenvolvimento do ministério jovem e a igreja avançou mais uma vez em uníssono.

O currículo para jovens e juvenis, suas classes, programas e atividades eram o resultado da compreensão de nossas obrigações bíblicas. Nenhuma evidência sugere que nos primeiros anos desse século tenhamos copiado o currículo ou as praxes de outras igrejas, ao desenvolvermos nosso próprio ministério jovem. Havia unidade na estrutura, organização e propósito. Foram tomadas providências para apresentar uma abordagem unificada que educasse e fortalecesse os jovens mediante uma série de estudos sistemáticos. Percebia-se uma ênfase sobre o envolvimento missionário e um incentivo para participar na missão global da igreja.

Entre 1900 e 1930, as igrejas populares davam ênfase ao compromisso para com as missões de além-mar. Os jovens responderam positivamente e todas as denominações experimentaram um crescimento sem precedentes na atividade missionária em outros países.

Em 1905, quando foram introduzidos estudos missionários em nossas sociedades, tal não aconteceu como resposta a qualquer pressão externa, mas como uma continuação e um resultado natural de nossa já existente ênfase sobre o envolvimento e o serviço. A preocupação de proclamar a mensagem do terceiro anjo era uma resposta ao amor de Deus, revelado na vida dos jovens, e era motivada pelo senso de urgência para dar “a mensagem do advento a todo o mundo em minha geração”.

Na década de 1930, o departamento de jovens das igrejas populares julgou vantajoso unir forças com a educação. Isso foi visto como oportuno, já que a educação, com maiores recursos, tinha mais influência na administração da igreja. Quando nossa igreja fortaleceu os laços do ministério jovem com a educação em 1915, por ocasião do concílio em Santa Helena, foi por razões completamente diferentes. Tradicionalmente, sempre havia existido boa colaboração entre os departamentos. Todos defendiam os

objetivos comuns da salvação e do serviço e, em relação com os jovens, viam-se como colaboradores, e não como competidores. A escola sabatina, os jovens, educação e a sociedade missionária da igreja eram complementares, um em relação com o outro. As escolas eram locais de treinamento para um serviço mais amplo, e as sociedades de jovens formavam o território de recrutamento para nossas escolas. O compromisso com o serviço era consequência da função do ministério jovem que via a necessidade de ensinar os princípios de mordomia. As sociedades, ao cumprirem essa função, incentivavam os jovens a ingressar nas escolas a fim de ser preparados para um serviço mais amplo na causa de Deus.

Após a Primeira Guerra Mundial, nas décadas de 1920 e 1930, os valores e a ética da sociedade começaram a mudar. Ideias humanistas entraram até mesmo dentro da igreja. As normas de moral e vestuário na sociedade se afrouxaram e a estrutura familiar, particularmente na sociedade ocidental, passou a sofrer pressões.

Na década de 1930, os líderes das igrejas populares começaram a dirigir os jovens numa agenda de tópicos domésticos e internacionais. Através de sua ligação com a educação, haviam introduzido “grupos de companheirismo”. Esses grupos eram copiados daqueles grupos de colégios e universidades, conhecidos por seu estudo dedicado e especializado. A educação prometia estabilidade e recursos, mas divorciou a obra jovem de seu longo relacionamento com o evangelismo e serviço, quando o enfoque se voltou para a educação e o “companheirismo”. Para a juventude, foi uma época de envolvimento sem precedentes com questões sociais. Os “grupos de companheirismo” mudaram mais uma vez o ministério jovem. “Entendendo sua fé” substituiu “conversão” como o alvo básico do ministério jovem.

Na igreja adventista, os laços com a educação foram motivados por um compromisso de preparar-se para servir. Durante esse mesmo período, entretanto, nossas escolas começaram a passar de escolas de preparo para o serviço missionário a escolas que ofereciam educação em ciências humanas para os jovens.

Não é minha intenção discutir os prós e contras dessa mudança

para justificar as alterações que ela acarretou, independentemente das circunstâncias que possam tê-la causado ou endossado.

A mudança de enfoque não surgiu imediatamente. Escolas de ensino médio e colégios ainda mantinham sociedades de jovens e as escolas de ensino fundamental continuavam a oferecer as classes progressivas para juvenis. Ainda havia preparo de líderes nos colégios. Gradualmente, entretanto, as mudanças se tornaram mais visíveis. À medida que perdíamos nossa motivação “missionária”, o vigor das sociedades minguava também. Não mais se consideravam como o terreno de recrutamento para as escolas, e o preparo ao serviço ficou em segundo plano.

Ao mesmo tempo, dentro de nossa igreja, surgiu uma ênfase acentuada sobre “doutrina”. Foi nesse ponto, quando começamos a perder de vista os alvos primordiais de salvação e serviço, que começamos a prestar atenção ao que outras denominações estavam fazendo.

Os experientes e mais idosos líderes de jovens, que tinham passado pela fase de desenvolvimento da obra, haviam saído de cena. Ao abandonarmos o estabelecimento de um novo programa de ministério jovem para cuidar da conservação e do crescimento, em algum ponto do caminho perdemos de vista as verdadeiras funções do ministério jovem. Ao começarmos a reconhecer e experimentar dificuldades com os jovens, em lugar de examinar os alvos do ministério bíblico, espiamos por cima da cerca para ver o que outras denominações estavam realizando. Ao fazê-lo, nós também nos tornamos culpados de pregar e ressaltar a doutrina, em lugar de concentrar-nos na salvação pessoal. Nosso ensino, literatura e prática formaram uma abordagem teórica e até mesmo legalista da salvação, e pouco fizeram para incentivar os jovens a buscar um relacionamento pessoal com Cristo.

Nas décadas de 1940 e 1950, e até mesmo no início dos anos 60, as igrejas populares concentraram-se em problemas sociais. Seu enfoque passou da crença para o comportamento, e mais uma vez nós as acompanhamos, perdendo de vista nossos próprios alvos e funções. As sociedades de jovens em nossas igrejas não pareciam ser importantes. Muitos desses grupos começaram a fazer experiências com outros

estilos. Como resultado, o número de membros das sociedades começou a diminuir.

Nós também, ao vermos mudanças de atitude e comportamento entre os jovens, começamos a colocar acentuada ênfase sobre questões e padrões sociais. Em lugar de ser um terreno de preparo para o serviço, as sociedades de jovens se tornaram um fórum de debate de questões sociais.

Isso não significava, de modo algum, que a igreja havia mudado seus objetivos de ministério. Mas assim como aconteceu com os jovens, aconteceu com a liderança jovem. Por várias razões, a crença e a prática se tornaram divergentes.

No início da década de 1950, a estrutura tradicional do ministério jovem nas igrejas populares foi severamente ameaçada. Muitas denominações fizeram uma valente tentativa de preparar a liderança, produzindo mais manuais e apostilas. O alvo passou a ser o estabelecimento de um relacionamento mais estreito das sociedades de jovens com as igrejas. Foram esboçadas descrições das funções para cada atividade jovem, e foi introduzido o conceito de conselho jovem. Na igreja adventista, as sociedades de jovens estavam lutando para manter seu lugar tradicional no ministério e nós também tentamos, sem sucesso, introduzir o conselho jovem.

A teoria da lacuna entre as gerações tornou-se popular na psicologia educacional, tendo sido promovida por interesses econômicos na comunidade. Aproveitando-se dessa teoria, as igrejas populares começaram a ressaltar o papel da liderança jovem. Os adultos agora eram orientados a desempenhar um papel de apoio, mais do que de ação dentro do ministério jovem. Outra vez, seguimos a mesma trilha. Dentro da igreja adventista, primeiro na América do Norte, alguns de nossos líderes começaram a insinuar que os adultos não eram mais bem-vindos à sociedade J. A. Ouviu-se o clamor de “jovens para os jovens”, e se promulgou a idéia de que somente os jovens sabiam comunicar-se com outros jovens ou planejar adequadamente para suprir-lhes as necessidades.

A sociedade dos jovens passava por problemas. Não se requeria mais que os jovens se tornassem membros. Havia sido eliminados

muitos aspectos da vida devocional ou do preparo para o serviço.

Os “grupos de companheirismo” das igrejas populares também enfrentavam problemas e pareciam não estar atendendo as necessidades da juventude. Muitas denominações começaram a criar ministérios separados para diferentes grupos de jovens. Estudamos os motivos das igrejas populares e mais uma vez decidimos copiar-lhes a filosofia, como resposta a nossos próprios problemas. Dentro de pouco tempo, criamos o ministério entre os solteiros e universitários, e a estrutura de nossa sociedade jovem sofreu outro golpe.

Nos anos 60, as denominações pregavam o envolvimento social, e os “grupos de companheirismo” foram considerados redundantes. O grupo dos jovens saiu da nave da igreja e passou a reunir-se em outros recintos. Já que os adultos não eram mais considerados necessários ou importantes para nossas sociedades de jovens e o “companheirismo” se tornara todo-importante, copiamos a tendência.

Na década de 1950, as igrejas evangélicas começaram a dar ênfase aos dons espirituais. Naturalmente não era uma ideia nova, mas recebeu atenção maior. Muitos materiais, sermões e livros foram produzidos acerca do assunto, e esse ensino foi valorizado no ministério jovem de outras denominações.

Nossa própria igreja foi influenciada por esse interesse renovado, e nos anos de 1960 e 1970 deu muita atenção ao assunto. Foram estudados recursos e métodos evangélicos. Esse ensino foi incorporado ao currículo de nosso ministério entre juvenis e jovens. Embora certamente não discutíssemos a validade da base bíblica para esse ensino, reconhecemos que a ênfase causou uma sutil mudança em nossa atitude para com o serviço.

Desde o início do ministério jovem, aceitamos o serviço como um de nossos objetivos prioritários. O serviço não era considerado uma opção. Esperávamos que a resposta de cada seguidor de Cristo fosse desempenhar sua parte em levar o evangelho eterno ao mundo. Especificamente, os jovens adventistas foram ensinados que a primeira e a segunda mensagens angélicas haviam sido dadas e que eles deviam, com urgência, levar a mensagem do terceiro anjo ao mundo. O alvo era concluir essa obra em sua geração. Foram ensinados que Deus

havia designado a cada um uma parte e um lugar em Sua obra.

Declarações como estas animaram os jovens adventistas e os levaram a aceitar sua responsabilidade para com a missão da igreja:

“O Senhor tem uma obra especial para que façamos individualmente” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 1º de abril de 1909).

“Uma obra distinta é designada a cada cristão” [Ellen G. White, *Southern Workman* (literalmente: O obreiro do Sul - nota dos tradutores) 2 de agosto de 1904].

“A cada qual é concedida uma porção de luz, adaptada às necessidades de seu tempo, e suficiente para o habilitar a efetuar a obra que Deus lhe deu a fazer” (Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 343).

A nova ênfase sobre os dons espirituais, entretanto, causou uma mudança de atitude para com o serviço. Até esse momento, entendia-se que cada um tinha uma parte ordenada por Deus a desempenhar na missão da igreja. Se Deus havia apresentado a oportunidade, Ele também capacitaria para o serviço. Assim, a atenção foi dirigida para os dons e talentos dos jovens. Quando se apresentasse uma oportunidade de testemunho, penetração evangelística ou serviço, os jovens consultariam sua lista de dons espirituais. Se aquele dom não estivesse relacionado na lista, então a oportunidade obviamente não lhes correspondia. Essa doutrina dos dons espirituais também afetou as adesões para o serviço voluntário, já que se levava em alta conta os dons e talentos de cada um.

Na década de 60, o presidente John F. Kennedy instituiu a Força de Paz nos Estados Unidos. Essa organização voluntária acendeu a imaginação da juventude, não só na América do Norte mas em todo o mundo. Nas décadas de 70 e 80, a mentalidade jovem mudou, tanto no mundo como na igreja. Os jovens queriam se envolver. As organizações da juventude de outras igrejas aproveitaram essa disposição, bem como o interesse criado pela Força de Paz,

e começaram a promover o trabalho missionário, como também projetos de ajuda às comunidades de outros países.

Embora nossa igreja tenha tido uma longa história de envolvimento com o trabalho voluntário jovem, somos culpados de copiar as tendências populares, no estreitamento e na redefinição de nossos alvos tradicionais, bem como na definição de serviço. Hoje, serviço comunitário ou missionário está reduzido a um contrato de trabalho de curto prazo. Para o mundo e as igrejas populares, serviço voluntário é o que se tem a fazer. Está certo, creem eles, que os jovens dediquem algum tempo ao serviço comunitário em outras partes do mundo que pareçam não ser tão privilegiadas quanto o seu próprio país. Além disso, é a coisa certa a fazer e contará pontos dentro de um *curriculum vitae*.

Não subestimemos de maneira alguma o tremendo valor desse tipo de serviço. Existe um perigo, entretanto. Se seguirmos a tendência atual, consideraremos o serviço como um evento único na vida, em lugar de vê-lo como um estilo de vida de compromisso com a missão da igreja. Esse serviço voluntário deve ser somente *parte* de nosso dever, não *todo* o nosso dever.

A igreja adventista sempre acreditou na obra missionária e no serviço. Essa era uma característica dos congressos da juventude. Foi especialmente verdade no congresso de Cheminz, Alemanha, em 1926; e em Paris, em 1951. Os programas Partilhando a Fé e Voz da Juventude são evidências de nosso compromisso permanente, através dos anos, com o alvo de servir. A igreja incentivou os jovens a se envolverem na Missão 72, Colheita 90, Mil Dias de Colheita, Missão Global e, mais recentemente, no Ano do Evangelismo Jovem, em 1993 e 2004. Nosso interesse continua. Não devemos permitir que as atuais pressões do mundo nos levem a reduzir o enfoque ou a redefinir nossa compreensão de serviço.

A partir da década de 1970, até hoje, as igrejas populares têm feito experiências com abordagens diversas no que se refere ao ministério jovem. Não se verifica um impulso unido ou um propósito definido como havia no tempo de Francis Clark e seu movimento do Empenho Cristão. Essas abordagens têm coberto um

amplo espectro, desde um conservadorismo extremo no ministério até um liberalismo excessivo; desde profundas e sinceras tentativas de estudar seriamente a Bíblia, até o puro entretenimento.

O clamor dos psicólogos educacionais e líderes do ministério jovem é de que devemos responder às necessidades dos jovens. E eles estão procurando fazer isso. Tem surgido uma multiplicação de ministérios, recursos e programas, todos alegando satisfazer as necessidades da juventude. Mas as pesquisas realizadas nas principais denominações durante os últimos cinco anos, pelo Instituto de Investigações, principalmente a *Valuegenesis*, indicam que, se o sucesso deve ser julgado pelo desenvolvimento da fé e da lealdade à igreja, essas tentativas não estão tendo muito êxito.

Durante o mesmo período, em nossa própria igreja, as sociedades de jovens encontravam-se em evidente declínio. Começamos a promover atividades tanto no âmbito das Associações quanto na esfera regional, em lugar de promover as sociedades de jovens nas igrejas locais. Os requisitos do lema, do voto e a exigência de um compromisso de membro foram abandonados. A sociedade de jovens adventistas foi despojada de todas as suas funções originais e eliminados os principais pontos de seus programas. Foram descartadas as Devoções Matinais, os versos para memorização, o Ano Bíblico, os Clássicos do Caráter (Série Encontro). Substituíram os projetos educacionais como História Denominacional, o Clube do Livro e os programas de capacitação para o serviço por discussões acerca de problemas sociais, considerados como assuntos que atendiam melhor às “necessidades dos jovens”.

Os aspectos missionários, embora não negligenciados completamente, ficaram em segundo plano. Oportunidades esporádicas de serviço eram apresentadas principalmente como tentativas de evangelização, em lugar de uma abordagem planejada para desenvolver um estilo de vida cristão. Esqueceu-se por completo o fato de que os “pequenos grupos para o serviço” deviam se reunir na igreja para formar uma sociedade.

Ao reconhecer a necessidade de servir à nossa juventude, muitos tentaram satisfazê-la buscando ajuda e ideias fora da

igreja. Estudaram essas ideias e, como os objetivos e as funções do ministério jovem adventista não eram bem conhecidos, muitos incorporaram esses métodos em nosso próprio ministério. Como nós nos unimos ao coro dos que buscavam suprir as “necessidades dos jovens”, muitas vezes nos equivocamos ao atender as necessidades físicas em detrimento das espirituais. Entretenimento e lazer foram as consequências, e plantamos as sementes que matariam a espiritualidade de nossa juventude. Ao tentar descobrir quais eram as “necessidades dos jovens”, tornamo-nos culpados de não investigar quais eram as necessidades de Deus com respeito aos jovens.

Entendo que esse é um quadro melancólico e negativo do ministério jovem na igreja adventista. Posso ouvir muitos dizendo: “Não está certo. Em nossa igreja ou em nossa região do mundo ainda temos a sociedade J. A.” Isso é verdade em alguns lugares. Temos uma dívida de gratidão para com os muitos líderes de jovens, pastores, a juventude e membros que, dirigidos pelo Espírito Santo, têm trabalhado incansavelmente em favor dos jovens. É um testemunho de sua fidelidade o fato de que onde se tem conservado as organizações de jovens nas igreja locais, o interesse dos jovens nas coisas espirituais é maior, e se destacam o desenvolvimento espiritual, a lealdade à igreja e o espírito de serviço.

Mas até mesmo nas regiões do mundo onde ainda temos uma sociedade de jovens ou um clube de Desbravadores, as tendências continuam presentes. Muitas das funções e características da obra que tradicionalmente incluíamos no ministério jovem, foram abandonadas. Muitos ignoram a filosofia do ministério jovem adventista. Muitas das sociedades existentes ainda permanecem porque “é assim que fazemos aqui” - em lugar de se ter em mente o propósito de alcançar alvos estabelecidos ou cumprir funções definidas.

Necessitamos desesperadamente de uma mudança de atitude. Precisamos de mais recursos. E necessitamos de liderança qualificada que possa mais uma vez conduzir uma igreja informada e unida no método de Deus de servir a nossa juventude.

capítulo 13

TENDÊNCIAS INQUIETANTES

No início do ministério jovem, era natural considerar-se que os juvenis e adolescentes estavam entre os jovens e não eram ignorados no ministério adventista, mas sim incluídos nele. À medida que nossa igreja crescia, tornou-se necessário tomar providências especiais para esse grupo. Isso aconteceu em 1909, com a introdução da sociedade dos Missionários Voluntários Juvenis. Essa seção juvenil da sociedade MV tinha os mesmos alvos, funções e características do ministério em favor dos jovens. Pretendia-se que alcançasse o mesmo propósito da salvação e do serviço. Em 1922 foram introduzidas as Classes Progressivas. Posteriormente chamadas Classes MV, hoje classes dos Desbravadores. Seu currículo era baseado nas funções já definidas do ministério jovem.

Nunca se pretendeu que a obra do ministério entre os juvenis fosse considerada uma entidade separada, mas sim que permanecesse como parte integrante do ministério jovem. Administradores e líderes dos jovens acreditavam que era o plano indicado por Deus para a salvação desses juvenzinhos. O programa parecia perfeitamente apropriado para suas necessidades e desenvolvimento. Mais tarde, em 1926, a igreja acrescentou a atividade dos acampamentos.

Devido à estreita ligação entre os departamentos dos jovens e o da educação, as sociedades dos juvenis, particularmente na América do Norte, eram conduzidas em nossas escolas. Nas outras partes do mundo, a maioria se reunia nas igrejas, como parte da sociedade dos jovens.

Em 1950, existiam sociedades bem estabelecidas de juvenis ao redor do mundo. Nessa ocasião foram introduzidos os clubes de

Desbravadores como um programa para juvenis na América do Norte. As igrejas ainda realizavam os trabalhos de classe das sociedades juvenis nas escolas. Não obstante, à medida que o programa dos Desbravadores se disseminava por todo o mundo, foi criado o uniforme e a ênfase ficou nas atividades ao ar livre. Porém, os clubes de Desbravadores e as sociedades de juvenis permaneceram nas igrejas e, em geral, eram conduzidos como um só programa. Esse trabalho tem crescido e se desenvolvido a ponto de termos hoje cerca de dois milhões de Desbravadores ao redor do mundo.

O Senhor certamente tem abençoado o crescimento do programa dos Desbravadores, e aqui mais uma vez podemos verificar as evidências da orientação divina em seu desenvolvimento. O programa, contudo, não tem sido imune ao impacto das tendências dentro da sociedade ou aos efeitos da pressão secular. Essas tendências, se deixadas sem correção, podem prejudicar e até mesmo destruir o ministério dos Desbravadores.

Ao perder de vista a base bíblica do ministério jovem e os objetivos fundamentais de salvação e serviço, é fácil, particularmente no programa dos Desbravadores, concentrar-se nas atividades físicas e no mecanismo de seu funcionamento, deixando esquecida a ênfase sobre nossas verdadeiras funções.

As pressões exercidas pela sociedade e a influência da filosofia do ministério juvenil de outras denominações, bem como organizações juvenis da comunidade (que aparentemente realizam programas semelhantes) têm influenciado muito o trabalho de nossos Desbravadores. A organização, apesar de forte, já mostra sinais de desgaste na qualidade do ministério em favor dessas crianças e adolescentes.

Nos manuais, recursos e publicações para Desbravadores nos anos 60 e 70, deixamos de dar ênfase à filosofia adventista do ministério entre os jovens. Demos grande importância a aspectos externos como uniforme, insígnias, distintivos e emblemas. Fornecemos pormenores de atividades físicas, ordem unida e marchas. Ao fazê-lo, sem perceber demos a impressão de que eram as mais importantes. Falhamos em estabelecer o elo entre

a sociedade dos juvenis e o ministério atual dos Desbravadores como sendo sinônimos em alvos e funções. Um era considerado como ensinamento espiritual, enquanto o outro era puramente uma atividade física. Esse erro de enfoque tem contribuído para se dissipar a espiritualidade na mente das crianças, pois que elas perderam de vista a aplicação dessa espiritualidade na vida real.

Por mais sólido que seja o programa dos Desbravadores, muitos clubes são vistos hoje como uma organização uniformizada que se especializa em atividades físicas, jogos e acampamentos. Em outros lugares, a ênfase é sobre o uniforme, formações e marchas. Particularmente na Europa, embora não se restrinja a essa parte do mundo, o clube dos Desbravadores é visto como uma organização com base na comunidade, semelhante à dos Escoteiros. Embora a prática e as tendências atuais em muitos lugares possam levar alguém a uma conclusão assim, certamente não se pretende que a verdade seja essa.

No estabelecimento da obra em favor dos juvenis, fomos dirigidos por Deus para traçar planos, programas e currículos que interessassem profundamente a essa faixa etária e ao mesmo tempo atingissem nossos alvos legítimos. A esse respeito não fomos influenciados, ao menos no início, pelo programa ou pelas atividades do escoteirismo. O programa dos Desbravadores foi realmente uma extensão e uma consequência de nossa já existente organização dos jovens.

“O escotismo começou com vinte meninos em um acampamento experimental, realizado, em 1907, nos primeiros nove dias de agosto, na ilha de Brownsea, próxima de Pool, em Dorset, Inglaterra.

O acampamento revestiu-se de grande sucesso e provou ao organizador, Robert Baden-Powell, que seu treinamento e métodos cativavam os juvenis e funcionavam realmente.

Em janeiro de 1908, Baden-Powell publicou *Scouting for boys* (Escotismo para meninos - nota dos tradutores), um livro impresso em fascículos quinzenais

de quatro centavos cada. Obteve sucesso imediato. A única intenção de Baden-Powell foi proporcionar um método de treinamento para meninos - algo que as organizações existentes para juvenis, como a Associação Cristã de Moços e a Brigada dos Meninos, pudessem adotar. Para sua surpresa, os jovens começaram a organizar-se naquilo que viria a ser - e ainda é hoje - o maior movimento voluntário de jovens em todo o mundo. O escotismo começou como um programa para meninos e adolescentes entre 11 e 18 anos de idade. Quase imediatamente, entretanto, outros grupos reivindicaram o direito de participar. O programa para as meninas foi lançado em 1910 por Baden-Powell. Sua esposa, Olave, com quem casou em 1912, tornou-se a primeira Líder. O escotismo é um movimento educativo para jovens, com o propósito de contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social. É um movimento voluntário, não-político, aberto a todos, e baseado no seguinte:

- Adesão a princípios espirituais, lealdade à religião que os expressa, e aceitação dos deveres resultantes dela.
- Lealdade à pátria em harmonia com a promoção da paz, compreensão e cooperação.
- Responsabilidade para com o desenvolvimento próprio.
- Participação no desenvolvimento da sociedade, reconhecendo e respeitando a dignidade dos semelhantes e a integridade do mundo natural.
- Método de auto-educação progressiva, compreendendo programas adaptados às diversas faixas etárias e baseados em pequenos grupos cujos membros aprendem fazendo, num esquema de progresso pessoal e atividades realizadas em contato com a natureza” [*Scouting around the world* (Escotismo ao redor do mundo - nota dos tradutores) Organização Mundial do Movimento do Escotismo, 1990].

Admiramos e aplaudimos muitos desses ideais e princípios, mas eles estão aquém dos alvos e da filosofia do ministério jovem adventista. Tenho o maior respeito pela organização, integridade, liderança e prática do escotismo ao redor do mundo. Se considerarmos o uniforme, a estrutura da organização e as atividades físicas dos Desbravadores, encontraremos muitas semelhanças. E devemos reconhecer que o movimento do escotismo é provavelmente a organização mais bem-sucedida mundialmente no ensino da sobrevivência neste planeta. Mas aqui está a diferença entre nossas duas organizações. Embora também nos esforcemos por ensinar aos jovens como progredir e sobreviver aqui na terra, nossa motivação primordial é possibilitar que eles cheguem ao mundo por vir.

Para nós, a importância não está no número de Desbravadores envolvidos ou nas especialidades que eles dominam, mas no número de Desbravadores que finalmente estarão em pé no céu, diante do trono de Deus. Essa é a diferença.

Muitos líderes de Desbravadores têm-se concentrado nos uniformes e insígnias, considerando esses elementos e as atividades competitivas como sendo o seu ministério. O uniforme e as insígnias, embora adaptados à mentalidade dos jovens dessa idade, poderiam ser os próprios fatores que acabariam por destruir o ministério.

Ao nos concentrarmos nos fatores físicos externos e torná-los os mais importantes, incorremos no risco de alterar ou ignorar nossas prioridades espirituais. Quando vamos ao supermercado para comprar flocos de milho, não estendemos as mãos para pedir que alguém coloque nelas meio quilo de flocos de milho. Nós os compramos já devidamente empacotados, prontos para ser levados para casa. A caixa é necessária; serve a um propósito útil. Mas quando chegamos em nossa casa, não comemos a caixa; em vez disso, nós a deixamos de lado e comemos os flocos.

Ao nos concentrarmos nos fatores externos, uniforme e insígnias, e nos mecanismos de estrutura e organização dos Desbravadores, corremos o perigo de seguir os costumes, tendências e práticas da sociedade. Podemos satisfazer necessidades e interesses temporários, mas nos esquecemos de que a principal função é salvar

Desafio do Ministério Jovem

almas. Muitas vezes temos a culpa de “comer a caixa” e deixar de obter a nutrição do verdadeiro alimento, a Palavra de Deus, que deve estar contida no ministério jovem.

Sim, fomos guiados pelo Senhor para estabelecer o ministério jovem na igreja. E na medida em que temos seguido os princípios de direção divina, esse ministério tem logrado êxito em alcançar seus alvos de salvação e do serviço. Por outro lado, também temos sido culpados de adotar as tendências e os costumes da sociedade, bem como de ceder às suas pressões. Sempre que nos empenhamos em seguir o modelo divino, em qualquer nível da organização da igreja, a qualidade do ministério jovem adventista melhora. E sempre que mudamos nossa ênfase para seguir as práticas da sociedade, ou somos influenciados a lhe ceder às pressões incorporando-as ao nosso ministério, invariavelmente se deteriora a qualidade desse ministério.

Não estou defendendo o retorno ao formato histórico do ministério jovem. Não podemos repetir hoje uma sociedade MV. O mundo mudou, os jovens mudaram e a igreja é diferente. Precisamos agora, entretanto, de uma sólida organização jovem em todas as igrejas locais. Algumas coisas não podem mudar - nossos alvos bíblicos, as funções do ministério jovem e os princípios sobre os quais foi fundado. A filosofia do ministério jovem adventista deve ser ensinada e praticada outra vez, se quisermos trazer vida nova à juventude e fortalecer a igreja. Ao fazê-lo, estaremos permitindo que os jovens experimentem a verdadeira salvação e a alegria do serviço.

Verdadeiramente, “nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado” (Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. III, p. 443).

É tempo de reestruturar e reedificar o ministério jovem adventista.

capítulo 14

REESTRUTURAÇÃO E REEDIFICAÇÃO

Durante a realização do concílio anual da Associação Geral, em 1992, o presidente apresentou seu sermão de abertura com o título “O Estado da Igreja”.

Discorrendo sobre a pauta de assuntos a ser abordados no concílio, o presidente enfatizou os aspectos relacionados à juventude e ao ministério jovem. Na sua opinião, esses assuntos não deveriam ser meramente analisados, votados e depois esquecidos. Suas palavras eram o anúncio de uma mudança de direção da igreja, uma declaração de seu interesse e preocupação com o ministério jovem. Assinalavam a aceitação das responsabilidades da igreja para com a juventude e davam prioridade ao ministério jovem.

Durante o evento, uma manhã inteira foi destinada a discutir questões relacionadas aos jovens, todavia, assuntos ligados aos jovens permearam muitas das discussões durante todos os dias do concílio. As decisões resultantes, votadas por unanimidade pelos delegados ao concílio, expressavam o desejo da igreja e davam aval para sua execução. O presidente assim expressou suas expectativas para o ministério jovem:

“O estado dos filhos de nossa igreja hoje é o estado da igreja amanhã. Somos uma igreja jovem, e muitos de nossos membros ao redor do mundo são crianças e jovens. Com efeito, em algumas Divisões, 60 a 70% de nossos crentes são pessoas com menos de trinta anos de idade. Espero que nossas igrejas estejam repletas

Desafio do Ministério Jovem

de crianças e de todo o entusiasmo e emoção que elas trazem. Precisamos de sua vibração e energia.

Existe em todos nós o desejo de permanecermos jovens para sempre. Deus colocou em nós esse desejo, pois nos criou para a vida eterna. Desejaríamos que as cenas inocentes da infância perdurassem para sempre, mas não acontece assim. O amanhã virá e as crianças crescerão. Continuará a igreja delas a ocupar-lhes a atenção e o interesse amanhã, com a mesma força de hoje? A resposta a essa pergunta depende da visão que elas receberem hoje. Depende do quadro que tenham da igreja de hoje (Excerto do sermão de abertura do concílio anual da Associação Geral, 1992).

Declarações como essas deram o tom para o concílio anual. Durante três horas, na manhã da sexta-feira, 9 de outubro, Richard Barron e eu, e contando com a colaboração de Israel Leito e Matthew Bediako, expusemos tópicos relativos aos jovens e fizemos recomendações. Como resultado, o concílio tomou seis votos sob o título “Recomendações para reestruturar e reedificar o ministério jovem na igreja adventista do sétimo dia”. A seguir, fazemos um resumo desses votos:

1. Aceitação dos jovens como membros regulares e participantes na igreja.
2. Indicação de especialistas em juventude em todos os níveis da organização da igreja.
3. Estabelecimento de um ministério jovem organizado em todas as igrejas.
4. Abordagem quádrupla ao ministério jovem, incluindo reavivamento, resgate, evangelização e capacitação.
5. Autorização para a elaboração de um plano estratégico destinado a reestruturar e reedificar o ministério jovem.
6. Estabelecimento de um “gabinete jovem” em todos os níveis da organização.

Agora, observemos o que esses votos pedem:

1. Aceitação dos jovens como membros regulares e participantes na igreja.

Esse voto lida com a atitude - nossa atitude para com os jovens como membros da igreja e a atitude dos jovens como resposta. Os jovens devem ser aceitos como membros regulares, e não como membros de segunda classe ou visitantes. A juventude está disposta e até mesmo ansiosa por envolver-se. Isso é necessário para a sua salvação. Devemos possibilitar que a sua contribuição seja significativa e não apenas de aparências. A inclusão dos jovens na vida da igreja é obrigatória - não pode ser opcional.

2. Indicação de especialistas em juventude em todos os níveis da organização da igreja.

Precisa ser restabelecida uma rede de líderes qualificados, nomeando ou elegendo um especialista em jovens em todos os níveis da organização. Os líderes e membros da igreja devem considerar a liderança dos jovens sob a mesma perspectiva dos próprios jovens, bem como sob um ponto de vista adulto ou administrativo, e precisam apresentar modelos de liderança que conservem a credibilidade entre os jovens e tenham a capacidade de desenvolver um tom espiritual. O estabelecimento de uma rede de especialistas em juventude, designados em todos os níveis da organização, desde a igreja local até à Associação Geral não significa apenas indicar ou eleger as pessoas, mas assegurar que as pessoas escolhidas tenham os recursos e o preparo em liderança essenciais para a manutenção da rede.

3. Estabelecimento de um ministério jovem organizado em todas as igrejas.

Esse voto reconhece a necessidade de estabelecer uma organização jovem em cada igreja local, com preparo e recursos adequados para mantê-la. O estabelecimento de uma organização jovem em todas as igrejas exige mais do que levar recomendações à comissão de nomeações. Significa oferecer o apoio necessário para garantir que a filosofia do ministério jovem adventista seja conhecida e posta em prática em todas as igrejas. Requer que se mantenha em cada igreja um ministério jovem funcionando.

Desafio do Ministério Jovem

4. Abordagem quádrupla ao ministério jovem, incluindo reavivamento, resgate, evangelização e capacitação.

Esse voto focaliza uma abordagem espiritual do ministério jovem. A aceitação e execução desses quatro módulos devem permear todos os votos acima. Por sua ênfase especial, têm a intenção de:

- a. Fortalecer a vida espiritual dos jovens.
- b. Fortalecer a igreja local.
- c. Apoiar os ministros em sua função pastoral junto aos jovens.
- d. Melhorar a qualidade do ministério jovem na igreja.
- e. Oferecer à juventude oportunidades de envolvimento, ação missionária e serviço, possibilitando assim cumprir a missão da igreja.

A abordagem dos quatro módulos (reavivamento, resgate, evangelização e capacitação) coloca o ministério jovem em sintonia com as funções e alvos básicos estabelecidos anos atrás: a salvação da juventude e seu compromisso de servir, cumprindo a missão da igreja. Esses quatro temas ou módulos são básicos para reestruturar e reedificar o ministério jovem. Para que recebam a devida ênfase, é necessário que sejam plenamente compreendidos. Examinemos cada um deles, separadamente:

Reavivamento

Segundo os dicionários, reavivamento tem vários significados.

- a. Retorno à vida após a morte ou morte aparente.
- b. Retomada de atividades após um estado de sonolência ou depressão.
- c. Recuperação de um estado de negligência ou esquecimento.
- d. Estimulação da lembrança.
- e. Renovação das atividades na vida religiosa.

Todas essas definições são aplicáveis à nossa compreensão do reavivamento no ministério jovem. Esse reavivamento pode ser aplicado em várias áreas:

Reestruturação e reedificação

- a. O reavivamento da vida espiritual do indivíduo; qualquer ênfase ou atividade que melhore a vida devocional da pessoa e lhe fortaleça o relacionamento com Deus.
- b. Um reavivamento do ministério jovem na igreja local e em todos os outros níveis da organização da igreja.
- c. Um reavivamento da juventude, renovando seu interesse e compromisso com a missão da igreja.
- d. Uma renovação do interesse dos jovens por sua igreja, mensagem, herança, suas normas - com reflexos na crença e na prática.
- e. Um reavivamento dos membros e da liderança, aceitando a sua responsabilidade para com os jovens da igreja.

Esse reavivamento busca a consolidação e a evangelização dos jovens da igreja. É um autêntico evangelismo interno, que reconhece a salvação da juventude como o objetivo básico do ministério entre os jovens. Essa ênfase deve levar-nos a examinar as atividades, os programas e recursos atuais, para ver se alcançam os alvos. Não é um programa em si, mas sua ênfase pode resultar no fortalecimento ou na reformulação de programas, bem como na criação de iniciativas que produzam reavivamento.

“Reavivamento significa uma renovação da vida espiritual, um despertar das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança de ideias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não produzirá bons frutos, a menos que esteja ligada com o reavivamento do Espírito” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 25 de fevereiro de 1902).

Esforcemo-nos por aperfeiçoar a vida devocional de todos os jovens! Através de nosso ministério entre a juventude, necessitamos proporcionar uma atmosfera e um ambiente dentro dos quais o Espírito Santo possa trabalhar. Devemos desafiar

Desafio do Ministério Jovem

nossos jovens a que cultivem um relacionamento pessoal com seu Senhor. Precisamos “agir com fervor, como se valesse a pena salvar homens e mulheres” (Ellen G. White *Testemunhos Seletos*, vol. III, p. 342).

Resgate

Esse módulo focaliza a atenção na apostasia e perda de muitos de nossos jovens. Ele nos impelirá a tomar providências em nosso ministério, para recuperar a juventude que se afastou da igreja.

Resgate é o ato de reconquistar, retomar, recobrar ou obter novamente a posse. É restaurar de uma condição inferior. Essa é a afiada lâmina da armadura espiritual.

Resgate é o ministério jovem em ação; é a aplicação prática do poder do evangelho.

Devem ser mantidas em mente todas as facetas do ministério jovem quando se lida com esse aspecto redentor. Ele deve refletir-se em nossos planos estratégicos, em nossa estrutura organizacional e em nossa ênfase prática. São esses os nossos jovens, nascidos e criados em nossos lares e igrejas. Precisamos iniciar planos e programas para reconquistá-los.

Nossos esforços precisam não só refletir-se em novas iniciativas, mas levar-nos a examinar os programas atuais para verificar que ênfase está sendo dado ao resgate.

Evangelização

Aqui devemos utilizar os talentos e o potencial da juventude para cumprir a missão da igreja. A esse aspecto temos concedido ênfase, prioridade, tempo e recursos financeiros. Não podemos diminuir o enfoque nessa área, mas devemos certificar-nos de que os outros módulos recebam uma atenção equivalente.

Evangelização é o ato de instruir no evangelho, ou de pregar o evangelho a alguém e/ou convertê-lo à crença no evangelho. No ministério jovem, isso é certificar-se de que estamos agindo como evangelistas, conduzindo os jovens a Cristo, tomando providências para capacitá-los ao serviço e lhes oferecendo oportunidades de

envolvimento no trabalho missionário.

Capacitação

Nossa ênfase, nesse módulo, é propiciar um contínuo crescimento espiritual e um compromisso por parte de nossa juventude. Ressaltar o reavivamento, o resgate e o evangelismo enquanto se negligencia a capacitação é favorecer a apostasia. A capacitação é a receita para a conservação e o crescimento.

Capacitar significa:

- a) treinar, tornar apto, habilitar ;
- b) educar, criar ou ensinar.

Capacitar é ensinar com interesse protetor. A capacitação engloba o amor e a preocupação que temos pela salvação dos jovens e nosso profundo desejo de ver seu contínuo crescimento e dedicação à igreja. Envolve atenção à estrutura e organização e também educação e ensinamento. Preocupa-se com a liderança e com o preparo para a liderança. A capacitação existe em qualquer programa, atividade ou recurso que assegure um crescimento contínuo e a manutenção de nosso programa e ministério entre os jovens e em favor deles. A capacitação é um preventivo para a ocorrência da apostasia. A ênfase sobre a capacitação também proporcionará um plano sistemático para lidar com novos membros.

A atenção a esse módulo produzirá a necessidade de renovar nossa compreensão acerca da filosofia adventista, que apresenta uma sólida base bíblica em sua abordagem do ministério voltado para a juventude.

Esses quatro módulos harmonizam-se com as funções e os objetivos básicos do ministério jovem. Se aplicados com oração e cuidado, melhorarão a qualidade desse ministério. Sua ênfase realçará nossa missão como igreja e fará muito para proporcionar a salvação e a conservação de nossa juventude. Esses módulos devem permear todo aspecto do ministério jovem - na igreja local, na escola sabatina dos jovens, no clube dos Desbravadores, no clube de Aventureiros, no culto J.A. e na sala de aula. Devem atuar como um filtro ou teste para todas as nossas atividades dentro do ministério e da programação

Desafio do Ministério Jovem

jovem. Esses quatro módulos têm o potencial de influenciar a reestruturação e a reedificação do ministério jovem.

5. Autorização para a elaboração de um plano estratégico destinado a reestruturar e reedificar o ministério jovem.

Foi reconhecida essa necessidade e houve a preocupação com a unidade na elaboração de um plano estratégico que pudesse ser adotado por todos os níveis da organização.

6. Estabelecimento de um “gabinete jovem” em todos os níveis da organização.

Esse voto requer o estabelecimento de um “gabinete jovem” para todos os níveis, com a função de ouvir e atender as preocupações e idéias da juventude. Atuando como comissões permanentes, esses gabinetes fariam recomendações que poderiam ser incorporadas aos programas, praxes e votos da igreja. O “gabinete jovem” deve ser estabelecido imediatamente em todos os níveis da organização. Esse “gabinete jovem” ouve os jovens e seus líderes, toma consciência das condições físicas e espirituais do ministério jovem naquele nível, e aceita recomendações. Deve ser uma comissão permanente, e seus tópicos para discussão devem basear-se na abordagem dos quatro módulos: reavivamento, resgate, evangelização e capacitação.

Na igreja local, o pastor, o diretor de jovens e um membro da comissão da igreja devem participar das reuniões do “gabinete jovem”. Na esfera da Associação, Missão, União, Divisão, o presidente, o diretor de jovens e pelo menos um membro da comissão diretiva devem estar presentes. Os relatórios e as recomendações desses gabinetes jovens, juntamente com os relatórios da subcomissão dos jovens das divisões, devem formar a base do plano estratégico geral para a reestruturação e a reedificação do ministério jovem. Isso requer muita orientação, organização e planejamento. Os relatórios do “gabinete jovem” da igreja local devem ser recebidos pelo “gabinete jovem” da Associação (junto com sua própria agenda). As recomendações desse gabinete serão discutidas no “gabinete jovem” da União, e assim por diante. Isso parece representar muito trabalho, mas é necessário. Precisamos ouvir e respeitar a voz dos jovens,

aceitar suas recomendações e agir em conformidade com elas, além de torná-los participantes da totalidade do plano estratégico.

Os diretores de jovens da Associação Geral ficaram entusiasmados com esses votos e as possibilidades de mudança que abrangiam. Os votos do concílio anual de 1992 apresentaram uma múltipla abordagem para a reconstrução do ministério jovem. As primeiras recomendações abrangiam os passos necessários para a administração e a liderança em todos os níveis. As demais envolviam a resposta dos próprios jovens. A recomendação que requeria a formulação de um plano estratégico precisava ser iniciativa da administração. Isso não significava, entretanto, que a administração agiria isoladamente. A recomendação do “gabinete jovem” significava a oportunidade de se ouvir a voz do jovem.

Todos esses votos deveriam ser analisados e implementados em cada nível da igreja. Esse processo de planejamento, para ser bem-sucedido, precisaria ser adotado em todos os níveis. Embora a Associação Geral tivesse confirmado e apoiado os votos de 1992, os líderes deveriam buscar recomendações de suas Divisões no sentido de uma elaboração de planos estratégicos para a reedificação do ministério jovem. A execução e avaliação de votos tomados no âmbito da Associação Geral caberia às Divisões, pois cada uma conhece melhor suas prioridades, recursos e necessidades.

Ainda hoje a resposta a esses votos precisa ser unida e combinada. É necessário que trabalhemos unidos, com determinação e propósito, para salvar nossa juventude.

capítulo 15

COMISSÃO PARA TRATAR DOS JOVENS

Nos dias 8 a 16 de julho de 1993, a liderança de jovens da Associação Geral e das Divisões reuniu-se no Colégio Newbold, Inglaterra. A Comissão designada para tratar da área jovem recebeu uma dupla tarefa:

1. Analisar as conclusões e recomendações das subcomissões da área jovem das Divisões mundiais e preparar um relatório para a comissão J.A. da Associação Geral, a ser apresentado por ocasião do concílio anual de outubro de 1993.
2. Começar o preparo de um plano estratégico e tático com o objetivo de remodelar o ministério jovem.

Os diretores J. A. apreciaram profundamente a oportunidade desse extraordinário encontro do pessoal da área jovem das Divisões. Foi extremamente proveitoso o tempo dedicado a analisar e avaliar as condições da juventude adventista e do ministério jovem, bem como o tempo para utilizar essas informações no sentido de traçar um plano estratégico para o futuro.

Esse grupo de líderes precisou de tempo para se reunir e estabelecer estratégias, alvos e direção ao ministério jovem. Somente dessa maneira se pôde chegar à unanimidade quanto aos procedimentos na área jovem em todo o mundo. O relatório dessa comissão foi apresentado e aceito por ocasião do concílio anual da Associação Geral, em Bangalore, na Índia, em 1993. As questões prioritárias reveladas pelos estudos de todas as Divisões foram:

1. O estado atual da juventude adventista e do ministério jovem.

Comissão para tratar dos jovens

2. A influência negativa de um ambiente frio na igreja.
3. Os fatores que contribuem para que haja ou não lealdade para com a igreja.
4. A influência das questões sociais no ministério jovem.
5. A apostasia entre os jovens, o resgate e a conservação dos mesmos.
6. O clamor da juventude por envolvimento em todos os aspectos da missão da igreja.
7. O relacionamento que deve existir entre o pastor e os jovens.
8. A qualificação, a seleção e o treinamento da liderança jovem em todos os níveis.
9. A queda na qualidade do ministério jovem, causado por frequente rotatividade do pessoal da área J. A.
10. O futuro do ministério jovem no século 21.

O relatório completo dessa comissão deveria ser cuidadosamente estudado por todos os que hoje se encontram envolvidos no ministério jovem. Suas muitas descobertas e recomendações nos permitem tirar nossas próprias conclusões quanto ao rumo do ministério jovem no futuro. Aqui ressaltamos alguns dos principais aspectos:

- A cultura, a raça e o ambiente desempenham um papel mínimo em relação com as grandes questões que hoje desafiam o ministério jovem e a mocidade adventista. Temos dado ênfase indevida ou exagerada às diferenças que podem existir entre regiões desenvolvidas ou em desenvolvimento. Na verdade, as necessidades básicas de todas elas são comuns. A influência das questões sociais, a aceitação de doutrinas e normas da igreja, a discrepância entre fé e prática, o ambiente na igreja e a lealdade para com ela e com a missão. As descobertas nessas áreas não revelam uma diferença notável entre as diferentes regiões do campo mundial.

- As pesquisas permitiram observar o que se chamou de “indicadores de risco”. Mediante eles foi possível verificar se a conduta de um determinado jovem se desviava o suficiente para causar preocupação. Esses “comportamentos de risco” foram considerados

pelos jovens como moralmente condenáveis. Apesar disso, sua prática segue extensa. As informações obtidas demonstraram que os jovens conhecem as doutrinas e normas e que estão profundamente convencidos acerca da maioria delas. No entanto, o que praticam é questionável. As ações e a doutrina estão bastante dissociadas.

- A redução dos comportamentos de risco guarda relação com uma fé sólida e amadurecida. Os jovens estão solicitando informações relevantes, baseadas na Bíblia, acerca desses comportamentos. O interesse deles nesse aspecto é evidente. Um dos papéis do ministério jovem é educar e exemplificar comportamentos positivos. Devem-se estabelecer métodos que proporcionem ampla troca de idéias e que, a partir disso, se definam normas a respeito do assunto.

- Há uma grande possibilidade de que os jovens adotem um estilo de vida adventista ortodoxo, mais prática devocional, amadurecimento da fé e uma orientação para a salvação pela graça, se for reduzido o envolvimento nas “atividades de risco”. Essa é uma clara indicação de que se necessita de mais informação, mais planejamento e uma direção mais definida nesse aspecto da vida dos jovens. Quanto mais pudermos reduzir os comportamentos de risco entre eles e oferecermos mais informações sobre isso, maior será sua fé e devoção.

- O lar, a congregação e a escola desempenham papel importante em ajudar os jovens na questão do envolvimento em comportamentos de risco. Quando comparamos jovens adventistas que estudaram em nossas escolas e foram ativos nos Desbravadores ou na sociedade J.A. com jovens que tiveram pouco ou nenhum envolvimento em atividades semelhantes, as estatísticas revelam que os primeiros são muito mais leais à igreja, possuem mais fé e apresentam um declínio igualmente marcante nas atividades de risco e apostasia.

- Se os jovens se mantêm próximos de seus pais, de seus amigos, ou de líderes que defendam valores espirituais, receberão proteção, pois esses relacionamentos significam calor humano, apoio e solicitude.

- Manter elevadas normas no lar exercerá sobre os jovens uma influência protetora, mas somente nos casos em que essas normas

são impostas com amor, por pessoas que amem de verdade.

- Precisamos dar nova ênfase às práticas que promovem uma rica vida devocional e um envolvimento pessoal com a religião. Devemos incentivar a troca de ideias acerca do significado da fé e do lugar que ocupam as doutrinas. Precisamos ensinar que a religião é basicamente uma questão de relacionamento - com Deus e com o próximo - em vez de um sistema de doutrinas ou um código de comportamento. A maioria dos jovens adventistas indicou um alto grau de concordância com as principais doutrinas da igreja, particularmente com aquelas que também são pregadas por outras denominações expressivas. Essa concordância, entretanto, não se estende a nossas doutrinas distintivas. Muitos dos jovens de hoje questionam a posição da igreja acerca de Ellen White, do juízo investigativo e do conceito do adventismo como igreja remanescente. Corremos o perigo de criar uma nova geração de jovens que não se apeguem firmemente aos ensinamentos exclusivos do adventismo. Precisamos fazer tentativas mais eficazes para oferecer aos jovens a oportunidade de estudar nossas principais doutrinas de uma forma que lhes seja interessante e convincente.

- O ambiente na igreja é decisivo para ajudar a juventude a entender e manter o interesse nas coisas espirituais. O ambiente na igreja parece ser o mesmo em todo o mundo. As igrejas simplesmente não estão fazendo o suficiente para incentivar uma programação cuidadosa, atenta e interessante para a juventude. Como resultado, os jovens adventistas sentem-se deixados de fora. A igreja adventista parece estar perdendo quase um terço de seus jovens porque se recusa a convidá-los a participar da programação e do envolvimento na vida congregacional, deixando também de propiciar um diálogo aberto e sem pré-julgamentos acerca das questões da igreja e de preocupações teológicas. A liderança é zelosamente constituída por membros adultos da igreja e raramente confiada aos jovens. Como resultado, os jovens sentem que são muitas vezes usados para fazer o trabalho servil e tarefas insignificantes, raramente sendo solicitados a conduzir importantes projetos.

- Os jovens querem participar da obra da igreja. Muitos se

Desafio do Ministério Jovem

comprometem a cumprir a missão da igreja. Eles a veem como a sua igreja.

- Ajudar os outros é sinal de compromisso com Deus e com a igreja. Se os projetos de envolvimento são cruciais para fortalecer a fé, como os dados sugerem, então precisamos tomar providências para que haja envolvimento e participação maior nas atividades em todos os níveis.

- A igreja do futuro precisa considerar o impacto das questões sociais e o modo como afetam nosso ministério entre os jovens. Questões como o desemprego, problemas de moradia, pobreza, AIDS, homossexualidade e até mesmo a falta de instalações ou oportunidades adequadas para recreação constituem considerações importantes no fortalecimento ou na estruturação do ministério jovem do futuro. Esses itens são considerados tão importantes para promover a apostasia como o são o materialismo e o secularismo. Nosso ministério pode ser compelido a oferecer apoio físico, em lugar de apenas troca de idéias e informações.

Embora as possíveis mudanças na estrutura departamental do ministério jovem se revestissem de profunda importância para os participantes do encontro em Newbold, propositadamente não tratamos diretamente do assunto. Estávamos mais preocupados na qualidade do ministério jovem oferecido pela igreja do que na estrutura através da qual ele seria apresentado. Essas questões, entretanto, estão definitivamente entrelaçadas. A própria estrutura do departamento precisa ser estudada, já que a atual estrutura e filosofia mudaram pouco desde seu início em 1901.

Mas a igreja mudou. O mundo mudou, e os jovens e as questões que eles enfrentam são diferentes. Estamos no século 21. A estrutura e a filosofia de nosso departamento devem refletir isso e nos capacitar a alcançar o alvo. Necessitamos de uma reavaliação da filosofia do departamento e uma descrição de suas atividades em todos os níveis.

As constantes mudanças do pessoal da área jovem e o número de líderes não qualificados em todos os níveis têm exercido um efeito negativo sobre a qualidade do ministério jovem oferecido

Comissão para tratar dos jovens

pela igreja. Devemos encarar nossa responsabilidade de oferecer instrução e treinamento adequados para nossos líderes de jovens. Isso deveria ser visto tanto na filosofia do ministério jovem adventista como nos pormenores e na mecânica dos programas e atividades do departamento.

Uma liderança capacitada e qualificada, comprometida com os objetivos bíblicos do ministério jovem, fará muito para melhorar a qualidade do ministério em favor da juventude de nossa igreja.

capítulo 16

PRESENTE E FUTURO

O número de jovens adventistas no mundo, até os 30 anos de idade, era de aproximadamente 8.450.000, no final de 2003. Desses, dois milhões eram Desbravadores. E cerca de seis milhões eram jovens adventistas na faixa dos 16 aos 30 anos.

Muitos desses jovens comprometeram-se a cumprir a missão da igreja. Eles a veem como a *sua* igreja, como já dissemos. Não desejam dominar, mas querem ser aceitos como iguais, partilhando as responsabilidades e os privilégios da condição de membros da igreja. Apesar das atitudes dos membros adultos, dos sinais indefinidos de apoio por parte de alguns pastores e líderes, e das pesadas pressões da sociedade moderna e de seu sistema humanista de valores, muitos desses jovens estão ansiosos por envolver-se na missão da igreja. De todos os projetos atuais da Missão Global em regiões novas ou não alcançadas até há pouco tempo, 75% envolvem jovens. Em 1993, Ano do Evangelismo Jovem, a juventude realizou 100.000 projetos evangelísticos e alcançou seu alvo de 400.000 batismos.

Os jovens ajudaram a construir esta igreja. Tem uma grande responsabilidade por seu atual crescimento e, no futuro, para que se complete nossa missão e se conclua a obra, eles precisarão estar envolvidos. E a juventude está disposta a se envolver. Essa participação deve ser intensa.

Os jovens estão pedindo que alarguemos nossa visão para enxergar a igreja e o envolvimento através dos olhos deles. Nossa definição de envolvimento precisa ser ampliada. Para os jovens,

significa entrega total a uma causa na qual são sócios. Envolvimento, para eles, quer dizer dar-se a uma causa pela qual vale a pena viver - e morrer. Significa assumir cargos em todas as atividades da igreja, servindo-a em comissões e subcomissões, ensinando nas unidades da escola sabatina, pregando sermões, ajudando a financiar a missão da igreja e sendo parte dela como abelhas operárias. Envolve também usar a energia e os talentos no serviço voluntário em projetos de duração curta ou longa, dentro e fora do território de sua Divisão.

Hoje é tempo de reavaliar o ministério em favor dos jovens de nossa igreja. Nos votos do concílio anual da Associação Geral, em outubro de 1992, vimos diante de nós uma oportunidade única. Isso foi uma resposta às orações de muitos líderes e jovens ao redor do mundo. Precisamos aproveitar agora essa oportunidade. Considerar os votos do concílio e as conclusões da comissão encarregada de estudar a problemática jovem como destituídos de importância, ou ainda deixar de agir em conformidade com eles, resultará em desperdiçar nossa iniciativa e em subestimar a importância atribuída a esses votos pela igreja mundial como um todo.

Nossa credibilidade, tanto aos olhos dos jovens como dos administradores, está em jogo. Este não é o momento de pensar sobre o que poderia ter sido. É hora de tornar realidade a nossa visão sobre o ministério jovem. Para tanto, precisamos examinar algumas questões básicas:

1. Precisamos reedificar o ministério jovem. Esse fato deve ser visto por todos os participantes como uma necessidade real.
2. O ministério jovem não pode permanecer como está. Não temos tempo para nos lamentar ou nos engrandecer. A vida de nossos jovens está em jogo. Não podemos viver no passado. A igreja e o mundo não são os mesmos de ontem. As prioridades e as circunstâncias mudaram. Precisamos adaptar nossos recursos para enfrentar as necessidades e os desafios de amanhã. Prolongar a situação atual promoverá a erosão do ministério.
3. O tempo do fim é agora - não no futuro. A profecia o anunciou

Desafio do Ministério Jovem

há muito. Devemos dizer: “Se Cristo vier enquanto estou ocupando este cargo, que diferença terá causado o meu ministério junto aos jovens?”

4. O único motivo da existência da igreja é salvar pessoas.
5. Não estamos aqui para começar a obra, estamos aqui para concluí-la. Devemos ter um senso de urgência. Nenhuma outra geração teve esse privilégio. Este é o dia que os pioneiros da igreja quiseram ver.
6. A chuva serôdia está caindo e as pessoas se unem para dar-se a si próprias e a seus recursos. Os jovens fazem parte da igreja e devem também ocupar seu lugar.
7. Precisamos atuar com rapidez e preparar a juventude para o que está por vir e para receber a seu Senhor.

A igreja, incluindo seus administradores, está levando a sério a necessidade de reestruturar e reedificar o ministério jovem. A esse respeito, devem-se observar os seguintes pontos:

1. Se a salvação dos jovens é nosso objetivo, então nossa ênfase deve ser espiritual.
2. Devemos redefinir nossa motivação e nosso desejo de mudança. O reconhecimento de uma necessidade sem o desejo correspondente de supri-la, não nos levará longe. Nossa motivação deve ser profunda e genuína. Devemos ter um zelo ardente pela salvação de nossos jovens.
3. Nossa ênfase deve estar voltada para o ministério, e não para a mecânica da administração do programa. Precisamos mais uma vez nos concentrar nos legítimos objetivos e funções do ministério jovem.
4. O plano estratégico resultante, de reestruturação e reedificação do ministério jovem, deve ser fruto do esforço conjunto de envolvimento, participação e apoio de todos os níveis da organização da igreja.

Se os jovens são a igreja de hoje, e se a salvação deles é o que realmente importa, então a urgência exige que as mudanças sejam

profundas, e não apenas superficiais.

Precisamos levar a sério esses votos, devemos examiná-los cabalmente e começar de imediato sua execução. Nosso argumento é que, embora seja inquestionável a atual disposição da juventude para se envolver e a sua contribuição para o crescimento da igreja esteja bem documentada, a qualidade do ministério jovem se deteriorou. Há motivos e muitos fatores que contribuem para isso, mas demorar-se na documentação de problemas sem encontrar e executar as soluções é um exercício de futilidade. E esses problemas já foram bem catalogados.

Pesquisas realizadas pela igreja em muitas partes do mundo concordam em que mudanças precisam ser efetuadas. É tempo de fortalecer e se necessário reestruturar e reconstruir o ministério jovem em todos os níveis da organização eclesiástica, desde a igreja local até a Associação Geral.

O atual envolvimento dos jovens e o crescimento da igreja, entretanto, não contam a história toda. Temos realizado uma grande obra, mas há uma vasta oportunidade para melhorar. Sabemos de algumas coisas que precisam ser feitas. Numa igreja local que tenha uma ativa sociedade de jovens, um clube de Desbravadores, um clube de Aventureiros, escola sabatina para jovens e onde a juventude frequente escolas da igreja, a conservação dos jovens nascidos e criados dentro de famílias adventistas melhora substancialmente. O índice de retenção aumenta de 50 para mais de 80%. Nos lugares onde não há um programa para a juventude na igreja local, os dados se invertem e conseguimos reter menos de 20% dos nossos jovens.

Em outras palavras, se não fizéssemos nada mais além de oferecer um ativo ministério jovem em todas as igrejas locais, aumentaríamos nossa taxa de conservação da juventude em 30%. Isso significaria quase dois terços de um milhão de jovens a mais, salvos da apostasia.

Essa foi a razão para dois votos do concílio anual de 1992:

1. A indicação de especialistas em juventude em todos os níveis da organização eclesiástica, desde a igreja local até à Associação Geral.
2. O estabelecimento de uma organização jovem em cada igreja.

Entretanto, isso por si mesmo não solucionará todos os problemas.

Desafio do Ministério Jovem

O funcionamento do ministério jovem em todos os níveis da organização, incluindo a igreja local, deve combinar-se com a reestruturação e a reedificação do ministério jovem.

Deve-se examinar a filosofia de nosso ministério jovem e ela deve se refletir em nossas atitudes, programas, atividades, currículos escolares, recursos, orçamentos, liderança, capacitação, bem como em nossas organizações.

Precisamos tomar novas iniciativas e adotar abordagens que salvem os jovens e os envolvam no cumprimento da missão da igreja. Temos tempo para fazer isso apenas uma vez; façamo-lo, portanto, da maneira correta logo de início. Cabe a todos nós essa iniciativa, bem como o plano estratégico para sua implementação.

Devemos ser práticos, mas também visionários. Precisamos cumprir a tarefa, salvar nossos jovens, completar a missão da igreja e guiar nossa juventude dentro do século 21, bem equipada e desafiada a enfrentar as complexidades da sociedade, conservando-lhe a segurança em Cristo.

É disso que tratam os votos. E eles exigem nossa atenção imediata.

capítulo 17

NOSSA MISSÃO

Quando os líderes do ministério jovem da Associação Geral e das Divisões se reuniram em julho de 1993, no Colégio Newbold, conforme vimos, para analisar as descobertas da comissão e preparar o relatório, viram-se mergulhados em quase mil páginas de relatórios, pesquisas, estudos e recomendações das Divisões. Era óbvio que mudanças precisariam ser feitas, novas iniciativas tomadas, preparados novos recursos, bem como reciclados ou capacitados os líderes. Antes que isso pudesse ser feito, entretanto, o próprio ministério jovem precisava ser definido para que estivéssemos unidos em propósito. Precisávamos nos concentrar no alvo básico, em nosso objetivo ou função primordial, nossa razão de ser! Precisávamos preparar uma definição do ministério jovem, nossa própria declaração de missão. Isso foi feito, e os participantes aceitaram por unanimidade. Se devemos reestruturar e reedificar o ministério jovem, precisamos primeiro estudar esta declaração de missão. Não é uma declaração isolada. Representa uma extensão da declaração geral da missão da igreja, esclarecendo e definindo o enfoque e a tarefa do ministério jovem dentro dessa missão.

A declaração diz que a igreja defende suas funções e alvos históricos do ministério jovem, firmados nas Escrituras e moldados por orientação divina. O primeiro parágrafo dessa declaração do ministério jovem diz tudo:

“O objetivo primordial do ministério jovem é a salvação dos jovens por meio de Jesus Cristo. Entendemos que o ministério jovem é a parte da obra

Desafio do Ministério Jovem

da igreja que é realizada para os jovens, com os jovens e pelos jovens.

Nossa tarefa consiste em:

- Levar os jovens a se conscientizar de seu próprio valor e a descobrir e desenvolver seus dons e habilidades espirituais.
- Capacitar os jovens a uma vida de serviço na igreja de Deus e na comunidade.
- Assegurar a integração dos jovens em todos os aspectos da vida e da liderança da igreja, de maneira que possam participar plenamente de sua missão” (Parágrafos da declaração de missão do ministério jovem, adotada pelos diretores de jovens da Associação Geral e Divisões, em julho de 1993).

Essa declaração de missão define o nosso alvo de trabalho. A declaração deveria ser aceita por todas as Uniões, Associações, Missões e igrejas locais. Deveria ser estudada e acatada pessoalmente por todos os pastores e líderes de jovens, além de apresentada e explicada a todas as pessoas que tivessem a intenção de trabalhar em favor da juventude. Deveria ser apresentada como uma realidade aos próprios jovens, para que eles pudessem compreender que o nosso envolvimento em seu benefício vai muito além dos programas em si. Devem reconhecer, em Cristo, nosso profundo amor e interesse por eles e a preocupação que sentimos pelo bem estar de suas almas. Quando isso se tornar realidade, o ministério jovem terá cumprido sua missão.

Tenho trabalhado pelos jovens por mais de trinta anos. Muitos outros líderes também tem estado envolvidos com movimento jovem por um longo período de tempo. Creio que é hora de reavaliarmos o ministério jovem adventista. É tempo de reflexão. Temos alcançado nossos alvos? Podemos fixar alvos para o futuro com base em nossos erros ou conquistas do passado?

Nossas conquistas não são os programas que conduzimos ou os conceitos que lançamos, as instalações que construímos ou equipamos, mas sim a boa impressão que temos causado sobre a vida individual de

nossos jovens. Posso hoje ver adultos que conheci como Desbravadores. Alguns já têm seus próprios filhos. Que efeito produzimos neles? De que modo lhes influenciámos o destino eterno? Pense em sua família, em suas igrejas, em seus jovens. Que influência exerceu você no sentido de desafiá-los?

Estes têm sido meus objetivos pessoais no ministério jovem:

1. Apresentar um estilo viável de vida cristã. Demonstrar um conhecimento prático e experimental de religião.
2. Estabelecer uma atmosfera espiritual entre os jovens, e conservá-la.
3. Proporcionar um clima adequado para que o Espírito Santo possa atuar. Esse último objetivo, creio eu, é a maior tarefa dentro do ministério jovem. Tudo o que tentarmos realizar, todo o trabalho físico que pudermos fazer, é somente para proporcionar um clima ideal para que o Espírito Santo tenha condições de atuar. Naquele maravilhoso momento, naquele lugar, naquele tempo em que unirmos os jovens pela graça de Deus, o Espírito Santo poderá então tocar-lhes o coração e a vida para a eternidade.

Esses alvos do ministério jovem podem ser alcançados mediante exemplificação e programação; mediante atividades espirituais, sociais e recreativas; mediante testemunho pessoal e serviço.

O ministério jovem adventista difere dos ministérios jovens do mundo, assim como nossa mensagem é diferente e distinta. A adoção de costumes e práticas do mundo apenas nega o nosso propósito, afasta a espiritualidade dos jovens e nos diminui a eficiência como igreja. Leva-nos a esquecer nossa missão e resulta na perda de nossos filhos. Diante de nós está um novo dia para o ministério jovem. O desafio é inconfundível. A ordem para fortalecer e reedificar foi dada.

O ministério jovem não é um adendo às atividades da igreja. Bíblica e historicamente é sua principal responsabilidade. Nossa atitude para com os jovens da igreja é na realidade nossa atitude para com o ministério. As orientações e instruções são claras. “Apascenta minhas ovelhas. Apascenta meus cordeiros”. Essa é verdadeiramente a mensagem de Elias.